



Apenas 11 passageiros — todos hospitalizados — sobreviveram ao acidente aéreo ocorrido na madrugada de ontem com um jumbo colombiano.
Na foto, um aspecto do amontoado metálico em que se converteu o «Boeing» 747

Catástrofes aéreas em Espanha e na Nigéria

Dias negros para a aviação comercial

183 mortos em Barajas e 63 na queda de aparelho nigeriano

Págs. centrais e 24

À venda em Portugal

«Tanderil»
e «Butazolidini»
considerados
medicamentos
mortais

Olle Hansson, médico sueco residente em Göttingen, revelou — num artigo publicado no matutino liberal «Dagens Nyheter», o conteúdo do até agora secreto relatório da transnacional farmacêutica Ciba-Geigy, no qual se especifica que o uso dos medicamentos «Butazolidin» e «Tanderil» causou a morte de 1182 pessoas — informa a agência IPS em telegrama de Estocolmo. Tanto o «Butazolidin» como o «Tanderil» são dois medicamentos usados em todo o mundo. São indicados contra o reumatismo, o lumbago, e têm, além disso, uma vasta utilização como analgésicos.

Mesmo nos casos em que os efeitos secundários decorrentes da utilização destes medicamentos não tenham provocado consequências fatais, o dr. Manson afirma que, na maioria dos casos, produziram-se já «graves feridas na pele, semelhantes a queimaduras». Outro dos efeitos secundários registados é a tendência para afecções ulcéricas com derramamento sanguíneo.

Mas os efeitos sem dúvida mais perigosos registam-se em 30 por cento dos casos, devido a complicações no sistema sanguíneo que afectam a

Continua na pág. 24

Exclusivo «DL»

Vice-primeiro-ministro da Hungria:

‘O socialismo reparte de modo mais humano’

Págs. 14 e 15

Hoje

Sete
Ponto
Sete



O trunfo é espadas

Os homens
que ainda
são
muito
homens

Ruiu mais um prédio em Lisboa

Oitenta pessoas sem lar na Av. Barbosa du Bocage

Oitenta pessoas ficaram ao fim da noite de ontem sem lar ao ruir parte do prédio n.º 77 da Avenida Barbosa du Bocage, perto do Campo Pequeno (nas Avenidas Novas). Esta manhã, a Junta de Freguesia de Nossa Senhora de Fátima, a que os moradores daquela artéria administrativamente pertencem, desconhecia que o sinistro se tinha verificado, pouco antes da meia-noite.

Um informador da Polícia Municipal adiantou ao «DL» que os desalojados já estavam realojados, parte deles em casa de familiares e amigos. Os hóspedes de uma pensão que aí existe, constituindo a maioria dos desalojados, foram encaminhados para o centro daquela corporação, na Rua Saraiva de Carvalho.

O desmoronamento da parte traseira do prédio, que se admite não tenha resistido à infiltração das chuvas torrenciais que caíram no penúltimo fim-de-semana, ocorreu dez minutos depois das 23 horas de ontem. Os BSB prestaram os primeiros socorros aos sinistrados, ao mesmo tempo que a Polícia Municipal providenciava pelo seu realojamento. Esta manhã, os bombeiros procediam à evacuação dos haveres dos inquilinos do prédio de quatro andares, dois deles ocupados pela pensão.



E o menino deixou de ser menino — 1

O Menino era muito menino, dormia no seu berçinho de embalar junto à cama dos pais e andava sempre no regaço da mãe e no regaço das avós, a avó materna e a avó paterna, no regaço das tias solteiras, duas moçoilas robustas e vícias, a tia Francisca e a tia Rosalina, e no regaço da madrinha Francisca, bebia o leite que mamava dos seios da mãe, a caírem-lhe na boquinha pela blusa aberta no peito dela, dois seios muito brancos e acetinados, os mamilos na ponta, em baixo, escurinhos e macios, bebia os beijos dos lábios puros e amorosos da mãe, dos lábios áspersos e doridos da avó materna e da avó paterna, bebia os beijos dos lábios camudados e húmidos da tia Francisca e da tia Rosalina, os beijos dos lábios da madrinha Francisca, tão puros, tão amorosos como os lábios puros e amorosos da mãe, os beijos e os mimos que todos lhe davam como prendas ofertadas em preito de homenagem a um príncipe, as tias beijavam-no na beliquinha (1), que beliquinha tão gordinha e tão lindinha, Deus ta guarde meu rico anjinho. O tempo ia passando, dia após dia, semana após semana, mês após mês, o Menino crescia, já arrastava pelo soalho muito lavado, muito limpo, muito cheiroso, a mãe é que lavava com água e sabão, esfregava com a escova de piassá, varria todas as manhãs com a vassoura de junco, a mãe e as tias, já arrastava pelo soalho a barriguinha de pele morenina muito suave, muito fina, logo começou a engatinhar, apoiava-se nos joelinhos tenros e nas palminhas de seda das mãozinhas frágeis, e já emitia sons, a mãe, as avós, as tias, a madrinha Francisca queriam que fossem palavras, esboços de palavras conscientes, o pai dizia que não, que não eram ainda palavras, conscientes ou inconscientes, que não eram senão murmúrios como os das águas mansas do mar, vagidos,

como os do cordeirinho desmamado, que não significavam coisa nenhuma, que resultavam do mexer ocasional dos lábios e da língua no sacrário da boquinha ainda sem dentes, a mãe não acreditava, nem as avós, nem as tias, nem a madrinha Francisca, e a mãe insistia, vê, ouve, repara, nhá-nhá, é mãe, não percebes?, o pai sorria, encolhia os ombros, e por aquele encolher de ombros e por aquele sorriso se ficava, para quê teimar, destruir aquela ingénua e obstinada ilusão da mãe, das avós, das tias, da madrinha Francisca?

Os dias, as semanas, os meses continuaram a passar, borbulharam os primeiros dentinhos do Menino, o Menino sofria, chorava, tinha febre e chorava e sofria, e sofria a mãe, aí meu Menino Jesus da minha alma!, e sofriam as avós, nosso rico Santinho acudi ao nosso Menino!, e tanto sofriam as tias, a madrinha Francisca, Nossa Senhora de Fátima, o nosso Menino!, com os primeiros dentinhos nas gengivas de porcelana rosadinha, os dois incisivos da frente, o Menino parecia querer levantar-se, arregar-se um pouco mais, a mãe segurava nos brancos tenros do Menino, amparava-lhe o corpinho gorduchinho, aguentava-o bem, meu amor, cuidado, não caias, meu anjinho, vamos, vamos, o Menino como que compreendia, e não será que compreendia mesmo?, atravava um pé, o outro, a modos que a tacitar, as pernas a bambolear, afastadas, oscilantes, sem jeito, a mãe sorria, estimulava o seu Menino, não te assustes, não tenhas medo, a mãe, as avós, as tias, a madrinha Francisca sorriam para o Menino, todas não tenhas medo, vamos, vamos, o Menino sorria para a mãe, as avós, as tias, a madrinha Francisca, aquele sorriso do Menino enchia de festa o coração da mãe, não há filho mais bonito e mais esportinho que o meu Menino, e enchia de festa o coração das avós, rico netinho, das tias, da madrinha Francisca, o nosso Menino!, vai andar cedinho, o Menino rondaria os sete mesi-

nhos, e todas, radiantes, primavam com dilúvios de beijos os esforços do Menino, a tia Francisca e a tia Rosalina devoravam-lhe, com os seus beijos sófregos, a beliquinha rechonchutinha, que beliquinha! santo Deus!, e os olhos delas brilhavam como quatro carvões em brasa.

Um dia, a mãe, os passos do Menino eram já menos inseguros, a mãe deixou os brancos tenros do Menino, ficou-se com as mãos pertinho, muito abertas, a um lado, ao outro, toca-não-toca, a tremer, nos ombrinhos delicados, não vá o meu Menino cair e magoar-se, as avós, as tias, a madrinha Francisca estavam com ela, viam, expectativa ansiosa, viam e sorriam, o Menino aguenta-se! aguenta-se, o nosso Menino!, e deu um passo, mais um, outro, e outro, eram passinhos inseguros, indecisos, mas o «Menino da sua mãe» já dava aqueles passos sozinho, eram os primeiros passos que dava assim, foi um dia de júbilo enorme, o Menino alcançara os seus oito mesinhos, a mãe ria, riam as avós, as tias, a madrinha Francisca, as tias a gritar, olhos brilhantes como duas labaredas na beliquinha do Menino, o nosso Menino vai ser rijo como um toiro!. O pai, à noite, quando chegou a casa, cansado do trabalho da terra dura, andara de muito antes do sol nascer até muito depois do sol se pôr de costas dobradas e o trambolho do alvião nas unhas a cavar no cerrado da Figueirinha, a mãe disse-lhe, o rosto um luaceiro de alegria, o nosso Menino já anda por si!, o pai sorriu, tão contente ficou, ergueu o Menino nos braços possantes, disse o nosso homem!, deu-lhe um beijo e deu-lhe um abraço, um beijo tão grande e profundo como as águas do mar grande e profundo, um abraço de homem muito apertado contra o rochedo do peito largo e forte de cavador e baleeiro. E o avó materno, o avó paterno morrera há muito, ainda o Menino não tinha nascido, morrera pobre e doidinho, e fora remediadinho e muito discreto, contaram-lhe depois de grande,

uma tristeza, ninguém sabe para o que está guardado neste Mundo, Nosso Senhor nos conserve o nosso juízo até à hora da nossa morte, e o avó materno, quando veio, a mãe, a avó materna, a avó paterna, a tia Francisca, a tia Rosalina, a madrinha Francisca, também foi a primeira coisa que lhe disseram, o nosso Menino já anda sem ajudas de ninguém!, e o avó materno, com sua bondade de santo, sentou-se no banquinho de faia, pôs o Menino nos joelhos empedernidos pela ferrugem da idade, era muito velho, ficou-se a olhar o Menino, seus olhos cansados e baços de velho no cristal dos olhos límpidos do Menino, beijou-o com seu bigode branco de velho, enlaçou-o nos seus braços trémulos de velho, disse rico neto, vai-se fazer daqui um grande homem.

O pai disse o nosso homem, assim é que o pai disse, o avó materno disse rico neto, vai-se fazer daqui um grande homem, foram estas as palavras do avó, continuaram a suceder-se os dias, as semanas, os meses, os anos, tinham já nascido os dentes todos ao Menino, dois cor-deões de pérolas que lhe tornavam a boquinha linda nas faces ligeiramente encarnadas, aprendera definitivamente a falar, a mãe, o pai, as avós, o avó materno, as tias, a madrinha Francisca não cabiam em si de contentes, eram todos sorrisos para o Menino, chama pela mãe, chama, querido filho, chama pelo pai, meu amor, e por esta, e por aquela avó, minha jóia, e pelo avó, meu botãozinho de rosa, e por esta, e por aquela tia, meu torãozinho de açúcar, e pela madrinha Francisca, meu anjinho, e o Menino dizia, chamava, com sua vozinha de menino, mãe, pai, vavó, vavó, titia, madrinha, a tia Francisca e a tia Rosalina beijavam, insofridas, a beliquinha do Menino, que beliquinha, santo Deus!, o Menino encolhia-se, encolhia-se, encolhia-se, sorria arripiado e inocente e dizia quanto queriam que dissesse e quanto queria dizer, com sua vozinha de menino e nem sempre com pronúncia

perfeita, lá chegaria, mas de modo já a fazer-se entender. Crescera, o berçinho tornara-se pequeno, dormia agora numa caminha velha de uma pessoa só, como dantes no quarto e pertinho da cama de casal dos pais. Aprendera definitivamente a andar, corria a casa toda dos quatro cantos da cozinha aos quatro cantos da sala-de-fora, sentava-se por trás da janela da sala-de-dentro em dias sombrios com a chuva e o vento a caírem lá fora, gostava de ver e ouvir a chuva e o vento, sentava-se na soleira da porta da cozinha, aberta, em dias de bom tempo, para a amplidão azul, cinzenta, do céu e do mar, e gostava de ver o azul e o cinzento do céu e o azul e o cinzento do mar, e as aves que voavam no espaço, ganhoas, milhafres, e gostava de ver os barcos que pescavam ao longo da costa, se podia escapulir-se para o quintal, o jardimzinho humilde em frente à humilde da casa pobrinha, meia dúzia de craveiros, roseiras a treparem pelas paredes, jacintos, varas de S. José, violetas rasteiras, na Primavera tudo aquilo floria no jardim e floriam na horta os milhos e as coivas, os feijões e as ervilhas, os repolhos e os nabos, as batatas e os tomates em seus espaldares de canavial, e o jardim e a horta eram uma sinfonia de perfume, cor, música, com todas aquelas flores, com todo aquele oceano de verduras sensuais, com tantas e tantas aves por ali a esvoaçar de planta em planta, de ramo, em ramo, de flor em flor, de muro em muro, árvore em árvore, no quintal havia árvores pelas bermas, figueiras e faias, duas macieiras, uma nespereira, duas ameixeiras, eram pombas, canários, tentilhões, pintassilgos, melros negros, toutinegras, voavam, saltitavam, cantavam, a chilrear, pipiar, gorjear, labandeiras silenciosas, rasteirinhas pelo chão, o rabinho de oiro a dar-a-dar, a varrer o pó da terra, chamavam-lhes avezinhas de Nossa Senhora, contavam que, há muitos, muitos, muitos anos, uma acompanhara a Virgem, na sua fuga para o Egito, a Virgem

montada num jumentozinho com seu filho, Jesus Menino, ao colo e o pai S. José adiante, a puxar na arreata, e que fora todo o caminho, tão longo, tão longo, por muitos dias e por muitas noites, apagando as pegadas do jumentinho e as pegadas de S. José, com a caudazinha de oiro a dar-a-dar, a varrer o pó da terra, para que os soldados de Heródes, que perseguiam e iam matar Jesus Menino, lhes perdessem o rasto, as avós é que contavam, e que à labadeira não se pode fazer mal, que foi abençoada por Nossa Senhora, e havia borboletas de asas vistosas, policromadas, a poisar de corola em corola, o Menino corria atrás de todas aquelas aves, de todas aquelas borboletas, nunca apanhava nenhuma.

E quando o foguete rebentava, lá em cima, na vigia, trá-trá-trá-pum! trá-trá-trá-pum!, e se levantava aquele alarido na freguesia, e os baleeiros passavam às carreiras pelos caminhos, e a mãe chegava, açodada, ao portão, ou ia também às carreiras ao porto, alcançar ao pai, que passava, como todos, às carreiras, as albarcas de enjarroba (2) soltas dos pés descalços e presas aos tornozelos pela correias, alcançar a saquinha de retalhos de chita com comida, chicharos fritos e bolo de tijolo, e os botes saíam, a reboque das lanchas, duas no tempo, a «Maria da Fonte» e a «Antonieta», e iam por esses mares, e baleavam ao largo, perto, altos, na linha do horizonte, um festival de velas brancas recortadas no azul do mar e no azul do céu... E quando caía o temporal, e os baleeiros andavam longe, e tardavam, e a mãe, as avós, as tias, a madrinha Francisca choravam, gritavam, faziam promessas ao Bom Jesus, ao Senhor Espírito Santo, metiam-se ao escuro da noite, quando a noite caía, iam, ele agarradinho às saias da mãe, para o adro esperar os botes, esperar o pai que tardava, o mar, o vento, clamavam tragédias e

Continua na pág. 4

Pintura Maneirista de Coimbra

Uma exposição temporária de pintura maneirista de Coimbra, encerrou ontem no Museu Nacional Machado de Castro, nesta cidade, onde estava patente desde 27 de Junho.

A exposição permitiu mostrar muitas pinturas seiscentistas das reservas do Museu, onde a falta de espaço não admite a sua permanente mostra ao público.

Pela amostragem, a primeira do tema realizada em Portugal — fez-se a prova de que Coimbra foi, entre meados do Século XVI e do seguinte, um centro notável de produção pictórica ao estilo da época.

Das 54 pinturas sobre madeira e tela que se apresentaram, 41 são propriedade do Museu, enquanto as restantes pertencem à Universidade de Coimbra, à diocese e à Ordem Terceira de S. Francisco.

Desconhece-se a proveniência de várias dessas pinturas, algumas de grandes dimensões, e são grandes os enigmas quanto à autoria da maior parte delas.

Pedro Dias, catedrático de História de Arte da Universidade de Coimbra, e cujo papel na organização da exposição e do seu catálogo foi decisivo, apenas identificou, com segurança, os autores de 22 peças: 14 saíram da oficina da parceira Simão Rodrigues e Domingos Vieira Serrão cinco têm o cunho de Ma-

nuel Henriques e uma é de Alvaro Nogueira.

Segue-se que 32 dos quadros expostos estão ainda por estudar e 14 deles nem sequer estão seguramente inventariados.

Um dos propósitos da directora do Museu Machado de Castro, ao promover a exposição, foi o de incentivar os investigadores para o estudo da pintura maneirista de Coimbra e do maneirismo em geral.

Para tanto, Matilde Pessoa de Figueiredo organizou, paralelamente um ciclo de palestras que teve a colaboração da maior parte dos poucos historiadores que pelo tema se têm interessado: Pedro Dias, Adriano Gusmão, Vítor Serrão, Dagoberto Markl, Túlio Espanca, Flávio Gonçalves e Fernando Baptista Pereira.

Depois das suas intervenções de divulgação, espaçadas ao longo dos últimos cinco meses, ficou a saber-se que o maneirismo não cabe na definição queirosiana: «em todas as evoluções da arte, nós nunca aproveitamos os princípios e ficamos sempre com os maneirismos» — escreveu Eça de Queirós.

O maneirismo foi uma corrente artística oriunda de Itália, e que vigorou na Europa nos séculos XVI e XVII. Os seus principais centros em Portugal foram Coimbra, Évora, Lisboa e Porto.

Não apenas a pintura, mas também a escultura e a arquitectura participaram, durante um século, das soluções propostas pelo maneirismo, que se intercalou entre o renascimento e o barroco.

Até à poucas décadas tal corrente artística foi depreciada pela crítica, que acusava os seus seguidores de falta de naturalidade no tratamento dos temas.

Foi já no século XX que, mercê de múltiplas análises que nele descortinaram valores característicos, o maneirismo obteve da crítica o estatuto de estilo autónomo.

O pintor italiano Giorgio Vasari (1512-1574), deu nome à corrente artística chamada maneirismo, ao teorizar que se devia «depinger de maneira» — pintor de maneira, segundo o estilo dos grandes mestres da Renascença.

Sendo verdade que o maneirismo coexistiu, nos seus primórdios, com fórmulas persistentes do gótico e do ideário renascentista, é também certo que de tais fórmulas se afastou.

Mais ou menos ostensivamente, ele foi provocando a desintegração do relativo equilíbrio clássico do renascimento.

Segundo Pais da Silva, o maneirismo caracterizou-se pela ruptura da noção de harmonia entre a natureza e a razão e pela perda da própria concepção humanista do mundo contemporá-

neo. Miguel Ângelo, El Greco, Cellini, Pontornio, Vignola, Spranger, Caron — para só mencionar meia dúzia de nomes bem sonantes — foram criadores de obras de arte exemplificativas do estilo maneirista.

Depois de, durante séculos, ter sido menosprezado por ser tido como sinónimo de afectação, falta de naturalidade e artifício despejado de criatividade, o maneirismo entrou em vias de reabilitação.

Em Portugal, o seu estudo aprofundado só agora começa a ser feito e a exposição sobre pintura maneirista de Coimbra representou, para tal estudo, um bom estímulo e já um passo em frente.

Relativamente ao maneirismo coimbrão, são muito escassas as referências precisas, apesar da profusão de obras existentes.

Em mais de uma época, essas obras foram mudadas de um para outro lugar, às vezes tão atabalhoadamente que de muitas se perdeu a noção dos autores e, até, da origem, sucedeu quando da extinção das ordens religiosas e da implantação da República, por exemplo.

Outro factor concorrente para as dificuldades de um completo inventário da pintura maneirista de Coimbra, apontado por Pedro Dias, reside no facto de, no século XVIII, a maioria dos altares ter sido substituída por grandes fá-

bricas de talha dourada.

Por já distanciados «do gosto dessa época de luxo e aparato», os muitos elementos dos altares antigos foram então abandonados ou mesmo destruídos — segundo o catedrático da Universidade de Coimbra.

«Ficamos, assim, com uma enorme massa de pintura, da qual nada mais sabemos do que aquilo que, através da sua observação directa é possível apurar» — escreveu Pedro Dias no catálogo da exposição encerrada domingo.

Os historiadores de Arte consideram que o quadro alusivo ao Pentecostes, feito por Vasco Fernandes, em 1535, para os cônegos regentes de Santa Cruz, é a mais remota manifestação de maneirismo da pintura de Coimbra.

A fase áurea do maneirismo coimbrão é tardia em relação ao resto do País, podendo situar-se, segundo Pedro Dias, durante as duas primeiras décadas do século XVII.

Encontra-se documentada a residência em Coimbra, na época do maneirismo, de 24 pintores cujo mérito artístico seria muito diferente, na medida em que possa aferir-se pelos seus réditos.

Assim, em 1567, enquanto Simão Rodrigues foi tributado em 800 reis de sisa, outro Simão Rodrigues, também pintor, pagou apenas 40 reis.

Nesse mesmo ano, o pintor Francisco Velho pagou 400 reis, enquanto os seus confrades Diogo Botelho e Diogo Luís, pagaram 120 reis cada, e Bernardo Miguel apenas pagou 80 reis.

Três escultores — João de Ruão, António Fernandes e Jacques Buzell — pagaram na mesma altura, respectivamente, 200, 120 e 100 reis, muito menos que o já referido pintor maneirista Simão Rodrigues.

Os outros pintores então residentes ou ligados a Coimbra eram Alvaro Nogueira, Belchior da Fonseca, Francisco de Ataíde, Amador Matoso, Ambrósio Vaz, Fernão da Costa, Miguel Moreno, João dos Reis, António de Moura, Pedro Álvares Pereira e Francisco da Fonseca.

Além destes, conforme adverte Pedro Dias, outros terão feito estadas ocasionais em Coimbra para realizar as muitas encomendas que o Cabido, Universidade, Mosteiro de Santa Cruz, conventos e colégios universitários então faziam aos artistas.

Investigar qual o património pictural maneirista que ainda se conserva e determinar que parte dele é da autoria desses artistas, foi o desafio que a exposição de pintura maneirista lançou aos estudiosos.

Rodrigues dos Santos/Anop

A CRÓNICA AGRÍCOLA

Da liberalização da economia
ao reino dos lambões

Alexandre Ramos

A imprensa de 3 do corrente referia que o senhor Álvaro Barreto ministro do Comércio e do Turismo anunciara que a partir de 1 de Junho o IAPO — Instituto do Azeite e Produtos Oleaginosos iria deixar de ser o único importador de sementes oleaginosas para a extracção de óleos alimentares.

Também a AGA — Administração Geral do Açúcar e do Alcool iria, em programa, renunciar a ser organismo estatal privilegiado no que diz respeito à importação de açúcar e ramas de açúcar.

O tom a as palavras do senhor Álvaro Barreto inserem-se, em plenitude, no discurso político-económico da direita com a argumentação de que é necessário liberalizar a economia portuguesa por razões de desenvolvimento económico e como imperativo de exigências para a entrada na CEE.

É preciso abater os monopólios do Estado para que a economia progreda. É preciso que nos entosemos nas estruturas e leis do Mercado Comum.

A seguir outros organismos levarão o mesmo caminho. Sucederá a liberalização do Comércio dos Cereais dos Produtos Pecuários e outros, e, em consequência, a liquidação ou esvaziamento do EPAC, da JNP Pecuários e de sectores da Junta das Frutas.

O assalto prático à ocupação comercial estatal, no fundamental ao espaço importador, começou com a vitória da AD em 1979, com o governo do senhor Sá Carneiro e com o seu ministro da Agricultura Cardoso e Cunha.

Cardoso e Cunha não logrou fazer vingar o seu projecto de liberalização do comércio de cereais, porque a tal se opôs tenazmente a generalidade da opinião pública, a mobilização das forças sindicais, as forças parlamentares de esquerda e a declaração de inconstitucionalidade por parte do extinto Conselho da Revolução.

Na Assembleia da República, o PS associou-se à denúncia dos canais subterrâneos de que esta liberalização da economia não era mais de que o biombo para transferir, por via legal, o privilégio estatal para monopólio privado de facto no qual um membro do Governo e seus familiares viariam a obter larga participação de um comércio de muitos milhões de contos.

Na altura o comercialismo «de direita», aventureiro e lambão, a crescer-lhe a água na boca, foi franca e vigorosamente derrotado.

Na altura, muitas pessoas do PSD, quer do CDS, mostraram inequivocamente a sua discordância contra o desmantelamento dos Organismos de Coordenação Económica e a entrega dos seus negócios a Empresas Privadas.

Agora o senhor Álvaro Barreto é peremptório.

Marca datas, aponta programas e apresenta a liquidação dos Organismos de Coordenação Económica como facto consumado, chamando, a si e ao seu Ministério, a liderança do processo de liquidação e a transferência da actividade para Empresas Privadas.

2.º Acto

A PROSTITUIÇÃO DAS PALAVRAS
A CORTINA NECESSÁRIA

O Comércio, o acto comercial é, em si, um mal necessário.

Nunca pode ser confundido, nem tido, um acto de distribuição.

Um aparelho económico estatal, mesmo na nossa economia, não realiza um acto comercial. Faz uma aquisição de produtos para os distribuir. O excedente que resulta das operações não é um lucro visto que neste está contida a ideia de apropriação. Ninguém pode deitar a mão ao excedente, e, como tal, este é um excedente social. Na empresa privada o excedente das operações é lucro, e, como tal os seus proprietários, os seus accionistas apropriam-se dele.

A actividade de um Organismo de Estado é fundamentalmente ditada pelos interesses do Estado e pelos interesses da colectividade de que o Estado serve.

A actividade dos interesses do agente comercial privado é ditado pelo lucro do agente. Nada tem a ver com os interesses do Estado nem com os interesses da colectividade.

O termo do «monopólio», que significa o domínio do mercado por uma empresa ou um reduzido número de empresas em consequência do processo histórico do desenvolvimento do capitalismo, é exclusivamente capitalista.

Afirma-se que os Organismos Estatais são monopólios e confundir-se a sua actividade com a actividade e natureza dos monopólios de facto, é um acto de substituição da palavra com o fim único e objectivo de tornar mais fácil o assalto a actividades exclusivas do Estado, a privilégios de defesa dos interesses globais para os transferir para a esfera privada, instalando-se então o verdadeiro monopólio.

A situação monopolista é o fim do processo evolutivo capitalista que à medida que se desenvolve em espiral cônica, da base para o topo deixa pelo caminho os mais fracos, e, no afunilamento para o ápice aumenta o poder e domínio dos que resistiram à escalada.

Mas sempre o motivo da dinâmica é o lucro e, como tal, os monopólios são estritamente capitalistas.

O comércio como mal necessário tem, como óbvio, patamares diversos de maldade, digamos, de nocividade, de agressão face à colectividade.

O grau de agressão possível e real liga-se de muito perto ao volume das mercadorias comerciais e ao seu carácter, mais ou menos prioritário, ou essencial, relativamente às necessidades da comunidade.

Ora, a comunidade portuguesa exige, hoje, a importação dos bens alimentares de primeira necessidade — cereais, oleaginosas, produtos pecuários — cujo montante se abeira de, ou ultrapassa os, cem milhões de contos.

Se o comércio é na nossa sociedade um mal necessário, todas as medidas que tendem a potencializar o mal são eticamente condenáveis e tanto mais quando se trata de actividade de carácter estratégico, como é o caso.

A alimentação de uma população é uma actividade demasiado séria e importante e que não pode comparar-se com o comércio de molas para pendurar roupa, de atacadores de sapatos ou de secadores de cabelos molhados.

Os grupos interessados em desmantelar a economia privilegiada do Estado confundem não só a palavra monopólio, como inventaram a cortina da CEE para, agachados atrás dela, levarem mais facilmente a água ao seu moinho.

Ora, o desmantelamento dos organismos estatais não é de facto exigência das regras comunitárias e, se o fosse, havia que discutí-las.

A CEE exige, de facto, a liberalização de comércio de país a país mas nada opõe a que seja um organismo estatal ou uma entidade privada a fazer a importação.

De resto, a Inglaterra, que entrou para a CEE, exigiu, e foi aceite, a continuação dos seus comércios privilegiados com os seus parceiros da Commonwealth.

Outros exemplos se poderiam apontar.

A cortina CEE é demasiado transparente para poder encobrir o nu sem beleza dos corpos chagados que passeiam por trás dos bastidores.

O monopólio
de facto

A estrutura industrial e comercial dos óleos alimentares, bem como a indústria de rações para animais, é para o nosso meio altamente concentrada.

No campo dos óleos alimentares em venda no País, duas empresas — a Sovena e a Alco — detêm cerca de 90% do mercado interno. São as marcas «Fula», «Três PPP» e «Pima», que por aí andam.

A ALCO foi empresa nacionalizada após o 25 de Abril por arrasamento da nacionalização do Banco Português do Atlântico.

Recentemente foi vendida pelo IPA — Instituto Participação do Estado — à família Melo.

A SOVENA, por efeito de nacionalização da CUF, foi igualmente nacionalizada e hoje faz parte do conjunto Quimigal, onde o Estado é maioritário.

Sabe-se, todavia, dos ataques cerrados às empresas públicas e das dificuldades actuais da Quimigal.

Corre por aí a notícia de uma possível venda da SOVENA. E, se se vender, a compra declarada ou encoberta só virá a ser efectuada pela família MELO.

As seguintes empresas: Proveni, Morgado Rações, Cuf Sanders, Isidoro, Soja de Portugal, detêm provavelmente mais de 70% do volume de negócios do sector de alimentos compostos para animais.

Duas outras empresas são extractoras de óleos. Trata-se da TRAGOL — a maior de todas, que trabalha só praticamente soja para exportação de óleo e fornecimento de bagaços ao mercado interno e para exportação.

Supõe-se que o Banco Espírito Santo tenha uma participação na TRAGOL da ordem dos 40%.

Também a IBEROL se dedica fundamentalmente à extracção de óleos de soja.

O sector de alimentos compostos para animais tem sido, até aqui, altamente lucrativo. Basta dizer-se que entre os anos sessenta e setenta o sector cresceu à razão de 30% ao ano. E mesmo a partir dos setenta cresce a 14%.

Tanto a SOVENA como a ALCO são empresas altamente lucrativas.

Mas se assim é para as grandes empresas que dominam o mercado, os pequenos extractores de óleos ou pequenos fabri-

cantes de rações não têm qualquer hipótese de sobrevivência.

O sector óleos e rações para animais é, ao alto nível, lucrativo, e, como tal, fortemente cobicado.

Até aqui o IAPO fazia a importação das sementes, donde se extraíam os óleos e distribuía-os pelos diversos extractores. Como organismo estatal o IAPO tinha de respeitar certas regras de distribuição.

As importações de sementes de oleaginosas ou de cereais pelo seu volume requerem importantes meios financeiros a que nem os pequenos, nem os médios, têm acesso.

O esvaziamento do IAPO das suas funções de importador de sementes, ou da EPAC como importador de sementes oleaginosas ou de cereais, abre caminho a Sociedades Lobis que, elas sim, vão constituir monopólios de facto.

Na indústria dos óleos o Estado tem, ainda hoje, uma larga participação na SOVENA e na TRAGOL, pelo que o esquema IAPO — importador distribuidor — indústria extractora, funcionava adequadamente.

Todavia, se o IAPO desaparece da cena ou as empresas actuais fazem a importação directa ou se cria sociedade privada de importação de sementes.

De qualquer modo, os pequenos e médios extractores terão curta vida, e os grandes produtores industriais em que o Estado é participante se não fizerem a importação ficarão à mercê das sociedades importadoras. Então, as empresas nacionalizadas sofrerão agressões de toda a ordem para as abater e obrigar a serem vendidas.

Não resta dúvida que o desaparecimento do IAPO e da EPAC vai criar aos médios e pequenos fabricantes de rações as maiores dificuldades. Será o fim de muitos.

A feira e o circo

O Partido Socialista, nas suas 100 medidas apresentadas e difundidas, exaltado quando da última campanha eleitoral, afirmou por escrito e por palavra que os organismos de Coordenação Económica iriam ser transformados em Régies/Cooperativas.

Não podemos esquecer que muita gente do PS, como do PSD ou do CDS, não está de acordo com o esvaziamento dos organismos de Coordenação Económica e a entrega das suas actividades a empresas privadas.

O PS tem, quanto ao desenvolvimento desta questão, a total responsabilidade. Só o PS, e mais nenhum outro partido político, está em condições de parar o processo, ou o fazer avançar. O PS prometeu uma solução enquanto oposição. O PS contribuiu, enquanto oposição, para que aventureiros sem escrúpulos e políticos irresponsáveis ligados AD levassem por diante a sua política de liquidação dos organismos estatais.

O PS prometeu uma solução que no fundo é uma alternativa possível à reestruturação dos Organismos de Coordenação Económica.

As decisões tomadas pelo ministro Álvaro Barreto são totalmente contrárias à posição e intenções do PS, enquanto oposição.

As decisões apresentadas pelo ministro Álvaro Barreto foram aprovadas ou não no Conselho de Ministros?

Se o foram, trata-se de uma das mais graves incoerências do Partido Socialista.

ponto a ponto

O ministro da Qualidade de Vida, António Capucho, afirmou a um jornal do Funchal, desconhecer «alternativas à política económica do Governo». Em declarações ao «Diário de Notícias» do Funchal, aquele membro do Governo manifestou o seu apoio à política económica que vem sendo seguida pelo Governo PS/PSD. A nível partidário, António Capucho anunciou, a propósito da discussão na Assembleia da República da Lei do Aborto, tratar-se de «uma questão que tem muito a ver com o foro íntimo de cada um».



O ministro de Estado Almeida Santos presidiu, em nome do Primeiro-Ministro, ao encerramento do Terceiro Congresso Nacional da Ordem dos Engenheiros.

Neste congresso, em que participaram cerca de mil engenheiros, foram discutidos e analisados problemas de temática sobre os «principais vectores que, no campo da engenharia, mais influem e condicionam a qualidade de vida» e cujas conclusões serão mais tarde divulgadas.

Almeida Santos ao encerrar os trabalhos do congresso, destacou a importância das preocupações dos engenheiros e do seu contributo para o futuro do País e do seu desenvolvimento, nomeadamente na época de crise que se atravessa.



A família e o direito à vida foi o tema de uma conferência proferida por Horta e Costa, do Instituto Democracia e Liberdade Amaro da Costa, no salão da Comissão Regional de Turismo de Leiria.

O conferencista centrou a intervenção na questão do aborto e considerou que a sua prática «implicará a desvalorização em si mesma do valor da pessoa humana».

«Não é necessário ser-se católico, nem mesmo cristão, para se dizer não ao aborto» — afirmou Horta e Costa.



O Corpo Nacional de Escutas, através da Junta Regional de Lisboa, promove uma exposição comemorativa dos 57 anos de escutismo nesta região integrada nas comemorações dos 60 anos deste importante movimento de juventude.

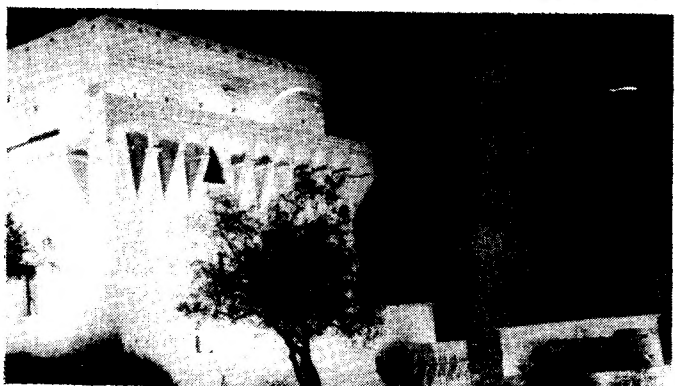
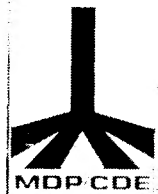
A exposição estará patente ao público na Sede Nacional da Cruz Vermelha Portuguesa, no Jardim 9 de Abril (às Janelas Verdes), até ao próximo dia 4 de Dezembro, das 15 às 21 horas (domingos, sábados e feriados, das 9 às 21).

O PSD ganhou, com 1079 votos, as eleições intercalares para a Assembleia de Freguesia de Freixianda concelho de Vila Nova de Ourém.

O CDS e a APU — as duas outras forças concorrentes — obtiveram 671 e 10 sufrágios, respectivamente.

Estavam inscritos 3688 eleitores, pelo que se verifica um grau de abstenção superior a 25 por cento.

O MDP/CDE promove na próxima quarta-feira, a partir das 21 horas, no Hotel Lutécia, um debate subordinado ao tema «Portugal — que caminhos para o desenvolvimento?» em que participarão os economistas Augusto Mateus, João Cravinho, Manuela Silva e Octávio Teixeira, além dos representantes do MDP, Domingos Lopes e Gilberto Lindim Ramos.



O comandante da Região Militar do Centro, general Pires Tavares, presidiu em Tomar às comemorações do Dia do Hospital Militar Regional.

Após uma formatura geral e alocução pelo director da unidade, coronel Aguião Fonseca, procedeu-se à inauguração de uma sala reservada aos praças, equipada com bar e televisão.

As comemorações terminaram com um almoço para todo o pessoal do estabelecimento hospitalar.

E o menino deixou de ser menino

Continuação da pág. 2

mortes, e o avô, amparado ao seu bordão, taciturno, sem uma fala, de cara dura como um calhau de angústia, medo, sofrimento...

Mas o Menino crescia, crescia, já brincava pelo caminho, menos às claras, mais de fugida e às escondidas da mãe, do pai, do avô, das avós, das tias, da madrinha Francisca, brincava com os companheiros da sua idade e da sua igualha jogada aos jogos que os meninos pequenos como eles jogavam, mais tarde jogariam os jogos dos rapazes grandes, e os rapazes grandes diziam coisas, eles não entendiam, coisas estranhas que lhes derramavam formigueiros de excitação pelos corpos. Um marmanjo houve que, de uma vez, ingrimitiu (3) o Menino, o levou para um matagal embrenhado, no matagal o puxou para si, desabotou a braguiilha, teimava em obrigá-lo a fazer o que ao Menino, instintivamente, repugnava fazer, não sabia por quê mas repugnava, o marmanjo, a braguiilha esbragada, a boca escancarada num esgar de raiva medonha, ia deitar os gadanhos ao Menino, forçá-lo ao que o Menino se negava, apavorado, o Menino, no desespero daquela agonia, calha que agarra num pedregulho, atira-o, nem sabe com que forças, atinge em cheio o marmanjo na cabeça, esburga-lhe (4) uma sobrancelha, o marmanjo, cego de fúria e do sangue que lhe sai aos borboilhões do lombo arreganhado e escorre pelos olhos, cai, sem sentidos, o Menino liberta-se, corre, foge.

Nessa noite, o Menino nunca pôde esquecer, por mais que se esforçasse não conseguia, fingia

que dormia na sua caminha de uma pessoa só, a dobra do lençol por cima da cabeça, da cara, olhos fechados, amedrontados, não fosse o marmanjo aparecer.

Altas horas, ouviu, espantado, surpreendido, a cama de casal dos pais ranger, de mansinho primeiro, num crescendo progressivo a seguir, num frenesim violento depois, que seria aquilo? o marmanjo? almas do outro mundo? não era não, e ouvia a mãe a gemer, dor? prazer? que estaria acontecendo? o Menino levantou ao de leve uma pontinha da dobra do lençol, abriu um olho, o outro, na ministra (5) junto à cabeceira da cama dos pais, estava a lamparina acesa com a chama muito baixinha, mal se enxergava fosse o que fosse naquela meia claridade penumbrosa, fagueira, difusa, o Menino sempre conseguiu ver sem que suspeitassem que via, por baixo da pontinha da dobra do lençol assim ligeiramente levantada, viu o corpo nu do pai, viu o corpo nu da mãe, viu o corpo nu do pai jovem e vigoroso, deitado, descoberto, por sobre o corpo nu da mãe, jovem e belo, descoberto, viu o corpo nu do pai a ondular, como uma vaga, sobre o corpo nu da mãe, viu o corpo nu da mãe a ondular, como outra vaga, por baixo e ritimado pelo corpo nu do pai, e o corpo nu do pai e o corpo nu da mãe muito abraçados, muito enlaçados, os braços nus da mãe cruzados no pescoço, nos ombros nus do pai, as pernas nuas da mãe cruzadas, arrojadas nas nádegas nuas do pai, o corpo nu da mãe e o corpo nu do pai como dois corpos que se penetrassem, fundissem num corpo só, e a boca do pai a sugar a boca da mãe, e a boca da mãe a sugar a boca do pai, viu, à claridade penumbrosa, fagueira,

difusa da chama muito baixinha da lamparina na ministra, a mãe, os cabelos negros da mãe derramados na brancura do travesseiro, gemia docemente e implorava num murmúrio quase imperceptível mais, mais, mais, meu querido, mais, mais, até que, sempre muito abraçados, muito enlaçados, num amplexo mais profundo e prolongado, tombaram, ficaram assim enlaçados assim abraçados, assim nus, assim como se os seus dois corpos nus não fossem senão um, assim imóveis lado a lado, a cama deixou de ranger, cessaram os gemidos da mãe agora com a serenidade de uma criança saciada recolhida na segurança protectora dos braços fortes do pai, calmo como o grande mar passada a grande tormenta. Devagarinho, inocentes, puxaram as roupas da cama, cobriram os corpos nus. O Menino tremia... tremia...

Que significariam as coisas que os rapazes grandes diziam, que derramavam formigueiros de excitação nos corpos do Menino e dos meninos da sua idade e da sua igualha e que o Menino e os meninos da sua idade e da sua igualha não sabiam entender?

O Menino tremia, o coração era um cavalo a escoicinar-lhe no peito...

A tia Francelinha e a tia Rosalina devoravam-lhe com beijos esfomeados a beliquinha, diziam, embevecidas, que beliquinha de bem feitinha e tão gordinha, benza-a Deus!, a beliquinha que lhe inchava, crescera, ardia como se a queimassem brasas, o Menino assustava-se, a sua beliquinha estava doente...

Pecado... Para a madrinha Francisca, todas as manhãs ajoelhada na igreja, beatifica-

mente, na missinha do senhor padre, todas as tardes na visita à irmã do senhor padre, a cheirar aquele cheirinho bento do senhor padre, o dia todo a debulhar padres-nossos e avé-marias nas contas do seu rosário em frente ao oratório carunchoso a um canto escuro da sua casa velhinha - pecado, tudo pecado, labaredas do Inferno...

Pecado o que aquele marmanjo teimara em abrigá-lo e ele se negara a fazer? Pecado os beijos das tias na sua beliquinha? Pecado o corpo nu do pai e o corpo nu da mãe, na sua cama a se fundirem num corpo só? Pecado, tudo pecado, metido no mesmo saco e medido pela mesma rasolha?

Pecado... Inferno... Labaredas do Inferno... E o Menino a tremer... a tremer... E aquela dor no coração a estrebuchar-lhe no peito... Que respostas para as suas perguntas?

E, embora continuasse ainda a ser menino, o Menino já não era - e nunca mais seria - o mesmo menino.

CAMINHO DE S.GONÇALO, 20-10-1983

(1) Beliquinha - diminutivo de belica. Pénis. Desconhecido, ou pouco conhecido no Continente, o termo, ao contrário de outros com que, em todo o País, se designa aquele órgão sexual masculino, não é, no Pico, de significado obscuro, embora o seja, se bem que atenuadamente, se não em todas, pelo menos em algumas das outras ilhas do Arquipélago.

(2) Ejarroba - Borracha de pneu de automóvel.

(3) Ingrimitir - Aliciar com intenções maldosas.

(4) Esburgar - No contexto em que se encontra, esfoiar deixando uma grande ferida no lugar do corpo esfolado.

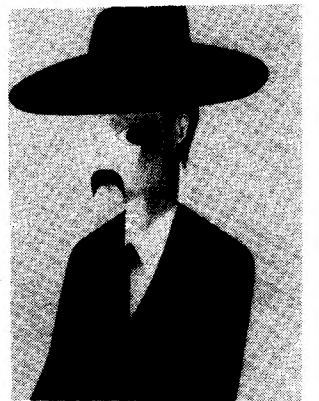
(5) Ministra - Mesinha de cabeceira.

Na próxima quinta-feira

em Vila da Feira

Presidente da República inaugura monumento a Fernando Pessoa

O primeiro monumento nacional de homenagem ao poeta Fernando Pessoa será inaugurado na próxima quarta-feira em Vila da Feira pelo Presidente da República, general Ramalho Eanes. O monumento, projectado e modelado pelo escultor português Aureliano Lima, ficará implantado na Praça Fernando

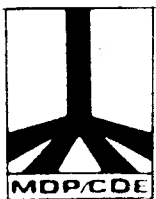


Pessoa, fronteira à Escola Preparatória local, tendo a iniciativa pertencido à Comissão de Vigilância do Castelo da Feira, Liga dos Amigos da Feira e Câmara Municipal.

Integrado nas cerimónias da inauguração, iniciou-se no sábado um ciclo de conferências evocativas de Fernando Pessoa e a sua obra. Fernando Guimarães, investigador do Centro de Literatura da Universidade do Porto, pronunciou uma conferên-

cia sobre «Fernando Pessoa e o Movimento Saudosista» e o ministro da Educação, José Augusto Seabra, falou de «Fernando Pessoa, a Poesia e o Mito».

Outras conferências constam do programa para os próximos dias seguintes, a cargo de Salvato Trigo, professor da Faculdade de Letras do Porto, Eduardo Lourenço, da Universidade de Vence (França) e Clara Cabrée Rocha, da Faculdade de Letras de Coimbra.



PORTUGAL

- que caminhos para o desenvolvimento?

DEBATE PROMOVIDO PELO MDP/CDE
COM A PARTICIPAÇÃO DE

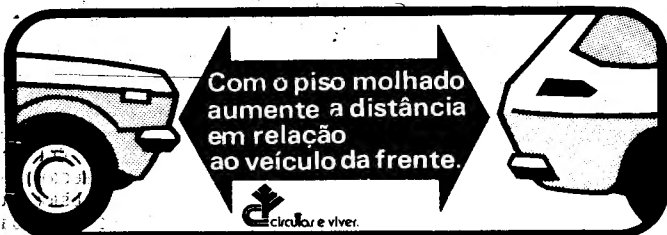
Augusto Mateus
João Cravinho
Manuela Silva
Octávio Teixeira

Dia 30 de Novembro, às 21.00 horas

Hotel Lutécia, Sala S - Av. Frei Miguel

Contreiras, 52

LISBOA



A SOCIEDADE CINEMATOGRAFICA E TEATRAL LDA.

proprietária de

CINEMA MONUMENTAL
CINEMA SATÉLITE
TEATRO MONUMENTAL

participa que hoje encerra as referidas salas por motivo de obras de remodelação do actual edifício. Quando da reabertura das novas salas espera continuar a receber o público que durante mais de 30 anos a tem distinguido com a sua preferência.

ATENÇÃO

GANHE 30 contos ou mais...

Para as suas Férias/84 e fins-de-semana visite a exposição de

CAMPISMO E CARAVANISMO
NA LUARCAMPO, LDA.

Dias — 26/11 a 4/2 das 9.30 às 20h
DOMINGOS E FERIADOS DAS 15 às 20h

LUMIAR: Rua Quinta das Lavadeiras, 10 A-B
1700 LISBOA — Tel. 7589095-7589156
(ao fundo da Estrada do Desvio)

O Rissol da Esperança
de Joaquim & Ribeiro

RESTAURANTE • CERVEJARIA • PASTELARIA

RUA DA ESPERANÇA, 96 a 98-A TELEF. 660040 1200 LISBOA

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confeções

Av. João XXI, 5-D - 1000 (Metro Areeiro) - R. Infância 16, 55-C - 1300 LISBOA



Helena Roseta, Miguel Veiga, Luís Fontoura e Marcelo Rebelo de Sousa foram os animadores de um Conselho Nacional onde o fundamental foi remetido para as calendas gregas...

Mota Pinto não quis, Conselho Nacional fez-lhe a vontade...

Não ao "aborto" da actual coligação

...e viva o PSD! Durante dois dias, em Conselho Nacional, os conselheiros sociais-democratas maltrataram e espancaram a actual coligação. No final da reunião, uma moção aprovada por 38 votos a favor, zero contra e oito abstenções, congratulava-se com o «modo e a vontade

política» e a forma «digna e prudente» do Governo em diversos domínios. Mota Pinto conquistara mais uma vitória: não é já amanhã que as suas hostes se empenharão em abortar a coligação PS/PSD. Mas em matéria de antiaborto, as posições estão longe de ser irreversíveis...

«As suas palavras fazem-me lembrar uma canção do já falecido Georges Brassens. Conhece aquela dos 'Les Copains d'abord'?...» Também versado em música (nem só de política vive o homem...), o conselheiro social-democrata comentava com a-propósito evidente o discurso de Mota Pinto, na parte que toca ao empenhamento do PSD na actual coligação. Para o conselheiro, e com pleno acordo do jornalista, a canção de Brassens poderia hoje fazer furor no PSD se lhe mudássemos a letra e a intitulásemos «La coalition d'abord». («Em primeiro lugar, a coligação...»).

Imagem exacta para um facto exacto. Mota Pinto pareceu apostado logo no primeiro dia dos trabalhos (sábado) do Conselho Nacional em salvar a coligação mesmo com o risco de desmembrar o PSD. Logo de início, e cerca de durante meia hora, deu o mote: «há que defender a coligação governamental. Essa é a nossa primeira prioridade...».

Na ocasião, Mota Pinto tentou igualmente convencer os conselheiros de que o PSD não andava a reboque do PS. Para o vice-primeiro-ministro, «o peso do PSD e do PS no Governo não pode ser medido em termos de farmacologia, na qual a composição de um medicamento tem X produto a mais e Y a menos...». Conclusão: os princípios sociais-democratas têm sido respeitados em matérias tão diversas como Vizela, Lei da Defesa, «caso» Garcia do Santos, aborto, etc., na óptica do vice-Primeiro-Ministro.

Referendo: «história de loucos...»

Mas nem só o tema coligação ocupou o discurso de Mota Pinto. Sabendo que certos problemas iriam ser levantados dentro de um PSD em «polvorosa», e que ainda mais o poder ficar se eles fossem para a frente, Mota Pinto tentou adiar *tudo* numa filosofia digna de «Amanhã também é dia...».

A linha Marcelo Rebelo de Sousa/Pedro Santana Lopes/Miguel Júdice/Conceição Monteiro apresentara-se no Conselho disposta a fazer «fogachada» por tudo o que fosse sítio.

Subscritores de 14 moções versando assuntos variados vieram logo de início rejeitada para as calendas gregas a sua proposta de referendo sobre a despenalização do aborto e re-

gionalização do partido. Mota Pinto contrariou os seus intentos adiando a questão. Diga-se de passagem, que nessa tarefa não esteve só.

Miguel Veiga, um «republicano» vindo do Norte, ajudou-o nessa tarefa. Perante os seus pares encarou a ideia de um referendo sobre uma forma de «basismo perfeitamente demagógica, uma história de loucos...».

Para Miguel Veiga, um homem que soube dizer a Fernando Condesso, líder parlamentar dos sociais-democratas, que a posição antiaborto não reflecte a opinião do eleitorado do PSD, «referendo sim, mas a nível nacional e com votação secreta». «O referendo não faz sentido num partido com órgãos democraticamente eleitos», diria posteriormente ao «DL», agastado «com gente que anda para aqui a brincar aos 'cow-boys'».

Não obsta que Miguel Veiga considere que a questão do aborto tenha que ser colocada na sua sede própria — problema de sociedade e não de índole religiosa. «A questão do aborto não pode ser comandada pela Igreja ou pela Rádio Renascença», frisou ao «DL».

O inesperado capítulo 96.º...

A sua posição, frontalmente assumida, deu frutos. Quase no final dos trabalhos, e quando o aborto parecia ser assunto arrumado Não Não e Não!.. —, oito militantes requeriam a impugnação, por nulidade, «de uma moção contrária à despenalização do aborto, aqui votada».

Entre os «heróis», Miguel Veiga, Pedro Pais Vasconcelos, a sempre corajosa e frontal Helena Roseta, António Maria Pereira, Agostinho Branquinho, Francisco Figueiredo e, pasme-se!, o secretário-geral do PSD, António Capucho. Com esta posição, quantos inimigos a mais têm hoje no activo Helena Roseta e António Capucho?...

No documento, os subscritores entendem que a deliberação «O PSD não apresentará e votará contra qualquer lei que vise legalizar ou despenalizar o aborto», impede a concretização do programa do PSD, nomeadamente no capítulo sobre «Política criminal».

Capítulo — 96.º —, que, desenterrado à última hora por cabeça inteligente, permitiu

aos subscritores do documento encararem a deliberação do Conselho Nacional anteriormente tomada como «antiprogramática e antiestatutária».

MRS não poupou Mota Pinto

No entanto, Marcelo Rebelo de Sousa ia, com o habitual brilhantismo que se lhe reconhece, zurrando uma direcção que *prima pela indefinição*, denunciando a política do Governo, criticando em termos contundentes a *indefinição do PSD* em diversas matérias.

No aspecto Presidenciais, Marcelo Rebelo de Sousa considerou, inclusive, que o PSD *desenvolve apenas navegação à vista, esquecendo que Mário Soares já é candidato, que o PSD corre o risco de ir a reboque do PS e já nem se lembra do fracasso de uma candidatura preparada à pressa — a de Soares Carneiro*.

Marcelo Rebelo de Sousa teria ainda ocasião, em resposta a um pedido de esclarecimento de Miguel Veiga, de declarar não ser, nem vir a ser, apoiante de uma candidatura Freitas do Amaral.

Num intervalo dos trabalhos, Marcelo Rebelo de Sousa teve uma vez mais a ocasião de criticar Mota Pinto, ao declarar-lhe no bar do hotel onde se reuniu o Conselho Nacional do PSD: *O senhor adia tudo...*

Mota Pinto fez referência na altura ao papel «negativo» desenvolvido pelos *Agapitos Pintos* que desestabilizam o partido. Resposta pronta de Virgínia Estorinho, uma conselheira afecta à *sensibilidade* Marcelo Rebelo de Sousa: «Mais vale ter Agapitos do que pessoas que o bajulam e que o traem».

A mesma conselheira, referindo-se em tom crítico à política *abrangente* de Mota Pinto dentro do PSD, dir-lhe-ia ainda: *Previno-o: se meter dentro da Comissão Política o Meneres e essa cambada toda, faço a revolução dentro do partido...*

«Entrar para a CEE? Entrem de costas...»

Não fora o carácter brilhante e contestatário das intervenções de Miguel Veiga e Marcelo Rebelo de Sousa, e a tónica geral do Conselho Na-

cional do PSD seria uma monotonia desmotivante.

Miguel Veiga, que com as suas posições em relação ao aborto já pusera os cabelos em pé a muito boa gente — «E querem entrar assim na CEE, depois do que se passou em França, Itália e Espanha? Então entrem de costas...», clamou em pleno Conselho —, viria ainda a notar-se numa intervenção acerca de Eurico de Melo.

Lembrando tratar-se de um «surrealismo absurdo» o facto de um vice-presidente do partido se ter demitido e a Direcção não tomar posição, Miguel Veiga provocou a ira de Mota Pinto. Este, num tom exaltado declarou-lhe que Eurico de Melo era e continuava a ser militante do partido. Mas, se o é, porque razão disse há dez minutos a um conselheiro aqui presente que já não o é? — perguntou Miguel Veiga. Quem disse isso?, insurgiu-se Mota Pinto.

Quem disse levantou-se — o conselheiro Luís Filipe Menezes —, e confirmou. A ira do líder do PSD cresceu: «É inadmissível que se tragam para aqui conversas de ao virar da esquina...».

A verdade é esta: Eurico de Melo está demissionário, e não recuará; almoçou sábado com o general Eanes, mas não pôs o pé no Conselho Nacional; esteve sexta-feira num jantar de homenagem a Conceição Monteiro, mas não disse *nem água vai à Direcção* do PSD. Esta, pelos vistos e para gaudio geral, faz como a avestruz. Opções...

Dança dos gestores: «Uma vergonha...»

E depois (ou antes?...) de algumas intervenções bastante «quentes» casos de Ângelo Correia («Não quero acreditar que este partido esteja anémico e não funcione...») e de Amândio de Azevedo («Críticassem a tróika em Montechoro, não a critiquem agora...»), chegou a vez de Luís Fontoura, uma das grandes figuras do grupo dos «44».

Num discurso tipicamente de Estado, logo no início uma frase *venenosa* em relação às Presidenciais: «Parece-me insuficiente, ambígua e desmobilizadora a posição que sobre ele foi tomada».

Depois, um ataque cerrado a um Governo que «vai transformando a cidadania num

fardo de dissabores», um Governo «que se tem feito notar de mais na Televisão e nos aviões, para poder restar-lhe tempo para governar em profundidade».

Passando em revista vários domínios da política governamental — nomeadamente a «incoerência de uma política externa...» —, Luís Fontoura defendeu uma remodelação do actual Executivo: «Uma mini-remodelação teria significado que o Governo se tornava a sério a si próprio», disse em tom contrunidade.

Luís Fontoura denunciou igualmente a «dança dos gestores públicos», que caracterizou de «vergonha (...) diria mesmo irresponsabilidade»; o «Estado-espectáculo a que alguns não sabem renunciar porque lhes está em natureza compulsatória».

O discurso de 22 páginas, aplaudido freneticamente no fim (o bater de palmas substituiu o medo das palavras...), chegaria ao seu ponto culminante quando Luís Fontoura declarou: «Se este Governo se revela insusceptível de um serviço nacional, deve-se-lhe pôr ponto final e sem dramatismos (...) a coligação é um meio e não um fim em si própria».

O Conselho Nacional aproximava-se do fim. Como previsto, as grandes questões foram adiadas, o PSD continuará à deriva até ao próximo Congresso.

Um dado concreto porém: um acordo assinado à última hora entre facções antagónicas dos Trabalhadores Sociais-Democratas (TSD) — «ausência de inerências ou de outras formas específicas ou executivos do PSD» —, afasta o «perigo» de o PSD se transformar num «partido trabalhista». Resta-lhe isso...

Ao Conselho Nacional resta também o ónus de uma decisão sintomática — ter rejeitado uma moção onde se propunha a amnistia ou o perdão para os presos do PRP —, e a frustração, evidente em alguns dos seus membros, de não terem conseguido a aprovação de uma moção pedindo a demissão de Palma Ferreira, presidente de uma Televisão apelidade de «Voz do Dono»...

Mas como um dos donos é um senhor chamado Mota Pinto...

Manuel Anta

Discursando no Congresso da JC em Braga

Lucas Pires defende nova revisão constitucional

O presidente da Comissão Política do CDS manifestou-se ontem a favor de uma nova revisão constitucional, no «âmbito da construção de uma nova República».

Lucas Pires falava na sessão de encerramento do IV Congresso Ordinário da Juventude Centrista (JC), que decorreu em Braga no passado fim-de-semana.

Discursando sobre a crise do País, o líder centrista apontou como factores essenciais da sua existência a «confusão ideológica, a crise institucional e a debilidade moral do Estado».

Já na véspera, na cidade do Porto, falando durante uma conferência promovida pelo seu partido sobre «Injustiça Fiscal», o dirigente do CDS afirmava que a alternativa ao modelo económico-financeiro poderá ser a «privatização ou reforma global de parte do sector público».

Em Braga, Lucas Pires abordou o mesmo tema, defendeu uma revisão constitucional e criticou os partidos da actual maioria governamental por quererem «fazer uma revolução liberal sem terem capacidade para isso». Nestas críticas, o PS foi o mais atingido: «Como é que o Partido Socialista quer fazer uma revisão liberal e no último congresso não conseguiu sequer deixar de ser marxista?».

Na opinião do líder do CDS a liberalização dos partidos da coligação actual «não foi além das imposições do FMI».

O IV Congresso da JC, encerrado por Lucas Pires, aprovou as quatro moções de estratégia apresentadas. Entre estas incluía-se uma subordinada ao tema «Mudar o sistema, construir um Portugal novo».

Duas outras moções foram aprovadas: uma, pedindo o regresso de Diogo Freitas do Amaral à cena política; outra, de total apoio a Francisco Lucas Pires. A primeira, contou com oito abstenções e dois votos contra; a segunda, obteve 44 abstenções e três votos desfavoráveis. O Congresso reuniu cerca de 300 delegados.

«Austeridade negativa»

No Porto, o presidente da Comissão Política do CDS defendeu uma alternativa ao actual modelo económico-financeiro, mas, talou, sobretudo de política fiscal. Foi neste discurso, que o dirigente centrista propôs também que «todas as empresas do sector público produtivo que em cinco anos apresentem défices consecutivos» devessem ser «vendidas ou alienadas de qualquer modo».

Do ponto de vista do seu partido, o Orçamento e as Grandes Opções do Plano para 1984, representam a «austeridade negativa».

Segundo Lucas Pires, o problema da sociedade portuguesa reside «num sector público administrativo que gasta mais do que rende e até muito mais do que recebe».

Para o CDS existem duas alternativas para mudar este estado de coisas. O dirigente máximo do partido indicou-as: «transferência para o sector privado de recursos e custos do sector público ou reforma global do sector público aliviando as suas estruturas de custos».

Linguagem e acção do Governo criticadas por dirigentes comunistas

Duras críticas à acção do Governo PS/PSD, foram o tema central das intervenções de vários dirigentes comunistas, neste fim-de-semana, nomeadamente **Octávio Pato** (em Lisboa), **Carlos Brito** (Pareda) e **Ângelo Veloso** (Maia-Porto), todos membros da comissão política do CC do PCP.

Octávio Pato referiu-se, particularmente, à actuação do Executivo em relação às cheias que há dias afectaram vários concelhos de Lisboa e arredores. Denunciou a indiferença ou ausência de medidas capazes por parte do Executivo, cujos responsáveis, Soares e Mota Pinto, se limitaram a uma «monstruosa e vergonhosa operação de propaganda» destinada à autopromoção, com o acompanhamento «pressuroso» da Rádio e da Televisão.

O dirigente do PCP referiu ainda que o Serviço de Protecção Civil não foi efectivamente dotado dos meios técnicos, humanos e financeiros adequados» e chamou a atenção para o facto de **as próprias corporações de bombeiros** («que tão abnegados esforços realizaram, algumas vezes até à exaustão física») **nem dinheiro têm já para o combustível.** Segundo Octávio Pato, o Governo não pagou o que devia no corrente ano a essas corporações e, só no tocante ao combustível, as dívidas «ascendem já a cerca de 200 mil contos».

Sobre as verbas destinadas às vítimas das cheias (2,5 milhões de contos contra 8,5 milhões efectivamente perdidos), Pato salientou que a verba do Governo não vai ser entregue às autarquias, «únicas entidades em condições de criteriosamente definirem a sua aplicação», tratando de crédito bonificado, logo reembolsável e, obviamente, destinado a entidades privadas, via CAP e CIP.



Octávio Pato

O responsável do PCP aludiu ainda aos adiamentos decididos pelo Executivo relativamente a questões como a criação de novos municípios, o aborto, sindicalização da PSP, etc., para salientar que **«já que ele não foi com as enxurradas, então é preciso que todos os democratas que estão em oposição à nefasta política deste Governo procurem convergir e se congreguem para impor a sua demissão e formar um governo Democrático de Salvação Nacional».**

«Linguagem da ditadura»

Carlos Brito, que esteve na Pareda, a presidir à inauguração de um novo Centro de Trabalho do partido, chamou a atenção para a actual linguagem do Governo, quando visa a oposição comunista.



Carlos Brito

«Na ditadura fascista — lembrou o líder parlamentar do PCP — quando o povo lutava, dizia-se que eram agitadores profissionais. O presente governo começa a usar também essa linguagem o que é uma demonstração da falta de razão da sua política, mas também um sintoma preocupante de como o prosseguimento de uma política antipopular degenera em autoritarismo, totalitarismo e atitudes ditatoriais».

Carlos Brito aludiu ainda ao agravamento das condições de vida do Povo português e à «preparação entusiástica» do X Congresso do PCP por parte dos militantes comunistas. Sobre a primeira questão, denunciou o roubo fiscal e os salários em atraso e considerou que a campanha caluniosa do Governo contra o PCP se deve apenas ao



Ângelo Veloso

facto de ser aquele partido que «desmascara, frontal e sem nenhuma hesitação, esta política».

Quanto a **Ângelo Veloso**, que participou na assembleia concelhia da Maia do PCP, fez idêntico balanço da situação política nacional, focando particularmente o agravamento do desemprego na área industrial nortenha.

Durante os trabalhos da assembleia fez-se o balanço das actividades do ano e elegeu-se a nova comissão concelhia do PCP, constituída por 35 membros.

Foram aprovadas moções de saudação ao congresso do partido, a realizar no Porto, e de repúdio à política do actual governo, nomeadamente «no que diz respeito ao aumento desenfreado do custo de vida, ao roubo do décimo-terceiro e ao não pagamento dos salários em atraso».

Rosado Correia garante: obras de vulto continuam

O ministro do Equipamento Social garantiu que as obras de vulto em curso dependentes de verbas do Estado vão continuar em 1984, apesar das restrições orçamentais para o próximo ano.

Rosado Correia, numa entrevista ontem concedida à antena

regional da RDP-Sul, adiantou que o arranque de novas obras está dependente do PIDAC, plano que ainda não aprovou, fez notar.

Acrescentou que «qualquer afirmação sobre o que se irá fazer ou não é extemporânea, enquanto o Ministério do Equipamento

não se pronunciar sobre o assunto».

Referindo-se a uma possível suspensão do projecto de uma via rápida Ourique-Guia (Algarve), financiada pelo Banco Europeu de Investimento, o ministro mostrou-se confiante e declarou

que a obra «é das consideradas prioritárias e avançará em 1984».

Reforçou esta convicção frisando que na passada quarta-feira teve um encontro «muito favorável» com responsáveis do BEI, que garantiram condições de financiamento vantajosas para Portugal.

Congresso será em fins de Fevereiro

Conselho Nacional da UDP propõe «impostos sobre os capitalistas»

O Conselho Nacional da UDP, reunido no passado fim-de-semana em Lisboa, decidiu convocar para 25 e 26 de Fevereiro do próximo ano o 6.º Congresso Nacional do Partido.

O Conselho elegeu a comissão preparatória do Congresso, integrando elementos de todos os distritos do continente e das duas regiões autónomas, bem como a comissão de redacção de teses a apresentar no órgão máximo do Partido.

No documento final do Conselho, a UDP reafirmou críticas à actuação do Governo PS/PSD, manifestando-se contra «o roubo dos subsídios de Natal, os despedimentos e o 'lay-off'». Considera ainda, que, como solução para a crise económica, devem ser criados «impostos sobre os capitalistas, suspensos os pagamentos de empréstimos

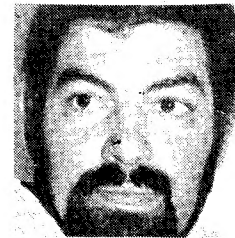
ao estrangeiro e as indemnizações aos monopolistas e revogados os acordos com o FMI».

O Conselho Nacional da UDP manifesta-se, por outro lado, solidário com as vítimas das inundações do passado fim-de-semana e «exige que se requisitem os milhares de casas vazias em Lisboa para instalar os deslocados».

Exige também que sejam pagas indemnizações aos trabalhadores e pequenos comerciantes e industriais afectados pelas cheias.

No sábado, o Conselho ouviu uma exposição sobre a recente deslocação do Secretariado da UDP à Albânia e foram analisados temas relacionados com a actuação do Governo em vários domínios, como a criação de Serviços de Informação.

Pedro Cid



Presidente e Governo: para quando uma decisão sobre Timor Leste?

A próxima Assembleia Geral das Nações Unidas deverá ocupar-se de novo da questão de Timor-Leste, mas até lá, o Governo e o Presidente da República têm de debater entre si o modo e a forma de melhor cumprir os preceitos constitucionais sobre a matéria. Com efeito, o texto da Lei Fundamental é claro quando refere que o nosso país «continua vinculado às responsabilidades que lhe incumbem, de harmonia com o direito internacional, de promover e garantir o direito à independência de Timor-Leste». Depois da Revisão Constitucional, e extinto o Conselho da Revolução é ao Presidente e ao Executivo que compete «praticar todos os actos necessários à realização desses objectivos».

O assunto está, de momento relativamente adormecido. Ao que parece, o nosso país apenas ganhou tempo ao evitar que o assunto fosse votado na última Assembleia Geral da ONU, já que, segundo várias personalidades ligadas ao tema, Portugal teria, então visto contrariados os seus desejos.

São quatro vertentes que estão em jogo na muita complexa questão de Timor: Os interesses de Portugal, os interesses da Indonésia, os direitos do povo de Timor-Leste e a defesa dos Direitos do Homem. Algumas dessas vertentes são obviamente antagónicas. Se o não fossem o assunto não se teria prolongado até agora e não continuaria, como está, sem solução previsível em curto espaço de tempo.

Ao longo dos últimos 18 meses, devido sobretudo à ofensiva diplomática de Portugal, cuja iniciativa pertenceu ao Presidente da República e que tem sido apoiada pelos Executivos de Pinto Balsemão e agora de Mário Soares, foi possível sensibilizar um certo número de países para a questão de Timor-Leste. Ao mesmo tempo que em várias capitais europeias, mas sobretudo na sede das Nações Unidas, têm decorrido conversações directas entre representantes de Portugal e da Indonésia. Também no território de Timor houve contactos entre a guerrilha da FRETILIN e representantes do poder indonésio instalado em Dili. Na prática, porém, nenhuma evolução nem nenhuma resolução foram adoptadas no sentido de uma solução global que vise, no mínimo, criar as bases para que o povo de Timor-Leste se pronuncie quanto ao seu futuro estatuto político.

O povo português não sente em termos reais a delicadeza do assunto. A descolonização vai já muito longe e Timor está nos confins do mundo. Como noutros assuntos, para a generalidade da opinião pública, Timor-Leste é assunto para as discussões políticas, para os debates nas assembleias internacionais. Não nos sensibiliza verdadeiramente e há algumas razões concretas para isso: a falta de informação, em primeiro lugar. O Governo mandou embaixadores a diversas partes do mundo. Existe uma comissão no Ministério dos Negócios Estrangeiros para os assuntos de Timor. Na Presidência da República há também quem se ocupe do assunto. A Comissão criada na Assembleia da República nem sequer chegou a funcionar. O que foi feito até agora?

De quando em vez, surgem notícias de que houve novos massacres em Timor-Leste.

A população local vive em condições infra-humanas, são ali espezinhados todos os direitos, as liberdades e as garantias individuais. Há fome e há miséria. Timor continua sob um domínio ilegal, mas que em boa verdade é reconhecido tacitamente pela comunidade internacional. Timor-Leste não tem importância geoeconómica, não está na mira das grandes potências nem geograficamente próximo delas. E nem sempre a diplomacia portuguesa nos foros internacionais tem procedido de modo a acautelar uma posição moral forte para defender as suas posições em relação a Timor-Leste (valeria a pena perguntar aqui que razões de Estado, a esta ou a outra luz, fizeram com que Portugal, se abstivesse nas votações em que participou nas Nações Unidas sobre a invasão de Granada...).

Portugal continua vinculado no texto constitucional à resolução do problema de Timor-Leste. E — sendo certo que é impensável organizar uma expedição militar ou declarar guerra à Indonésia, importará agora fazer um balanço global das possibilidades reais de Portugal para resolver o assunto. Para além disso, informar com verdade a opinião pública do que se tem feito e do que se pode ou não pode continuar a fazer. Porque, em última análise, podemos ser acusados de ser, num plano ético-moral, co-responsáveis pelos atropelos aos direitos humanos que se verificam em Timor-Leste.

Seria bom também que o assunto de Timor-Leste, porque envolve capacidade de decisão conjunta do Governo e do Presidente da República, não sofresse adiamentos indesejáveis, nem fosse pretexto para o eclodir de novas guerrilhas institucionais. O assunto é demasiado grave para tais ninharias.

ERICSSON

Sociedade Ericsson de Portugal, Lda.

ESTEJA SEMPRE PRESENTE MESMO QUANDO AUSENTE

Com atendentes/gravadores de chamadas RECORDACALL, de qualquer ponto do País ou do Estrangeiro poderá, por uma simples chamada telefónica, receber as mensagens que entretanto lhe tenham sido dirigidas.



- Em serviço 24 horas por dia
- Tempo de mensagem limitado ou ilimitado.
- Gravação de conversações nos 2 sentidos.
- Controlo remoto para recepção das mensagens a distância.

ERICSSON

Sociedade Ericsson de Portugal, Lda.

— Edifício Ericsson Zona Industrial da Barrameda, Lote B - Carnaxide 2795 — Linda-a-Velha
 Telefone: 218 65 03
 — 4000 PORTO: R. Gonçalo Cristóvão, 314
 Telefone: 2 92 58
 — 3000 COIMBRA: R. Cidade de Poitiers, 28
 Telefone: 3 54 84

OLHE O PERIGO DE FRENTE!



Na estrada caminha sempre pelo seu lado esquerdo

circular e viver.



CONDUZIR OU BEBER

HÁ QUE ESCOLHER.

o telefone com

MÁRIO
ZAMBUJAL



“Continuarei a escrever livros enquanto as pessoas gostarem”

HOJE ao fim da tarde, numa discoteca de Lisboa — manias... — Mário Zambujal apresentará o seu novo livro «Histórias de Fim de Rua». Dizem os entendidos que será a continuação do êxito, verdadeiramente insólito e notável para o meio editorial português, da «Crónica dos Bons Malandros».

Ao telefone com Mário Zambujal — Marito para os amigos — falamos das «Histórias de Fim de Rua» e quisemos saber se ele tem projectos para escrever mais livros.

«O que acontece» — começou Zambujal — «é que verifiquei que a «Crónica», um livrinho sem pretensões, de entretenimento, foi bem aceite por muitas pessoas. Já vai em 17 edições, sendo duas do Círculo de Leitores...»

...isso em número de exemplares o que é que significa?»

«Cerca de 100.000»

Dizias que a «Crónica» foi bem recebida. E depois?

«E depois isso estimulou-me a escrever mais. Sem pressa, é certo, pois a «Crónica dos Bons Velhos Malandros» já saiu há três anos. Agora apeteceu-me escrever mais uma historinha na esperança de que as pessoas que gostaram do meu primeiro livro não fiquem decepcionadas com este».

De que falam estas «Histórias de Fim de Rua?»

«Digamos que é uma história feita de histórias cruzadas que têm como fundo uma rua popular de Lisboa que vai ser demolida».

Tem alguma base real ou é pura ficção?

«Como acontece com todas as histórias de ficção também esta vai de algum modo beber à realidade. As velhas ruas de Lisboa, como sabes, também são destruídas...»

Como é que arranjas tempo para escrever livros? Trabalhas na televisão, colaboras numa quantidade de iniciativas... Andaste estes três anos para escrever mais uma história?

«Não, não foi isso. Escrevo normalmente como não se deve escrever. É de esguicho... Escrevi esta história em três meses. Medidos por noites e não por dias»

Noites?

«Claro. De dia tinha, e tenho, que fazer muitas outras coisas».

E de noite não? Essa é uma boa história...

«Sacrifiquei-me... Para escrever este livrinho abandonei o convívio nocturno com os amigos».

Voltando à primeira questão: vai continuar a escrever? De outro modo: vais continuar a sacrificar-te?

«Só posso dizer que se escrevi este novo livro foi porque me senti seguro de que as pessoas haviam gostado da «Crónica dos Bons Malandros». No dia em que sentir que as pessoas deixam de gostar do que eu escrevo ponho ponto final nesta experiência. Mas tenho esperança que vou continuar esta experiência...»

Se tivesses que escrever sobre a situação que se vive no país que história é que contavas?

«Se tivesse que fazer — e talvez não seja o meu estilo, que é mais leve — escreveria uma história de um país em clima de decepção, de desilusão, de amargura, de desencanto depois de ter vivido os dias das grandes horas e das grandes esperanças! Não sei se te lembras — mas contaria a história de um país que viveu uma atmosfera de de alegria que andava nas ruas, que entrava em todas as casas, que dava perspectivas enormes às pessoas — e que agora se transformou num clima de tristeza, de decepção, cinzento. Seria uma história que falaria de tempos que não são tão remotos como isso».

Seria uma história sem esperança. É isso?»

«Também não, também não. A esperança não morre assim».

Ribeiro Cardoso

comunicação social

Greve dos jornais londrinos continua em seis quotidianos

Os trabalhadores de seis jornais londrinos filiados no poderoso sindicato de artes gráficas NGA foram ontem despedidos por terem participado, no sábado, numa greve de solidariedade declarada por aquela organização sindical. Devido a esta greve, não se publicou ontem, nem anteontem, nenhum jornal de divulgação nacional na capital inglesa, mantendo-se suspensa a publicação dos diários em que se verificaram despedimentos em consequência da paralisação de sábado.

Esta manhã reapareceram nas bancas o «Financial Times», o «Guardian», o «Daily Telegraph», o «Daily Mail» e o «Morning Star» cujas administrações se limitaram a pedir uma indemnização ao sindicato NGA, pelas perdas sofridas durante a paralisação do fim-de-semana, mas não despediram quaisquer trabalhadores.

O conflito em curso é interpretado como a primeira grande pro-

va de força entre os sindicatos e o governo conservador após a publicação das alterações à lei sindical que reduzem o poder de contratação dos sindicatos e proibem as greves de solidariedade.

Na sua origem encontra-se uma decisão judicial de mandar penhorar bens do NGA por este se ter recusado a pagar as multas que lhe foram impostas ao abrigo da nova legislação. A condenação do sindicato ficou a dever-se à forma como foi desencadeado

Publicado CCT dos Jornalistas

A revisão salarial do Contrato Colectivo de Trabalho (CCT) dos jornalistas foi agora publicado no Boletim de Trabalho e Emprego n.º 42, com data de 15 de Novembro.

O CCT foi entregue a 1 de Agosto no Ministério do Trabalho, tendo a sua publicação sido retardada — segundo fontes do Ministério do Trabalho — pela demora do secretário de Estado das Finanças em subscrever aquele contrato, que abrange empresas públicas.

A revisão salarial do CCT dos jornalistas abrange mais de mil profissionais e consagra aumentos de 18,5 por cento, com efeitos retroactivos a Janeiro.

Mais telefones com acesso à rede europeia

PORTO — Os TLP vão melhorar as comunicações telefónicas na região do Porto, tendo investido cerca de 600 milhões de escudos em centrais telefónicas.

Assim, já ontem os assinantes de Vila de Pinheiro (arredores do Porto) passaram a poder ligar automaticamente para todo o País e para a rede europeia em consequência da entrada de Portugal em funcionamento de uma nova central telefónica naquela localidade.

um processo de luta contra a administração de um grupo editor de jornais regionais, em Stockport, no Leste de Inglaterra, e que levou ao despedimento de seis tipógrafos.

As empresas proprietárias do «Times», do «Sun», do «Daily Express», do «Daily Star», do «Daily Mirror» e do «Sporting Life», os jornais que continuam em greve, não tornaram público o número de trabalhadores que despediram na sequência das paralisações de sábado.

Entrega de prémios 5.ª-feira em Évora

Joaquim Letria e Jorge Amado distinguidos pela “Pax Mundi”

O porta-voz da Presidência da República, Joaquim Letria, é um dos laureados este ano com o Prémio «Dag Hammarskjöld 1983», atribuído pela delegação portuguesa da Academia da Paz «Pax Mundi». O outro premiado da língua portuguesa é o escritor brasileiro Jorge Amado. O ano passado, o júri distinguiu o escritor Júlio Roberto, autor de várias obras sobre os direitos das crianças. É ele que actualmente preside à delegação portuguesa da «Pax Mundi».

A cerimónia de entrega dos prémios a Joaquim Letria e a Jorge Amado, decorrerá quinta-feira, na Universidade de Évora, e será presidida pelo Chefe do Estado, general Ramalho Eanes. Do comité honorário de recepção fazem parte o reitor da universidade eborense, prof. Dário de Aze-



Joaquim Letria e Jorge Amado

verlo, o prof. Almerindo Lessa, Júlio Roberto, Lyon de Castro, João Santos Júnior e a dr.ª Maria Lucinda Tavares da Silva. Pelo comité director estarão o presidente, Urbain Dirix, e os vice-presidentes Oaul Nagels e Joacques Lacaille, entre outros.



A atribuição dos prémios «Dag Hammarskjöld» é uma homenagem ao homem que sucedeu ao norueguês Trygve Lie como secretário-geral da ONU. O sueco Hammarskjöld foi o segundo secretário-geral daquela organização até 1960, ano em que pereceu

num acidente de aviação cujas causas nunca foram esclarecidas.

Em 1963 é fundada a «Pax Mundi» e decidida a atribuição de um prémio, todos os anos, àqueles que «contribuam internacionalmente, por diversas formas, para a melhoria das relações diplomáticas, culturais e sociais» — a essência do entendimento humano, segundo a «Pax Mundi». O prémio é atribuído por um júri da Organização Mundial da Imprensa Diplomática e da Associação Internacional dos Correspondentes Diplomáticos e destinase às personalidades (chefes de Estado, diplomatas, sábios, artistas, escritores, jornalistas e industriais) que pela sua actividade ao serviço do bem comum, da cooperação e da solidariedade mereçam o reconhecimento universal.

Crestuma e Lever procuram enterrar “machado de guerra”

Representantes de Crestuma e Lever encontraram-se no passado sábado com a Câmara Municipal de Gaia para tratarem do conflito de fronteiras que opõe aquelas duas freguesias. Ficou marcado novo encontro para o próximo dia 10 em que será mediador a comissão de vendedores. «Acho lógico que se tentem aproximar», o vereador Gil

Marques disse ainda que o principal objectivo do encontro foi «ver se as partes estão dispostas a encontrar-se e a falar». Aquele autarca pensa secruma questão de tempo, embora qualquer das partes não condescenda e estejam ambas a apalpar terreno.

Até ao dia 10 quer a Junta de Freguesia de Crestuma, quer a Assembleia e a Comissão Ad-

ministrativa de Lever vão ter tempo, certamente, para alterar as suas posições e os técnicos que as apoiam irão estudar as suas pretensões, nomeadamente o documento existente na Torre do Tombo que cada parte utiliza à sua maneira.

Já em Outubro passado uma delegação do PSD que estivera nas duas freguesias avançara

com duas propostas: um encontro onde «de forma serena e responsável» fosse possível encontrar uma «solução sobre os limites geográficos», ou que fosse criado um tribunal arbitral constituído por três juizes de Direito e dois representantes de cada uma das freguesias, com o parecer de técnicos.

PHILIPS

PHILIPS

novo agente philips

em Portimão

J. Martins & Martins, Lda.

Toda a gama de produtos Philips no maior e mais moderno estabelecimento de electrodomésticos do Algarve

Aberto a partir de 28 de Novembro

- Um concurso com prémios valiosos para todos os Clientes
- Apresentação em Portimão, simultaneamente com outras cidades da Europa, do Audio Compact Disc — o mais moderno processo de reprodução sonora, da Philips

J. Martins & Martins, Lda.
Rua Teófilo Braga, 25 e 27
Tel. 27 168 — Portimão

de ontem para hoje

Pró-Sindical da PSP contesta transferência de comissário Santinhos



O primeiro-comissário Joaquim Santinhos, um dos dinamizadores da Pró-Associação Sindical da PSP, teve de

interromper as suas férias e seguir para Bragança, para onde foi transferido por Almeida Bruno. Um porta-voz da referida comissão, cujos elementos ontem estiveram reunidos para analisar o problema, assinalou que, depois de receber a ordem de transferência, emitida há alguns meses pelo comandante-geral da PSP, devido às suas actividades sindicais, o comissário Santinhos, que estava colocado na Direcção de Segurança daquela corporação, recorreu da decisão junto do MAI, mas Eduardo Pereira «limitou-se a confirmá-la». Em face do que designaram por «retaliação» e «intuito de afastar do centro da luta» o comissário Santinhos, os membros da comissão reafirmaram o propósito «de levar por diante o processo de constituição do Sindicato da PSP».

OCMLP assaltada na Cova da Piedade

O Centro de Trabalho da OCMLP (Organização Comunista Marxista-Leninista Portuguesa), na Cova da Piedade, foi assaltado no sábado à noite e incendiado, segundo afirmou José Baeta do comité central daquela organização. De acordo com José Baeta o assalto terá sido «obra de puro vandalismo por parte de marginais, dado que o tipo de estragos não têm o carácter de rivalidade política». Os documentos e arquivos que ali se encontravam, nomeadamente, os de índole sindical, ficaram destruídos, disse José Baeta.

Roubaram a marmita a um operário

Três indivíduos, um deles de pistola em punho, que se intitularam agentes da Polícia Judiciária, despojaram um operário de todos os seus valores, quando este, ao princípio da madrugada de ontem, depois de sair do comboio no apeadeiro de Coimbra, em Gaia, se preparava para iniciar o seu turno, numa unidade fabril daquela freguesia. O visado, Fausto Rodrigues Homem Albino, de 42 anos, morador no lugar da Carvalheira, em Ilhavo

(Aveiro) declarou no posto da PSP onde apresentou queixa que os três assaltantes pareciam mesmo agentes da PJ, pois começaram por lhe exigir a identificação e só depois o obrigaram a tirar o casaco que levava vestido. Casaco onde Fausto Rodrigues guardava a importância de seis contos e os respectivos documentos. Para além disso, os falsos agentes levaram-lhe, ainda, a marmita com a comida que havia de ingerir ao almoço.

Vizela com vítimas das inundações

Elementos do Movimento para a Restauração do Concelho de Vizela entregaram ontem, em Lisboa, ao governador civil do distrito, um contributo dos vizelenses para socorro às vítimas das recentes inundações na área da capital. O «contributo do povo vizelense», que ronda os 1200 contos é constituído por dinheiro, roupas e agasalhos recolhidos entre a população das freguesias da área de Vizela.

Boicote da CAP à Feira de Santarém

Um membro da Assembleia Municipal de Santarém disse ter exigido, na reunião de sexta-feira, a demissão do actual presidente da Feira Nacional de Agricultura. Carlos Manuel Cardoso (CDS) informou a assembleia municipal da decisão da CAP (Confederação de Agricultores Portugueses) de boicotar a próxima edição da FNA, atitude já adoptada no ano anterior e que contará em 1984 com a solidariedade da Acap (associação de fabricantes de máquinas agrícolas), pelo que o «campo da feira per-

manecerá vazio». O autor da proposta afirma «não ter nada em termos pessoais contra o actual presidente da FNA», com quem «mantém desde sempre laços de amizade», mas considera que «os interesses concelhios, regionais e nacionais devem ficar acima dos interesses políticos», pelo que pede a Fausto Sacramento Marques que se demita para evitar «ficar na história como coveiro» de um certame de que «o sogro, Caetano Marques dos Santos, foi um dos grandes iniciadores».

Queda de elevador mata porteiro

A princípio da tarde de ontem, quando tentava reparar o elevador do prédio onde habitava e no qual exercia as funções de porteiro, na Rua de Ceuta, 44, Joaquim da Costa Pereira, de 65 anos, desequilibrou-se e caiu do 5.º andar para a caixa do referido elevador, até ao nível da cave. Transportado rapidamente ao Hospital de Santo António, o infeliz sexagenário esteve ainda durante algum tempo na sala de reanimação, mas acabou por não resistir aos ferimentos e sucumbir meia hora depois de ali ter entrado. Joaquim da Costa Pereira era um homem «amigo de fazer favores» e, como de outras vezes, resolveu «desenrascar» a avaria no elevador que havia parado entre o quinto e o sexto andar. Desta feita, porém, não chegou a completar a sua tarefa, já que o infortunio lhe bateu à porta.

Em casa de um tio da vítima em Matosinhos

Prometeu reconciliar-se com a mulher mas acabou por matá-la à facada

Por se encontrar separado da esposa, há já algum tempo, o soldador Manuel César Lopes Frias, de 35 anos, morador no Bairro de Custóias, bloco 9, entrada 12, rés-do-chão, direito, em Matosinhos, conseguiu através de um familiar que a ex-companheira se encontrasse consigo, na tarde do último sábado, na Rua do Paraíso, no Porto, «a fim de fazerem as pazes», acabando por matá-la.

Conforme o acordado, Maria Gracinda Sampaio Frias, de 28 anos, que ultimamente estava a residir com uns familiares em Lisboa, apareceu em casa do

seu tio, na Rua do Paraíso, 109, onde já se encontrava o marido. O casal ficou, então, a só num dos quartos da residência, enquanto o tio de Maria Gracinda José Fonseca Xavier, aguardava numa dependência contígua que ambos chegassem a um acordo.

De súbito, porém, ouviu-se um grito e José Fonseca Xavier irrompeu no quarto, verificando que Manuel Frias tinha espetado uma faca no peito da mulher e com um copo nos lábios, ingeria por seu turno, um líquido que devia conter veneno.

Face ao sucedido, o locatário alertou as autoridades e os bom-

beiros, tendo Maria Gracinda sido conduzida ao Hospital de Santo António onde chegou já sem vida, pois tinha sido atingida em cheio no coração pela faca — com 19 centímetros de lâmina — que o marido lhe espetou no peito.

Entretanto, Manuel Frias foi também conduzido ao mesmo Hospital, onde foi submetido a uma lavagem gástrica, após o que teve alta, dando de seguida entrada nas prisões privativas da PSP, de onde sairá ainda hoje, a fim de ser ouvido por um magistrado dos Juízos de Instrução Criminal.

III Congresso sobre o Algarve

Turismo será tema em destaque

Há muito que o III Congresso sobre o Algarve «mexe», por iniciativa do Rocal Clube de Silves, entidade colectiva de utilidade pública que mais tem pugnado pelos interesses da região. O Congresso decorrerá em Montechoro de 19 a 22 de Janeiro e terá o turismo como um dos temas em destaque.

Mas o Algarve não é só turismo, havendo muitas matérias que concorrem para a pujança deste. Daí que todas elas figurem nos pontos agendados para o Congresso, nomeadamente recursos naturais, sectores produtivos, infra-estruturas e planeamento económico-social. Dois outros temas para debate e aprovação: cultura e sociedade e ciências e tecnologia.

Ecologia e meio ambiente, a ameaça de desertificação, as potencialidades da agricultura, os recursos do mar, a fauna e a flora e as riquezas do subsolo são as

matérias agendadas em torno do tema **recursos hídricos**; agricultura, silvicultura e pecuária, pescas, pequenas e médias empresas industriais, comércio, construção civil, exportação de produtos algarvios, transportes e comunicações e infra-estruturas são os assuntos abarcados pelos sectores produtivos e infra-estruturas, do qual o turismo faz parte.

Todos os grandes temas abarcam as mais diversas matérias da sua área, facto que à partida assegura a comunicação de 148 estudos originais, dos quais quarta parte se debruça sobre o turismo e as suas interligações e influência na deformação ou formação do tecido económico e social da região.

Quanto ao turismo, há pontos que estão a concitar alguma expectativa entre organizadores e participantes, nomeadamente os que têm por tónica «aldeias per-

didadas na serra algarvia», «o desenvolvimento turístico e a perda de identidade cultural», «o comportamento marginal e criminalidade no Algarve», «o emprego e o desemprego no Algarve», «o planeamento económico do Algarve face ao turismo» e «o turismo e a poluição da região», entre outros.

As inscrições para este II Congresso sobre o Algarve terminam em 15 de Dezembro próximo. As comunicações feitas deverão ser apresentadas pelos seus autores, sendo concedidos um tempo médio de um quarto de hora por cada uma delas. O Congresso terá vários tipos de participantes, de acordo com os cinco grandes temas escolhidos.

O I Congresso sobre o Algarve efectuou-se há três anos e nele foram apresentadas 36 comunicações e efectuadas 140 intervenções-debates.

ensino

Avaliação do 12.º ano em 83/84 ainda não está definida

Os cerca de 30 mil alunos que neste ano lectivo frequentam o 12.º ano não sabem ainda qual será a forma de avaliação para conclusão desta fase da escolaridade.

Existe uma Portaria de 11 de Fevereiro passado que, adia para este ano lectivo a realização de exames de «aferição» com carácter exclusivo e compostos de 5 provas referentes a algumas disciplinas que os alunos não frequentaram no 12.º ano.

Os alunos não serão, portanto, avaliados pelos conhecimentos adquiridos mas pelo que os professores universitários responsáveis pelas provas acharem conveniente.

Um projecto semelhante, que o antigo ministro Fraústo da Silva pretendeu impor no passado ano

lectivo, não foi concretizado, devido às muitas acções de protesto desencadeadas pelos estudantes, às que se juntaram muitos professores.

Parece, no entanto, que a ideia continua de pé para os actuais responsáveis do ME. Nenhuma forma de avaliação, porém tem, de momento, carácter oficial pelo que, quer alunos quer docentes do 12.º ano depa-ram com uma indefinição que se reflecte negativamente na actividade escolar.

O décimo segundo ano, imposto pelo ministro Vítor Crespo em alternativa ao antigo ano propedéutico, tornou-se um tubo de ensaio e uma forma de seleccionar a futura população discente do Ensino Superior.

Mais de 50 por cento dos candidatos não são anualmente co-

locados no E.S. Concentrações em frente ao Ministério da Educação, plenários de professores e alunos, abaixo — assinados, conferências de imprensa, contestações colectivas de associações de estudantes, condenação por parte de assembleias de delegados de turma e do Tribunal Estudantil foram algumas das formas que a contestação à criação do 12.º ano assumiu.

O problema não foi ainda resolvido (e só será quando existir uma lei de bases do sistema educativo) e, por isso, se constituiu o Secretariado do 12.º ano que tem como funções «coordenar, e ser ao mesmo tempo catalisador, das acções culturais, desportivas e políticas, com vista à defesa dos interesses dos alunos deste ano». Tem ainda como propósito o seu alargamento aos

alunos do 10.º e 11.º anos, assim como aos trabalhadores-estudantes e alunos não colocados no E. Superior.

É composto por 3 representantes das três grandes escolas do 12.º ano de Lisboa (secundárias de Olivais/Chelas, Belém/Algas e da Cidade Universitária), 2 representantes das restantes escolas com 12.º ano, 1 representante das escolas só com 10.º e 11.º anos, alunos «não colocados» e trabalhadores-estudantes.

O Secretariado do 12.º Ano do Distrito de Lisboa marcou já uma audiência com o ministro da Educação para saber a resposta à forma de avaliação. Contactará também grupos parlamentares e outros órgãos de soberania, propondo-se lançar em breve o jornal do Secretariado.

Assalto a banco português em Paris

Quarenta e sete cofres do Banco Pinto e Sotto Mayor, em Paris, foram partidos e espoliados por três indivíduos que mantiveram a directora da agência, sr.ª Samina, como refém durante cerca de uma hora. A referida agência, à semelhança do que acontece com as sucursais de outros bancos portugueses e espanhóis na capital francesa, estão abertos aos sábados, das 9 às 17 horas, para que os trabalhadores imigrados possam fazer as suas operações de crédito. Como é hábito nestes casos, será preciso que os proprietários dos cofres arrombados façam uma declaração sobre os valores neles contidos, para que o produto do furto possa ser avaliado. Quando esta formalidade for cumprida, poderão, então, ser indemnizados dos prejuízos sofridos.

O modo de agir dos autores neste género de golpes tem sido sempre o mesmo. Vários homens armados e por vezes usando bigodes falsos ou máscaras penetram num banco pouco antes do encerramento, neutralizando os membros do pessoal e os clientes e mandando abrir a sala dos cofres, geralmente subterrânea. Ai, arrombam os cofres individuais dos clientes e põem-se em fuga levando jóias, dinheiro e lingotes de ouro.

Ou elementos da Brigada de Repressão do Banditismo, uma unidade da Polícia de Paris especializada na busca e na detenção de malfetores importantes, nunca conseguiu prender intervenientes neste tipo de assaltos.

Nova preparatória de Sintra abre amanhã

O ano lectivo vai finalmente começar amanhã para milhares de alunos da Escola Preparatória de Sintra, nas novas instalações da Portela.

Uma parte dos alunos tiveram até agora aulas no antigo casino mas outra parte aguarda até amanhã que as actividades lectivas comecem.

As novas instalações vão, no entanto, abrir com algumas defi-

ciências graves e levadas da sua futura população.

Assim, as novas instalações não dispõem de cantina nem de pátios para recreio e, mais grave ainda, pelos perigos que comporta, não foi colocada a instalação eléctrica nos acessos à escola.

As novas instalações erguem-se num local isolado e, dado que, além do mais, no inverno anoitece muito cedo, a falta

de electricidade e de policiamento está a causar grandes apreensões não só aos responsáveis da escola mas aos pais das crianças e jovens que vão frequentá-la. Os pais estão actualmente a organizar-se no sentido de levarem à Câmara Municipal de Sintra um abaixo-assinado em que dão conta das suas preocupações e solicitam a instalação urgente de electricidade nos acessos da

escola.

O necessário policiamento vai ser também solicitado a quem de direito, visto que, com os antecedentes que vêm afectando as escolas não policiadas e isoladas, não se augura um bom futuro quer para professores, alunos e demais pessoal, quer para material didáctico e outro equipamento que a nova escola venha a possuir.

Segundo o secretário dos Recursos Agrários

Crédito ao sector agrícola diminuiu nos últimos dez anos

O secretário de Estado das Estruturas e Recursos Agrários reconheceu no sábado, em Alcobaca, que «o crédito total distribuído ao sector agrícola, considerado a preços constantes, tem-se mantido estacionário ou mesmo diminuído nos últimos 10 anos».

Deste modo, para Goinhas Palma, «não nos podemos admirar da comprovada estagnação da agricultura». Aquele membro do Governo falava numa sessão comemorativa dos 50 anos da Caixa de Crédito Agrícola da Batalha, que no acto foi considerada «a maior instituição do género do País».

Goinhas Palma considerou que o crédito agrícola «constitui, actualmente, a mais poderosa alavanca do fomento agrícola nacional e, consequen-

temente, tem enorme influência no desenvolvimento económico e social global do País».

«Não obstante — sublinhou — existe uma grande desproporção do financiamento do sector agrícola relativamente aos outros sectores da economia».

O papel desempenhado pelas caixas de crédito agrícola mútuo foi salientado, na sessão, pelo presidente da federação nacional dessas instituições mutualistas, Bento Gonçalves.

O governador civil de Leiria, Garcia da Fonseca, e o presidente da Câmara de Alcobaca, Francisco Coutinho, foram algumas das individualidades que assistiram às comemorações do aniversário da Caixa de Crédito Agrícola.

Presidente das Canárias na Madeira

Ultrapassar os obstáculos que rodeiam as regiões insulares

— eis como Jardim classifica a visita

FUNCHAL, 28 — O presidente do Governo Regional das Canárias, o socialista Jerónimo Saavedra, iniciou hoje uma visita oficial a esta região autónoma que se prolonga até quarta-feira. É o terceiro encontro entre delegações governamentais das duas regiões, nos últimos tempos. A primeira ocorreu em 1978 e teve esta capital como palco.

Jerónimo Saavedra, que preside aos destinos de uma região tornada autónoma em 10 de Agosto de 1982 por estatuto promulgado pelo rei Juan Carlos, disse à ANOP que «os povos insulares necessitam, mais do que o outro povo, de comunicar com os seus vizinhos».

Falando no aeroporto do Funchal, logo após a sua chegada, o chefe do Governo canário acrescentou que a Madeira «é o vizinho mais próximo das Canárias, pelo que há sempre uma grande importância nestes encontros, dado que nas Canárias iniciá-

mos já em 1978 estes contactos».

«Quero expressar a todos os madeirenses, em nome do povo das Canárias, uma saudação na certeza de que as relações de amizade que desde há muito tempo existem entre os nossos dois povos se desenvolvam no futuro e que o intercâmbio turístico e económico que esta nova visita», disse.

Por seu turno, o presidente do Governo Regional madeirense disse que a visita do presidente regional das Canárias à região «surge na sequência de contactos que mantemos desde que as duas regiões iniciaram o processo autonómico».

Alberto João Jardim acrescentou haver «uma experiência rica de ambas as partes ao longo destes anos», pelo que, durante esta troca de impressões, «vamos reforçar as nossas possibilidades de ultrapassarmos todos aqueles obstáculos que rodeiam

sempre regiões insulares».

Sendo actualmente uma zona de comércio livre, o arquipélago das Canárias debaterá 5.ª-feira a posição a tomar sobre a adesão da Espanha à CEE. Jerónimo Saavedra recusou-se a antecipar a atitude que assumirá, até porque o PSOE (de que é secretário-geral nas Canárias) já se pronunciou, através da sua direcção regional.

Eleito para presidir ao GR das Canárias em 6 de Junho deste ano, por 33 votos em 57 possíveis, Saavedra foi empossado nessas funções quatro dias depois. O Executivo é constituído por ele e por dez conselheiros (o equivalente a secretários regionais). O Parlamento Regional, por seu turno, é constituído por 60 deputados em representação das sete ilhas do arquipélago, mantendo o PSOE a maioria (27), seguido da Aliança Popular (17), Centro Democrático Social (6), Asamblea Majorera (3),

União do Povo Canário e Agrupamento Gomera Independente, ambos com 2 deputados, e Partido Comunista das Canárias, Agrupamento Herrera Independiente e Convergência Nacionalista Canária, todos com um parlamentar.

Com 40,6 quilómetros quadrados (1,4 por cento do território espanhol), as Canárias têm actualmente uma população de 1,3 milhões de pessoas, cerca de 50 por cento da qual com idades inferiores a 25 anos. A densidade populacional é de 180 habitantes por quilómetro quadrado.

O sector industrial representa actualmente 22 por cento do PIB regional, mas atravessa uma crise no sector de conservas de peixe e tabaco. O sector de serviços, com especial predominância do turismo e transportes, absorve 70 por cento do PIB regional, constituindo estes as duas principais actividades da região.

Comemorando 75 anos

Comboio antigo voltou a circular no Vouga

Um comboio cuja locomotiva e duas únicas carruagens datam de há 75 anos fez no domingo o trajecto de Aveiro a Viseu, no meio de grande aparato festivo.

A composição, que transportava várias entidades oficiais convidadas da CP, percorreu a linha do vale de Vouga para comemorar as bodas de diamante desta via férrea.

Depois de oito paragens, o comboio histórico deteve-se em Viseu, onde o governador civil e a edilidade o aguardavam, juntamente com muito povo.

Nesta paragem, Sttau Machado, em representação do Conselho de Gerência da CP, traçou al-

gumas linhas de rumo desta empresa pública.

«Portugal não pode ser de portugueses de primeira, segunda e terceira classes, pois todos, em qualquer região que vivam, do Minho ao Algarve, têm direito a comboios e a comboios iguais» disse.

Considerou também que, por muitas estradas ou outras vias de comunicação que se abram, o comboio terá sempre o seu lugar, como meio de transporte de massas.

Sttau Machado observou que o material que ontem circulou na linha do Vouga era actual na sua época, e tão bom que ainda se mantém funcional.

Intelectuais católicos “olham” sobre exploração, injustiça

O documento aprovado em Setembro, em Londres, pela vigésima sexta Assembleia Mundial do Movimento Internacional dos Intelectuais Católicos (MIIC), foi debatido no centro de reflexão cristã em Lisboa.

O documento em questão, intitulado «Compromissos dos cristãos pela liberdade e pela justiça — sinais de esperança», contém as linhas gerais de orientação para o MIIC — Pax Romana, durante os próximos quatro anos.

Apresentou o documento, Manuela Silva, presidente mundial do MIIC, que se pronunciou sobre «a leitura da realidade nele feita pelo movimento».

«O olhar lançado pelo MIIC sobre essa realidade é o daquele que sente a exploração, a dominação, a injustiça, a falta de liber-

dade. É o olhar da Bíblia, o olhar dos pobres, dos marginalizados, dos oprimidos», disse Manuela Silva.

Passando à leitura da situação portuguesa, atenta à sua especificidade em relação à que, em termos gerais, o movimento fez em Londres, enumerou algumas situações «a que hoje se assiste em Portugal», e que «têm a ver com a degradação das condições materiais de vida».

Neste contexto, referiu os casos das pessoas que, «trabalhando não recebem os seus salários» e das outras que «querendo trabalhar não conseguem emprego», tudo isto «ao mesmo tempo que se assiste à formação de grupos cada vez mais privilegiados».

No plano internacional e na perspectiva do documento, que

continuou a analisar, Manuela Silva disse que se observam «os efeitos de uma crise económica profunda», em seu entender radicada «na mutação tecnológica e na mutação do poder político».

Entre outros traços dessa dupla mutação, citou «o aprofundamento do fosso entre países ricos e países pobres, a persistência da situação de pobreza estrutural, o desemprego generalizado nos países industrializados (e suas consequências ao nível psicológico, os mecanismos da perpetuação de situações de dominação e a concentração do capital)».

Aludiu, ainda à corrida aos armamentos (ao risco de uma guerra atómica) e à existência de «regimes de força», no âmbito dos

quais apontou «o endurecimento e policiamento», mesmo da parte dos que têm «tradição democrática».

«A leitura cristã da realidade é comprometida, deve apontar alternativas» — disse Manuela Silva.

Sublinhou que «o grande desafio da esperança cristã é ser possível, e ter capacidade para imaginar que uma solução, 'outra' é possível».

«Essa utopia tem de ser descoberta e dita uns aos outros. Que cada um se confronte com a utopia que não é impossível, com o imaginar de um mundo outro», acrescentou.

O documento foi aprovado por representantes de mais de 40 países, entre os quais Portugal, numa reunião que decorreu de 14 a 21 de Setembro deste ano.

A BARCA SEM OS CORVOS

Buracos nas ruas

O lisboeta vai pelo passeio, envolto na chuva miudinha, patinando na lama fina que cobre a calçada, abrigado pelo guarda-chuva. Passa um carro e Plaf! a água que se acumula na cova do pavimento encharca-o de água castanha com laivos de óleo. O lisboeta que vai no carro apanha um solavanco, treme pelo semieixo e pela jante. Barafustam. Um e o outro. Com razão. Mas terão que se habituar — a sua razão confronta-se com realidades que a ultrapassam, e que, melhor ou pior, terão de aceitar até ao ponto em que a sua razão esteja em condições concretas de as modificar.

Barafustar e protestar é sempre necessário (cada vez mais necessário!) mas deve-se fazê-lo com conhecimento de causa — e reparo que num repente achei aqui uma bela sümula de tudo o que se entende por acção cívica!...

Os buracos das ruas! Que desastre. Que vergonha. Que incómodo. Como é que eles (os míticos ELES a quem tudo se pode assacar...) não resolvem isto?

As ruas de Lisboa, como as de tantas outras povoações, foram inicialmente construídas com simples trilhas de terra compactada pelo uso histórico, depois guarnecidas com qualquer revestimento — usualmente a calçada de pedra. O que era perfeitamente satisfatório para a passagem de carroças, carros de bois, coches, galeras e trens. Mas depois abriram-se para a instalação de canalizações e cabos; esgotos, primeiro, seguidos de água, gás, electricidade e telefones. As ruas, portanto, são terra revolvida, instável, furada, cheia de quinquilharia sortida lá no fundo. Quando um destes serviços tem uma avaria local, abre-se um buraco, conserta-se e tapa-se outra vez; a terra revolvida e mal compactada de novo é um convite a novas falhas de outra das redes; e lá aparece

outra brigada a esburacar, reparar e tapar. O peão irrita-se: não poderiam fazer tudo ao mesmo tempo e consertar tudo de uma vez só? Infelizmente, não se pode conseguir que os telefones, a água, o esgoto, o gás, a sinalização, se estraguem todos disciplinadamente ao mesmo tempo e no mesmo sítio... Ou o fazem em sítios diferentes, ou em sequência, pela razão atrás apontada. É bera, mas é assim, e não há nada a fazer, quando se tem uma complexa rede de traçados antigos e descoordenados...

Entretanto vieram os motores: os automóveis, os camiões, os autocarros...

As ruas, que eram catitas para as carroças e trens, rebentam sob a tonelagem dos camiões e autocarros. Um só camião bem carregado pode rebentar de vez e numa única passagem um pavimento que duraria ou durou séculos sujeito apenas às carroças e segas. Cede então, e fende. Vêm as chuvas, e a água empoça, fluidificando a terra subjacente que fica ainda mais deformável sob a acção do próximo autocarro ou camioneta; e aumenta o volume da água retida etc. e o resultado vê-se!

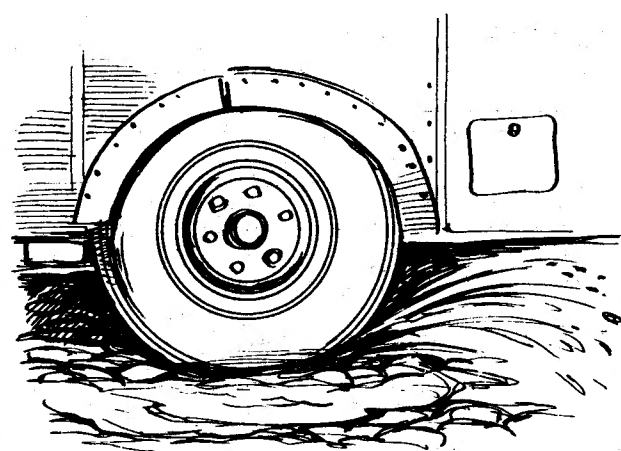
Mas então, porque é que, no tempo seco, não se trata disso? diz o lisboeta, carregadinho de razão. O que o lisboeta em questão talvez não saiba é que a área total de pavimentos das ruas de Lisboa diariamente submetidos à pancada de um trânsito intenso, é maior do que a totalidade — e ouça bem! a totalidade da área de pavimentos das estradas nacionais confiadas à respectiva Junta para conservação, e na maioria das quais, em comparação com as ruas de Lisboa, passa um trânsito do «lá vai um», como costumam dizer-se...

Custa a crer, não é, leitor?

Assim, o Município (e aqui deixemo-nos de coisas, tanto faz das esquerdas como das direitas, dos extremos ou do centro!) se quisesse reconstruir completamente e convenientemente, com fundações adequadas e robustas, camadas de desgaste sólidas e duradouras, drenagens perfeitas, etc., só as vias por onde passa a maior parte do trânsito pesado desta cidade do Tejo, teria que consagrar-lhe coisa como um ano, pelo menos, da totalidade do seu orçamento. Quer dizer: fechava-se a cidade, para obras, despedia-se («Lay-Off»?) o pessoal municipal durante um ano, enfim, íamos todos morar por exemplo para Santarém durante esse tempo. Ao voltar, teríamos as principais artérias (mas só essas...) em condições!

Não estou, infelizmente, a brincar nem a exagerar: e certos funcionários da Câmara dirão até que estaria a ser optimista quanto a ser apenas um ano do orçamento...

Leitor: se sabe o custo (porque talvez já tenha pedido um orçamento) de forrar com uma passadeira nova mesmo modesta o



corredor de sua casa, imagine o custo do metro quadrado de um revestimento asfáltico espesso e bem aplicado, na sua rua; sobre um enrocamento profundo, coberto de «tountvenant» e finos bem compactados. E 100 m de rua? E um quilómetro de rua? E lancis sólidos? E drenagens?

Leitor, faça um exercício salutar: pergunte ao vereador que eleger, ou a outro qualquer (uma vez eleitos, são vereadores de toda a cidade...), pergunte-lhe pelas contas da cidade. Pergunte-lhe pelos custos unitários da reparação dos pavimentos. Olhe, e já agora, pergunte-lhe pelos outros custos todos. Pergunte-lhe. É um direito seu; e também é bom para o vereador — obriga-o a não esquecer dos problemas da gestão cidadã!

É a sua cidade. Entenda-a. Estude-a. Exija — mas estude primeiro.

E afaste-se para o interior dos passeios quando vir chegar um automóvel, para não ficar encharcado...

J. P. Martins Barata

pessoas & factos



Portucel inaugura em Aveiro centro de investigação tecnológica

A Portucel inaugurou na freguesia de Eixo, concelho de Aveiro, um Centro de Investigação Tecnológica. Trata-se de uma iniciativa definida pela eng.º Luís Deslandes, presidente do conselho de gerência daquela empresa, como «ponto de partida, concebido e realizado com a austeridade que a situação do País exige, mas assumida com larga ambição e agressividade».

No decorrer da cerimónia de inauguração, que teve a presença, entre outras individualidades, dos secretários de Estado da Indústria e das Florestas, Carvalho Carreira e Azevedo Gomes, o eng.º Luís Deslandes enalteceu o trabalho da equipa de gestores e técnicos que nos últimos anos transformaram a Portucel numa empresa que não receia confronto com a grande indústria internacional do sector, sublinhando também a importância alcançada por esta empresa nos domínios florestal, industrial, comercial e económico.

Graças ao desenvolvimento alcançado, a Portucel representa hoje 4 por cento do total das exportações nacionais e 0,5 por cento do produto nacional bruto do País.

A decisão da criação do Centro de Investigação Tecnológica da Portucel decorre da aposta e da convicção de que o «conhecimento» é o vector prioritário do progresso e crescimento, de que a «inovação» é factor de crescente competitividade e até talvez de sobrevivência, mas também da capacidade da Portucel ganhar o perfil de indústria de «know-how» intensivo, conferindo identidade tecnológica própria às suas técnicas e aos seus produtos.

Aquele responsável disse também que a iniciativa aposta igualmente no efeito dinamizador que esta iniciativa poderá induzir no sector das indústrias florestais, em particular na área do sector papelero e suas aplicações, conferindo crescente competitividade à nossa indústria no confronto com a concorrência internacional.

O eng.º Luís Deslandes referiu ainda que, particularmente no sector florestal, «Portugal assumir-se-á, no quadro da integração nas Comunidades Europeias, como o único membro com uma balança florestal positiva, contrastando com um bloco económico irremediavelmente deficitário nesse domínio em que, a título de exemplo, representa para a França a factura mais onerosa da sua economia, apenas ultrapassada pela factura energética».

Mundial/Confiança ganhou mais de 67 mil contos em 1982

A Companhia de Seguros Mundial Confiança encerrou o exercício de 1982 com um lucro superior a 67 mil contos, alcançando assim, apesar das dificuldades da conjuntura, os objectivos de gestão visados. Nos últimos quatro anos os lucros da Mundial Confiança atingiram mais de 353 mil contos: 95 369 055\$90 em 1979, 145 464 585\$30 em 1980, 45 220 944\$10 em 1981 e finalmente 67 431 887\$60 em 1982.

No relatório da Mundial Confiança salienta-se como «extremamente desfavoráveis» as condições de actuação no mercado segurador mas, mesmo assim, registam-se como dados de maior relevo que as garantias financeiras, um dos problemas postos pela adesão de Portugal à CEE foram integralmente cumpridas e a contribuição que representa para a economia nacional o investimento líquido de 918 865 con-

tos. Por outro lado, a carteira de seguros directos cresceu 23 por cento, «mesmo tendo em conta a criteriosa selecção de carteira exigida por uma gestão que procura o equilíbrio da exploração técnica».

A taxa de sinistralidade — 60,5 por cento, reflecte um ligeiro agravamento em relação a 1981, mas «está interligada com fenómenos estruturais, também diagnosticados».

O bom comportamento do ramo marítimo, em cascos e mercadorias, contrariou, pela forma como têm sido geridos os resultados internacionais induzidos pelos efeitos da crise económica.

Como resultado de tudo isto, a Mundial Confiança está convencida de que, quanto à situação financeira, poderá enfrentar a crise controladamente, garantindo uma situação de tesouraria balanceada.

Está marcado para as 15 horas de hoje o início de mais uma sessão do julgamento dos 23 dirigentes da Função Pública, detidos no passado dia 9, quando se encontravam em vigília junto à residência oficial do Primeiro-Ministro.

A acusação que impende sobre aqueles sindicalistas baseia-se na falta de autorização prévia do Governo Civil para aquela acção e na desobediência a uma ordem da PSP no sentido de dispersarem.

Quanto à primeira questão, os réus afirmam que se encontravam no local (mandatados pelos seus sindicatos) a aguardar a marcação de uma reunião com um membro do Governo, pedida há mais de quatro anos. Tratava-se, portanto, de uma deputação sindical, e não de uma reunião pública, manifestação ou concentração. No que se refere à segunda questão, sustentam que não houve nenhuma ordem dos representantes da autoridade para abandonarem o local. Referem ainda que um gra-

duado da PSP chegou mesmo a dizer-lhes que poderiam permanecer no local, desde que se afastassem uns metros da porta da residência oficial de Mário Soares.

Na sessão desta tarde serão ouvidas as testemunhas de acusação e de defesa, admitindo-se a possibilidade de o julgamento ser hoje concluído.

De referir que até à data da detenção dos 23 dirigentes sindicais da F.P., «e apesar das constantes insistências» ne-

hum membro do Governo directamente responsável tinha recebido a Frente Comum de Sindicatos da Função Pública, que integra 30 sindicatos e duas federações representativas de mais de 300 mil trabalhadores do sector.

A reunião solicitada visava a discussão dos salários para 1984 e demais reivindicações contidas nas «12 medidas urgentes para a Função Pública» entregues ao Governo em 22 de Agosto.

Pessoal de limpeza em greve 4.ª feira

Os trabalhadores dos serviços de limpeza estarão em greve na próxima quarta-feira, em luta por aumentos salariais de 25 por cento; segundo foi ontem decidido em plenário.

Um comunicado do Sindicato dos Trabalhadores de Serviços de Portaria, Vigilância, Limpeza e Actividades Similares afirma que, após três reuniões, o patronato não dá mais do que 12,9 por cento de aumento, o que na prática equivaleria a um vencimento, a tempo inteiro de 17.330\$00.

O documento afirma que os trabalhadores decidiram recorrer à luta porque não estão dispostos a continuar «a rapar fome enquanto o patronato vai esbanjando os lucros das empresas em seu proveito».

Delegação sindical búlgara

Chega esta tarde a Lisboa uma delegação sindical búlgara, que visita o nosso país a convite da União dos Sindicatos de Lisboa (USL).

Fazem parte da delegação, Angel Boicov e Ivan Iaculov, ambos da União de Sindicatos de Sófia.

Durante a sua permanência em Portugal, que se prolonga até 5 de Dezembro, os dois sindicalistas visitarão várias empresas de Lisboa e concelhos limítrofes, bem como uma cooperativa agrícola. Visitarão igualmente a Fundação Ricardo Espírito Santo e terão várias reuniões de trabalho com dirigentes da USL.

Segundo a União dos Sindicatos de Lisboa, esta visita integra-se na linha aprovada pelo seu I Congresso, de cooperação com as uniões sindicais dos diversos países europeus, e que se iniciou com a visita das Comissões Obreras, de Madrid.

Esta tarde Prossegue o julgamento dos 23 dirigentes da FP

OGE para 1984 é «um verdadeiro ataque à família» — diz a CGTP

A CGTP classificou o Orçamento Geral do Estado para 1984 como «um verdadeiro ataque à família», considerando ainda que «com ele beneficiam os que têm maiores rendimentos».

Na óptica da central sindical, esse ataque traduz-se na sujeição dos «rendimentos de um casal casado a um imposto maior do que aquele que o Governo impõe a dois indivíduos do sexo oposto que, embora vivendo juntos, não são casados».

A CGTP assinala, com base nas deduções, «que constituem a fatia dos rendimentos que não fica sujeita ao imposto comple-

mentar», que, enquanto «para um casal o valor das deduções é de 180 contos, para dois indivíduos não casados mas a viverem maritalmente o valor das deduções é muito superior, 240 contos».

«Dir-se-ia que o Governo é contra os casamentos», comenta.

Entende a CGTP que o princípio de que quem menos tem é quem mais paga é comprovadamente adoptado neste OGE para 1984.

Fundamentando a afirmação refere que as deduções que são por definição a «melhor maneira de beneficiar aqueles que menos

podem», aumentaram «menos do que irão aumentar os preços durante o ano de 1984». A única excepção é a dedução por um filho com mais de 11 anos, precisa o comunicado.

Relativamente aos aumentos das deduções por rendimento de trabalho a CGTP lembra que essa rubrica, «fixada em 1982 em 30 por cento do rendimento com um máximo de 50 contos, ainda não foi aumentada» e se manterá no Orçamento para 84.

«Como os preços aumentaram mais de 50 por cento nos últimos dois anos, diz a CGTP a concluir, esta dedução teve uma redução, em termos reais, de cerca de 34 por cento».

US de Évora recebida pelo governador civil

O Secretariado da União dos Sindicatos de Évora (USE) exigiu ao governador civil do distrito a sua intervenção no sentido de se resolverem os problemas que, a nível distrital, afectam milhares de trabalhadores.

Durante a audiência que lhe foi concedida pelo chefe do distrito, a USE fez entrega de um documento em que se manifesta o «repúdio dos trabalhadores pela actual política».

O documento dá conta das lutas que os trabalhadores daquela região têm desenvolvido, e manifesta-se à disposição em «continuar a desenvolver essa

mesma luta, até à última gota de sangue», que está sendo envolvida pelo Governo. O documento exige-se uma nova política que tenha em vista a melhoria das condições de vida e de trabalho, no prosseguimento das conquistas alcançadas no 25 de Abril».

Ainda no documento é dada a conhecer a situação difícil que mais de um milhão de trabalhadores de mais de 11 empresas (ligadas aos sectores da construção civil e mármore, comércio, metalurgia, indústria alimentar), estão a viver, pois e salários em atraso e outras remunerações são devidos aos traba-

lhadores mais de 20 mil contos».

Por outro lado, a USE divulgou um comunicado em que repudia a política económica do Governo, que agrava «perigosamente as condições de vida das populações, aumenta o desemprego e a instabilidade do emprego». O documento diz ainda que «os jovens não têm perspectivas de futuro, os reformados e pensionistas são colocados em situação de quase miséria; faltam habitações, os cuidados médicos são escassos e os salários são cada vez mais um luxo; e os trabalhadores já não ganham para comer».

Crise social agrava-se na Holanda

A crise social que se mantém aberta na Holanda, pela reacção do sector público aos programados cortes orçamentais de 12 bilhões de florins, em 1 de Janeiro de 1984, começou a delinear-se há cerca de cinco meses.

Em Julho, com um défice orçamental calculado nos 12,7 por cento do rendimento nacional (cerca de 43 bilhões de florins), e após acesa discussão entre os dois partidos da coligação governamental (cristãos-democratas e conservadores liberais), o governo chegou a acordo quanto à redução de 12 bilhões de florins nas despesas públicas.

A maior parte dessas medidas de austeridade vão cair, a 1 de Janeiro de 1984, sobre os salários dos funcionários públicos e empregados do Estado (3 bilhões,

Segurança Social (4,2 bilhões), Saúde Pública (1,2 bilhões) e Seguro de Doença (0,4 milhões), orçamentos departamentais (Ministérios, Câmaras — 2,8 bilhões), pessoal assalariado na província, Câmaras e telecomunicações (0,2 bilhões).

O plano do governo promete, em contrapartida, uma diminuição dos descontos sociais (Saúde, desemprego, pensões), mas os sindicatos contrapõem a manutenção de tais descontos equilibrada com uma muito menor redução (1,5 por cento) do valor real dos salários da Função Pública, mas também, e em igualdade de circunstâncias, do sector privado.

Segundo a maior federação de centrais sindicais do país, a FNV, a redução de 3,5 por cento nos salários reais dos funcionários

públicos, salário mínimo nacional, desemprego, subsídio de vida e pensões, provocará uma descida de 6 a 8 por cento no poder de compra da esmagadora maioria da população.

Como parte das medidas de austeridade, o governo aceitou, em Julho a redução do horário de trabalho, proposta pelos sindicatos há cinco anos.

Depois de grande parte do sector privado estar a praticar essa medida, proposta inicialmente pelos sindicatos, para fazer face ao desemprego, o governo adoptou-a também para o sector público, esperando no entanto fazer com ela mais economias.

Os 800 mil desempregados na Holanda poderão aumentar no ano que vem em cerca de 200 por cento, segundo os cálculos da

OCDE, sem contar com os 600 mil inactivos.

O governo prometeu inicialmente ocupar 80 por cento dos lugares criados com a redução do tempo de trabalho, mas cada vez mais essa percentagem se mostra insegura.

Considerando que a redução do horário de trabalho é feita à custa da compensação do aumento dos preços, até aqui obtida bianualmente pelo sector público e privado, o descontentamento dos sindicatos tem aumentado a um ritmo cumulativo.

Em Julho, os sindicatos falavam já de acções, «as mais duras de sempre», para fins de 1983 e para 1984 e as greves totais, parciais, temporárias regionais e de zelo, que começam a alastrar por todo o país, aí estão a prová-lo.

Fundição de Cacia produz elementos para a Renault

Vai ser hoje assinado, na fábrica Renault em Cacia, o contrato de investimento entre a Funfrap - Fundação Portuguesa SARL, o IIE - Instituto de Investimento Estrangeiro, o IPE - Instituto de Participações do Estado e a Régie Nationale des Usines Renault.

A FUNFRAP, que nomeará em Assembleia Geral, de 9 de Setembro, o env. Ivo Gonçalves seu presidente do Conselho de Administração e o sr. Louis Brun, seu administrador - delegado, situa-se em Cacia, ocupará uma superfície de 17.000 m² num terreno de 40.000 m². Representa um investimento de três milhões e quinhentos mil contos, sendo o capital distribuído pela Régie Renault (85%) e pelo IPE (15%).

A nova fundição contará com um efectivo de 300 empregados, estando vocacionada para a produção de carter de cilindros, cambotas, colectores, volantes de motor entre outros, com uma capacidade de 16.000 toneladas.

Os trabalhos de construção da fundição devem prolongar-se por cerca de 20 meses, estando no entanto o arranque de produção previsto para Janeiro de 85.

Logo que a fundição atinja um ritmo de produção de cruzeiro, prevê-se que os brutos fundidos representem aproximadamente 120% do valor nacional, acrescentado de um motor de 1.100 cc.

Deu-o a entender Álvaro Barreto

Primeiro-Ministro incitou a Lisnave a despedir dois mil trabalhadores

O Primeiro-Ministro chamou há uns meses a administração de uma empresa privada, para lhe dizer que se fosse requerido o despedimento de dois mil dos seus trabalhadores ele seria imediatamente deferido. Mesmo assim, só bastante tempo depois é que a administração dessa empresa se decidiu. Esta surpreendente revelação, e o comentário que a acompanha, foi feita pelo ministro do Comércio e Turismo, Álvaro Barreto, numa reunião pública que teve, no sábado passado, com cerca de 200 representantes de associações comerciais de todo o País.

O ministro exemplificava assim perante aqueles empresários que o próprio Mário Soares está empenhado pessoalmente em pôr em prática todas as virtualidades da actual legislação do trabalho, enquanto esta não for revista. Álvaro Barreto explicou que muitas vezes as administrações ignoram ou subvalorizam as reais possibilidades que a lei lhes oferece. A flexibilização dos despedimentos com justa causa está todavia entre as prioridades da actual execução e a respectiva legislação será oportunamente publicada, acrescentou.

O nome da tal empresa privada cuja administração Mário Soares pressionou pessoalmente, para despedir dois mil trabalhadores, não foi divulgado por Álvaro Barreto que se recusou directamente a fazê-lo, depois, ao repórter do "DL". Tudo indica porém que se trata da Lisnave, apesar de uma fonte da sua administração nos ter desmentido, esta manhã, que isso tivesse acontecido.

No seu encontro com os co-

merciantes, promovido pela Confederação do Comércio Português, o titular da pasta do Comércio fez-se acompanhar pelo secretário de Estado do Comércio Interno e por diversos directores-gerais do seu Ministério.

A iniciativa teve o interesse e a originalidade de pôr frente a frente os responsáveis de um importante sector da actividade económica nacional e os respectivos agentes, os comerciantes, que tiveram assim a oportunidade de manifestar todas as suas apreensões e apresentar todas as perguntas.

Os BRI's e a corrupção

Em resposta às questões que lhe foram previamente enviadas através da CCP, o ministro qualificou o ano que se aproxima como um ano extraordinariamente difícil, ao longo do qual todos os sectores da vida portuguesa serão afectados. A desestabilização da economia foi uma das tónicas das suas intervenções, referindo-se designadamente, às medidas que, a breve trecho, vão atingir os monopólios estatais da AGA (açúcar e álcool), da EPAC (cereais) do IAAO (azeite) e do comércio de bacalhau. Se não for travada a intervenção do Estado na economia a situação vai-se agravar, declarou.

Quanto a respostas concretas às dificuldades sentidas pelos comerciantes o ministro pouco mais fez que lançar-lhes o repto de voltarem a reunir-se com ele, dentro de seis meses, para que então lhe peçam contas daquilo que fez.

A propósito do sistema de Boletins de Registo de Impor-

tação, Álvaro Barreto juntou-se aos comerciantes na sua condenação, disse que ele vai ser revisto, e considerou que ele se traduz num índice elevado de corrupção. O critério final da emissão do BRI, afirmou, é fundamentalmente o do mais ou menos dinheiro que o funcionário responsável recebe do importador.

Os filhos dos amigos

No que respeita ao recente encerramento de alguns centros de turismo portugueses no estrangeiro, o ministro do Comércio apontou um seu colega de partido como o principal responsável pela campanha de contestação dessa medida, pelas simples razões de que tinha um filho num desses centros. O ministro disse igualmente que brevemente serão também encerradas algumas delegações do ICEP.

A questão das inundações e das indemnizações às vítimas foi praticamente ultrapassada com a tese de que os prejuízos são tão importantes que não será possível resolver todos os problemas.

Depois da saída do ministro (que disse ter de se ausentar para participar na reunião do Conselho Nacional do seu partido, o PSD), o secretário de Estado do Comércio Interno respondeu também a numerosas questões apresentadas directamente pelos presentes, mas foi incapaz de justificar, de forma convincente, os limites da revisão da actual lei dos arrendamentos comerciais (que será publicada brevemente) e as razões de ser dos novos horários dos estabelecimentos comerciais.

Depois de conversar com Mitterrand

Soares muito alegre com a perspectiva/CEE

Não obstante Mitterrand apenas lhe ter dito que «dentro de um período razoável uma resposta de sim ou não terá de ser dada a Portugal e Espanha», Mário Soares manifestou ontem em Lisboa uma «grande alegria» pelos progressos verificados no processo de adesão à Comunidade Económica Europeia.

Em declarações no Aeroporto de Lisboa, de uma reunião da Internacional Socialista, Soares afirmou que a posição expressa por François Mitterrand de que Portugal e a Espanha têm direito a uma definição da sua situação, a adesão à CEE o deixa bastante optimista.

Segundo afirmou «se forem

dados passos na próxima Cimeira de Atenas, como deve suceder, está aberto o caminho para o alargamento».

Mário Soares reafirmou a este respeito ter tido encontros com o primeiro-ministro da Bélgica e da França: a Bélgica reafirmou a sua posição de apoio, mas a França passou para uma posição bastante mais positiva.

Soares manifestou, também, a convicção de que a sua confirmação como vice-presidente da Internacional Socialista para o Médio Oriente, onde deverá voltar em breve embora lhe crie problemas de tempo como Primeiro-Ministro português, «é importante para Portugal».

3,5 milhões de contos em seis meses

Projecteis e munições exportados para o Iraque

Portugal exportou para o Iraque, nos seis primeiros meses deste ano, mercadorias no valor de cerca de 3,5 milhões de contos, o que revela um aumento significativo em relação ao mesmo período do ano passado.

Os projecteis e as munições são as principais exportações para aquele país árabe em guerra com o Irão - revelam estatísticas do Instituto do Comércio Externo de Portugal (ICEP).

De acordo com as mesmas estatísticas as outras exportações importantes de Portugal para o Iraque são as peles e couros, geradores e motores e obras de pedra.

Em 1982 Portugal exportou mercadorias no valor de 5,4 milhões de contos, contra metade em 1981. Por seu turno Portugal importou petróleo iraquiano no valor de 21 milhões de contos em 1982.

O ICEP, que tem uma delegação em Bagdade, apoiou a participação deste ano na feira Internacional da capital iraquiana, que terminou no passado dia 15, de doze empresas portuguesas, contra 21 em 1982.

Por outro lado, três empresas portuguesas de construção civil estado a construir nos últimos têm estado a construir nos últimos dois anos blocos residenciais no Iraque, em regime de subcontratação.

Acordos de cooperação com a Arábia e os Emiratos

Portugal propôs a assinatura de acordos de cooperação económica com a Arábia Saudita e os Emiratos Árabes Unidos - soube-se de fonte oficial.

A assinatura destes acordos, que estava prevista para este ano, só deverá realizar-se no próximo ano nas capitais daqueles países.

Por outro lado, estavam também previstas este ano reuniões de comissões mistas ao abrigo de acordos de cooperação assinados com Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia, Jordânia, Omã e Iraque.

As reuniões das comissões mistas com Marrocos, Tunísia, Jordânia e Omã devem realizar-se em Lisboa, enquanto as relativas aos acordos com a Argélia, em Argel, com o Iraque, em Bagdade e com a Líbia em Trípoli.

Os acordos de cooperação com estes nove países árabes incidem principalmente nos sectores económico, comercial, científico e técnico e prevêem uma maior dinamização nas relações entre Portugal e o mundo Árabe.

Sobreiros para a Turquia

Um grupo de empresários turcos está interessado na cooperação portuguesa no domínio corticeiro - disse em Lisboa o empresário turco Turgut Muren.

O referido empresário, que se encontra em Lisboa pela segunda vez no espaço de seis meses, notou que também o Governo da Turquia tem manifestado grande interesse pela cooperação portuguesa oficial e privada tendo em vista a plantação de sobreiros.

Muren observou que os contactos que já teve com alguns empresários portugueses têm sido extremamente positivos, estando a parte turca, com o apoio governamental, disposta a apresentar em breve um plano de desenvolvimento de um projecto em vastas áreas da Turquia para plantação de sobreiro.

Observou que apenas por algumas negligências nunca ninguém se interessou até agora pela plantação do sobreiro que tem excelentes condições climáticas, como em Portugal, de se desenvolver.

Sociedade luso-guineense de pescas já iniciou a laboração

A primeira sociedade mista de pesca luso-guineense, a Guipex, começou ontem a operar ao largo de Bissau, com um navio pesqueiro, que foi visitado quinta-feira pelo presidente guineense, Bernardo Vieira.

A primeira unidade da frota da Guipex será seguida dentro de três semanas por novo navio de cerca de 400 toneladas, também alugado a uma empresa de Aveiro, até à entrega pelos Estaleiros de S. Jacinto de cinco unidades pesqueiras polivalentes (camarão e arrasto), de 180 toneladas cada.

«Esta é uma fase intermédia da actividade da empresa mista, até

ao início da laboração das nossas próprias unidades, especialmente construídas para obter o máximo rendimento das águas da Guiné-Bissau - disse à ANOP um sócio português da empresa.

O «João Manuel Vilarinho», que partiu às 00h00 do ontem do porto de Bissau, tem uma tripulação de 16 portugueses e 11 guineenses, todos profissionais mas que vão começar a preparar-se para os futuros barcos da Guipex.

Um bebede a bordo foi oferecido quinta-feira à noite pela Sociedade Mista Luso-Guineense para assinalar o início da laboração, tendo o navio sido «emban-

deirado em arco» para receber o presidente João Bernardo Vieira.

A Sociedade Mista Luso-Guineense de Pesca Guipex foi constituída em Maio último, em Bissau, com um capital social de 200 mil dólares (254 mil contos), sendo 65 por cento de um grupo privado português (Grupesca), constituído propositadamente para o efeito.

O valor global do investimento ascenderá a 10 550 milhares de dólares (1127 milhares de contos), segundo o protocolo de compromisso de constituição da empresa, assinado em Março último, em Bissau.

A Grupesca fornece os meios de captura (de início quatro barcos, depois mais dois), a tecnologia e o controlo de gestão da sociedade, garantindo a parte guineense as infra-estruturas frigoríficas em terra.

A Guipex, cujo presidente do Conselho de Administração é o tenente-coronel Canto e Castro, antigo conselheiro da revolução, teve para a sua constituição o apoio da Secretaria de Estado da Cooperação e Desenvolvimento de Portugal, tendo a Grupesca sido considerada oficialmente uma «empresa de interesse nacional».

Pacote industrial aprovado pelo Conselho de Ministros

A transformação dos passivos bancários directos do Estado e sector público em aumento de capital social das empresas devedoras é uma das medidas do pacote legislativo da indústria.

O memorando relativo ao saneamento financeiro de emergência das empresas industriais já foi aprovado na generalidade em Conselho de Ministros, decorrendo agora a fase de contactos com a banca e demais entidades credoras para a sua concretização - informa a ANOP.

Trata-se de um instrumento excepcional que visa, segundo uma fonte do Ministério da Indústria, reduzir o desequilíbrio da estrutura financeira das empresas industriais, aliviando-as

Aquela operação será efectuada após reavaliação dos activos, a título transitório, sendo a correspondente participação resgatável em qualquer ocasião pelo beneficiário, a preços de mercado, no prazo limite de 15 anos, nunca podendo exceder 49 por cento dos capitais próprios.

Podem utilizar este esquema de saneamento financeiro de emergência «as empresas industriais enquadradas nos sectores que mais contribuem para a melhoria da Balança Comercial e para a formação do valor acrescentado nacional e apresentem potencialidades de viabilização técnico-económica, mas cujo elevado grau de de-

O pacote industrial, inclui, também, um projecto de Lei do Desenvolvimento Industrial, que determina que o «acesso a actividade industrial é livre, respeitados os limites contidos na Lei de delimitação dos sectores».

Este diploma põe, inequivocamente, fim ao condicionamento industrial, que vigorou em Portugal durante décadas, e considera que o sector privado «é factor decisivo de desenvolvimento industrial e motor imprescindível na modernização e reestruturação do sistema produtivo».

Reconhece que o sector público desempenha «uma função de particular relevo nas áreas

papel dinamizador de desenvolvimento industrial».

As áreas prioritárias da política industrial são o aproveitamento com valor acrescentado optimizado dos recursos naturais do país, a reestruturação, modernização e especialização das indústrias tradicionais, a expansão das indústrias em que se dispõe de tecnologia própria e com perspectivas de desenvolvimento e a criação de um núcleo de novas indústrias de tecnologias avançadas, que se coadunem com os recursos humanos e materiais do País.

O Ministério dá grande importância à existência de uma base permanente de informação sobre o sistema industrial,

racção com o Instituto Nacional de Estatística.

O Ministério defende um vasto programa de incentivos fiscais e financeiros para o desenvolvimento industrial, particularmente nas áreas da modernização e da inovação tecnológica.

O Governo estimulará a criação e a expansão de sociedades de investimento e de desenvolvimento regional, visando contribuir para a realização dos objectivos da política industrial.

Outro instrumento da política industrial previsto no pacote legislativo é a criação de um Fundo de Desenvolvimento Industrial, com autonomia administrativa e financeira, funcionando na de-

Outra área importante do pacote é o desenvolvimento tecnológico, encontrando-se ainda em debate no Governo uma resolução sobre o Plano de Desenvolvimento Tecnológico da Indústria Transformadora e o Decreto-Lei da Inovação Industrial.

Este diploma prevê a criação de uma agência de inovação tecnológica industrial, para a gestão dos apoios e incentivos previstos no documento.

É intenção do Ministério da Indústria e Energia que o Estado se empenhe na promoção de empresas de investigação e desenvolvimento, pretendendo-se aumentar significativamente a

24 horas

Tempestade provoca 48 mortos

Morreram 48 pessoas no espaço de uma semana, a maior parte em acidentes rodoviários ou em aviões de turismo, por causa das intempéries que atingem várias regiões dos Estados Unidos. Violentas tempestades de neve atingiram este fim-de-semana as planícies centrais do Norte do país, e o aeroporto de Denver (Colorado), o quinto maior dos Estados Unidos, foi ontem encerrado por um período indeterminado.

Heroína preocupa Estados Unidos

O aumento da produção da papoila no Sudoeste asiático está a tornar a luta contra o tráfico de heroína cada vez mais difícil, considerou hoje em Hong-Kong um diplomata americano de alto nível, durante uma conferência sobre os narcóticos. A droga produzida no «triângulo de ouro», zona de cultura da papoila que abrange a Tailândia, a Birmânia e o Laos, foi mais barata e ainda mais abundante em 1982-83 do que na anterior colheita «record», sublinhou John Monjo, um dos responsáveis da secção sudeste da Ásia e Pacífico do departamento de Estado.

Moscovo apela a Tirana

A União Soviética apelou mais uma vez no domingo à normalização das relações soviético-albanesas em artigo publicado pelo diário do governo, «Izvestia», por ocasião da festa nacional albanesa. «A URSS considera que o restabelecimento de relações normais entre os dois países responderia aos interesses vitais dos povos albanês e soviético, bem como aos interesses comuns do socialismo mundial e da paz», escreve o jornal.

Vice-ministro afastado em Moscovo

Um vice-ministro da Construção de Máquinas para a Criação PARA A Produção de Forragens foi afastado, segundo foi ontem oficialmente anunciado em Moscovo. Tchekaline foi «libertado das suas funções» por «insuficiências no seu trabalho», indica um decreto do Conselho de Ministros datado de 13 de Setembro e publicado pela última edição do boletim oficial do governo soviético. De 53 anos de idade, Tchekaline, que exercia essas funções desde há dez anos, foi substituído por V. Bykov cujos antecedentes são desconhecidos.

Vaticano contra Maçonaria

A Igreja Católica reafirmou, no sábado, o «julgamento negativo» que faz sobre as organizações maçônicas, recordando que os que aderem a elas cometem um pecado grave e não podem receber a comunhão. A Congregação para a Doutrina da Fé publicou uma deliberação oficial para responder às interrogações suscitadas pelo facto da Maçonaria já não ser mencionada no novo Código de Direito Canónico que entrou ontem em vigor. No antigo código os membros da Maçonaria eram excomungados.

Manifestação em Madrid

A manifestação convocada ontem em Madrid por grupos da extrema-direita decorreu sem incidentes e reuniu perto de 120 mil pessoas, de acordo com fontes policiais. Os manifestantes gritaram sobretudo palavras de ordem contra a ETA-Militar, a favor da Guarda Civil e «Franco, Franco». A manifestação fora convocada pela Confederação de Ex-Combatentes e associações de irmandades, em comemoração do oitavo aniversário da morte de Franco.

Explosão na Bolívia

Um explosão de dinamite provocou a morte de cinco pessoas e vários feridos na localidade mineira boliviana de Llallagua, 250 quilómetros a Sueste de La Paz — anunciou ontem a Polícia. As autoridades confirmaram a ocorrência, que se registou após uma forte tempestade, que originou um incêndio na residência do trabalhador mineiro Jaime Vera, em cuja cave existiam materiais explosivos para trabalhos de prospecção mineira. Vários dos feridos encontram-se em perigo de vida, acrescentaram as mesmas fontes.

Uma espingarda como «prenda»

Uma rede comercial sul-africana de artigos para o ar livre propõe, no seu catálogo especial para o Natal, uma «prenda» que «acerte sempre»: uma espingarda automática muito sofisticada. A «1M4», utilizada desde há pouco tempo pelo Exército sul-africano com o código «R4», foi posta à venda na semana passada pela sociedade «M.E.», com uma grande campanha de publicidade na imprensa onde se pode ver a arma, considerada como «uma das melhores» da sua categoria, nas mãos de mulheres jovens e sorridentes.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina



Elementos da Cruz Vermelha recuperam os corpos mutilados das vítimas da queda do Jumbo colombiano que ontem de manhã se despenhou perto do aeroporto de Barajas

183 mortos e 11 sobreviventes no acidente do Jumbo colombiano

São apenas onze as pessoas — hospitalizadas todas elas — que sobreviveram ao acidente do «Boeing 747» da companhia colombiana «Avianca» que se despenhou na noite de sábado para domingo próximo de Madrid, fazendo 179 mortos.

No sábado, os passageiros que estavam a bordo do «Jumbo», à partida de Paris, e cujo destino final deveria ser Bogotá, a capital colombiana, eram 170, 54 dos quais haviam embarcado em Frankfurt. O avião tinha portanto metade da sua capacidade. Na escala a efectuar em Madrid, deveriam embarcar mais 147 pessoas, entre as quais o ex-presidente colombiano Misael Pastrana e vários escritores espanhóis que iam participar num colóquio em Bogotá.

A catástrofe registou-se pouco antes da aterragem em Madrid, numa altura em que o avião se encontrava a apenas ou dois minutos do aeroporto de Barajas, voando a uma altitude de algumas centenas de metros. «A minha mulher viu, através da vigia, um motor a arder, no lado direito da fuselagem», conta um dos sobreviventes. Logo a seguir foi o drama, que nada fazia prever: as hospedeiras, que acabavam de se sentar e de apertar os cintos, pareciam serenas.

Houve primeiro um choque, depois outro e, a seguir, foi o apocalipse. Da janela de sua casa, um habitante de Mejorada, uma povoação das redondezas, viu um novelo de labaredas e de faíscas, na noite escura como breu. Segundo as primeiras constatações no terreno, o «Jumbo» da «Avianca» chocou primeiro com um monte e deu um solavanco ao virar-se, antes de se despenhar, com o trem de aterragem descido. Logo a seguir desintegrou-se, com os pedaços maiores da fuselagem a serem pasto das chamas.

«Deambular como louca»

No silêncio de morte que se seguiu, uma mulher, que, milagrosamente, saiu ilesa da catástrofe, começou a deambular entre os destroços do avião, espalhados por um raio de cerca de um quilómetro. Os primeiros membros das equipas de socorro que a viram contam que ela não parava de repetir os números sete e quatro, como se se tratasse de uma fórmula mágica. A sr.^a Carmen Nova de Gorlich, uma venezuelana de 31 anos, recuperou ontem do estado de choque, numa clínica de Coslada, na periferia de Madrid. «Era como se estivesse noutra planeta, assim que sai do avião, por uma vigia, comecei a caminhar,

como uma louca».

Um dos sobreviventes franceses, Patrick Negers, de 29 anos, contou por seu turno como se deu a tragédia: «Foi tudo muito rápido e, ao mesmo tempo, muito lento. Uma acção que decorre em dois ou três segundos, vividos com intensidade, é impossível de esquecer».

«Pensar que conseguimos escapar os quatro é um milagre, uma sorte inacreditável», acrescenta Patrick Negers, cuja mulher, Elizabeth, de 26 anos, de origem colombiana, e os dois filhos, Kathy, de três anos, e Ludovic, de 23 meses, também estão vivos.

Não aconteceu o mesmo a outra família francesa, que foi cruelmente atingida: Celia Boniol está ferida, tal como a filha, Bilitis, mas o marido e outro filho morreram. Entre os outros sobreviventes conta-se um suíço, ou um alemão federal, Peter Stigmann, e uma colombiana.

Na longa lista de mortos, cujo número oscilava ainda, ontem à noite, segundo as estimativas, entre 179 (balanço avançado pelo ministro espanhol dos Transportes) e 183 (segundo a Avianca), todos eles calcinados ou horrivelmente mutilados, falava-se de 23 italianos, 23 suecos, cerca de 15 franceses e uma dezena de alemães ocidentais.

Mas o grupo mais numeroso era certamente o dos latino-americanos: 24 ou 25 tripulantes colombianos e cidadãos de vários outros países da América Latina. A bordo do aparelho seguiam várias personalidades conhecidas, entre as quais o romancista peruano Manuel Acorza, os escritores uruguaios Angel Rama e Ernesto Sábater, bem como o mexicano Jorge Ibarguen Goitia.

A «caixa negra» do «Boeing», descoberta às primeiras horas da manhã de ontem, levará sem dúvida um certo tempo a revelar o segredo — erro humano ou falha mecânica — destas 179 mortes.

Do mesmo modo, as autoridades indicam que a identificação de todas as vítimas, cujos restos mortais, irreconhecíveis, estão alinhados num hangar do aeroporto de Madrid-Barajas, levará pelo menos uma semana.

As equipas de socorro espanholas — efectivos de sapadores bombeiros, pára-quedistas, guardas civis, agentes da Polícia Nacional, membros da Cruz Vermelha e da Protecção Civil — foram bastante elogiados, designadamente pelo embaixador da Colômbia em Madrid. O sobrevivente francês Patrick Negers disse que os socorros tinham sido «extremamente rápidos».

A rainha Sofia de Espanha vi-

sitou ontem os 11 sobreviventes da catástrofe, que estão repartidos por três hospitais.

Mil mortos em nove acidentes

Mais de mil pessoas morreram nos nove acidentes de aviação ocorridos em território espanhol nos últimos anos.

Em 3 de Julho de 1970 morreram 111 pessoas ao despenhar-se no monte Montseny, de Barcelona, Noroeste espanhol, um avião «Comet-4» da Companhia Dan Air.

Em 1 de Janeiro de 1971 pereceram 27 pessoas ao cair ao mar, próximo da ilha de Minorca, um avião que efectuava um voo desde Argel para esta ilha espanhola.

Em 7 de Janeiro de 1972 despenhou-se um avião «Caravelle», da companhia espanhola Ibérica, nas proximidades do aeroporto da ilha de Ibiza, morrendo 104 pessoas.

Em 3 de Dezembro de 1972 morreram 155 pessoas ao explodir no ar, logo após ter descolado do aeroporto de Los Rodeos, na ilha de Tenerife, um «Convair Coronado» da companhia Spantax.

Em 13 de Agosto de 1973, morreram 84 pessoas com a queda de um avião «Caravelle» da companhia espanhola Aviaco, a poucos quilómetros da Corunha, Noroeste espanhol.

Em 27 de Março de 1977 verificou-se o acidente mais grave da história da Aviação Comercial, quando 585 pessoas morreram no choque frontal, de dois Jumbos «Boeing-747» das companhias KLM holandesa e Pan-Am norte-americana, no aeroporto de Los Rodeos, na ilha de Tenerife, quando realizavam as manobras prévias à descolagem.

Em 25 de Abril de 1980 morreram 146 pessoas ao cair um «Boeing-747» da companhia Dan Air próximo do aeroporto de Los Rodeos.

Em 13 de Setembro de 1982 morreram 56 pessoas ao despenhar-se, logo após a descolagem no aeroporto de Málaga, um DC-10 da companhia Spantax.

O acidente ocorrido hoje com um jumbo da Avianca é o terceiro que acontece com aviões desta companhia colombiana no aeroporto de Barajas, Madrid e suas imediações, ainda que os dois anteriores não tenham causado vítimas.

Assim, em 31 de Janeiro de 1973, quando a visibilidade era mínima devido ao nevoeiro, um Boeing-747 da Avianca saiu da pista, e em 12 de Setembro de 1982 um avião do mesmo tipo sofreu o rebentamento de um pneu.

O primeiro-ministro israelense seu ministro da Defesa, Moshe Dayan, esta manhã a Washington durante a qual o primeiro-ministro se reuniu com o presidente Ronald Reagan. O «poderio» militar das conversações, que se formar em preliminares de uma operação estratégica» mais que actualmente subsiste e

Vários pontos estão em litígio entre os EUA e Israel: por um lado, Washington gostaria de ver terminada a política de mais colonatos, e, por outro, Israel gostaria que os EUA transformassem em fundos perdidos os 2610 milhões de dólares de ajuda económica e militar prestada pelos EUA ao Estado judeico. Um ponto em que ambos os países já chegaram a acordo: os EUA vão permitir que Israel exporte para a África e para a América Latina o armamento fabricado por Telavive com incorporação de tecnologia norte-americana. Neste ponto, Israel espera que a venda de armas auxilie a sua economia, e os EUA terão em Israel um óptimo «écran», para fornecer armas a regimes e organizações suas subsidiárias.

URSS escolheu dissidentes?

O chefe do Executivo da OLP, Yasser Arafat, afirmou numa entrevista concedida ao jornal caireno «Al Akhbar» que Moscovo se tinha colocado ao lado dos «dissidentes» e da Síria contra a corrente do Fatah e da OLP que reconhece o comando de Arafat. Comentaristas da AFP dizem o mesmo, alegando para isso que a visita feita este fim-de-semana a Moscovo por Faruk Kaddumi foi praticamente silenciada pela imprensa soviética, em vivo contraste com o relevo dado à visita feita há 15 dias pelo ministro sírio dos Negócios Estrangeiros, Abdel Khadem. No comunicado final da visita da delegação da OLP, não se refere o nome de Yasser Arafat.

Contudo, tanto agora como na altura da visita do ministro sírio, os soviéticos acentuaram a necessidade de unidade

URS

A União Soviética poderá suspender as negociações sobre redução das armas estratégicas (START), se os Estados Unidos decidirem instalar um sistema orbital antimísseis, afirmaram fontes próximas do Kremlin, segundo a ANOP.

Informações recebidas em Moscovo levam os dirigentes soviéticos a pensar que o presidente Ronald Reagan anunciará, quarta-feira, a decisão do Governo de Washington de proceder à instalação de um sistema de satélites capazes de destruir em voo os mísseis soviéticos.

O ministro soviético da Defesa, Dmitri Ustinov, já avisou qual seria a resposta de Moscovo a esta iniciativa norte-americana: depois de abandonar as negociações de Genebra sobre as armas nucleares de médio alcance, a União Soviética está também decidida a suspender as negociações em curso sobre armas estratégicas (START).

Ustinov, que anunciou a 19 de

“Cooperação estratégica” israelo-americana

Shamir e Arens em Washington

ro israelita, Ythzak Shamir, e o fesa, Moshe Arens, chegaram hington para uma visita oficial, neirose avistará hoje e amanhã Ronald Reagan. A situação no » militar sírio estarão no centro que os EUA pretendem trans- res de um novo acordo de «co- »a» mais profundo que aquele bsiste entre os dois países.

sábado, as informações oficiais de Damasco, segundo as quais a defesa antiaérea tinha aberto fogo, sexta-feira sobre aviões americanos «F-14» que sobrevoavam as posições sírias no Líbano.

Entretanto, ontem recomençavam os combates entre o Exército libanês e as forças antigovernamentais na Montanha a Sueste de Beirute,

lações franco-palestinas de «muito estreitas» e precisou que o governo francês e os responsáveis palestinos estavam em contacto permanente durante os acontecimentos de Trípoli.

O conselheiro de Yasser Arafat afirmou ainda que a direcção palestina descobriu uma conspiração visando a «liquidação física» de Yasser Arafat, Abu Jihad, comandante-chefe adjunto das forças palestinas, e de outros responsáveis.

Hani El Assam acrescentou que a direcção palestina está disposta a abrir negociações com a Síria, mas que recusa categoricamente qualquer contacto com os palestinos que combatem Arafat.

Hani El-Assam encontra-se desde a passada quarta-feira em Marrocos onde se avistou com o rei Hassan II.

Gemayel

O presidente libanês Amine Gemayel, chegou ontem a Roma para uma visita de três dias à Itália.

Gemayel será recebido hoje no Vaticano pelo Papa João Paulo II e irá muito provavelmente travar conversações com o cardeal secretário de Estado do Vaticano, mons. Agostino Casaroli.

Amanhã o presidente libanês, será recebido pelo chefe do Estado italiano, Sandro Pertini, que também acaba de regressar dum visita de Estado à Jordânia. No mesmo dia, Gemayel avistará-se com o chefe do Governo italiano, Bettino Craxi.

Amine Gemayel deverá seguir viagem para Washington, na quarta-feira.

Enquanto isto, o chefe do Governo libanês, Chafic Wazzan, evocou no sábado, pela primeira vez, a possibilidade de uma «anulação» do acordo libano-israelita de 17 de Maio passado.

A continuação do «congelamento do acordo (...) deve-se à sua violação (por Israel) e à não retirada (israelita do Líbano), o que levará à sua anulação», disse Wazzan numa declaração à imprensa na véspera da partida do presidente Amine Gemayel para Roma e Washington.

Ontem em Montevideo Maior concentração da história política do Uruguai

Mais de quatrocentas mil pessoas participaram ontem de tarde em Montevideo na maior concentração política da história do país para reclamar o regresso a uma «democracia sem exclusões».

Pela voz do célebre actor uruguaio Alberto Candéau, os partidos políticos, os sindicatos e as organizações estudantis que promoveram a manifestação afirmaram numa proclamação a sua decisão irrevogável de participarem nas eleições e reclamaram o levantamento das proibições de que são objecto as personalidades e as organizações políticas nacionais.

«O desejo de liberdade e a vocação democrática constituem o denominador comum de todos os homens e de todas as mulheres nascidos nesta terra», declarou Alberto Candéau, que recordou quanto a população uruguaia é contrária ao governo militar do general Gregório Alvarez, assim como ao isolamento interno e externo do país.

No meio das aclamações, o orador acrescentou que o país desde há muito se prepara para novo diálogo destinado a reformar a Constituição e a organizar a transição da actual situação de facto para o «Governo de Direito», que deve entrar em funções em Março de 1985.

Nesta proclamação, os partidos políticos exigiram o regresso à liberdade de acções para as formações políticas proibidas, com vista a eleições marcadas para 1984, pois a democracia não é concebível sem pluralismo total.

Os manifestantes reclamaram, por último, o restabelecimento da liberdade de imprensa, o regresso das Forças Armadas às suas verdadeiras funções e das cadeias apenas para os delinquentes de direito comum.

Finda a concentração que decorreu calmamente, desfilaram cerca de dez mil pessoas na principal artéria da capital que se reagruparam na Praça da Independência, próxima do palácio presidencial, onde estavam forças policiais consideráveis.

Os manifestantes gritaram palavras antigovernamentais e entoaram o hino nacional dispersando em seguida sem nenhum incidente.

A noite deviam realizar-se, promovidas pelos partidos e autorizadas pelo poder, concentrações da mesma índole, em diversas outras cidades do país.

Eleições antecipadas no Japão

O Primeiro Ministro japonês, Yasuhiro Nakasone, dissolveu hoje a Câmara dos Deputados, com vista a eleições gerais antecipadas, anunciou o Presidente da Câmara, Hajime Fukuda.

Yasuhiro Nakasone dissolveu a Câmara Baixa pouco depois de ter sido votada, hoje, uma moção de desconfiança ao seu Governo, apresentada pelos partidos da oposição na sessão plenária, precisou Fukuda.

O primeiro-ministro presidirá hoje à tarde a uma reunião do gabinete, durante a qual deverá ser estabelecido o calendário das eleições, declararam meios oficiais na residência de Nakasone.

A primeira volta do escrutínio poderá ter lugar no dia 3 de Dezembro e a segunda a 13, anun-

ciaram as mesmas fontes, ou seja, seis meses antes do termo normal da legislatura.

A consulta deverá permitir medir a popularidade do Governo chefiado por Nakasone e pôr termo ao imbróglio político que se seguiu à condenação do antigo primeiro-ministro Kakuei Tanaka, ccomprometido no escândalo «Lockheed», pensam os observadores.

Numa sondagem publicada pelo jornal japonês «Mainichi», efectuada no período compreendido entre 18 e 20 de Novembro, 41 por cento das 3 mil pessoas interrogadas pronunciaram-se a favor do Partido Liberal Democrata (LDP, no poder), contra 30 por cento que indicam ser favoráveis a um partido da oposição e 20 por cento que se mostram indecisas.

Nas Filipinas

Manifestantes pedem demissão de Marcos

Mais de 120 000 pessoas desfilaram no domingo em Manila, pedindo a demissão do presidente filipino Ferdinand Marcos, e várias centenas manifestaram-se nas proximidades do Palácio Presidencial, fortemente protegido.

Dois tanques e cerca de 2500 soldados em postura antitumulto protegiam o palácio, quando 400 manifestantes se dirigiram, à tarde, para o edifício. Perante o dispositivo policial, os manifestantes deram meia volta.

Várias manifestações decorreram, por outro lado, nos diferentes bairros de Manila, celebrando o aniversário do principal chefe da oposição filipina, Benigno Aquino, assassinado em 21 de Agosto passado.

Mais de 100 000 pessoas

concentraram-se ontem de manhã no Parque Luneta em Manila para ouvirem Corazon Aquino, viúva do líder, e reclamarem a demissão de Marcos.

Durante essa reunião, foi preso um homem quando tentava aproximar-se da sr.^a Aquino. Segundo a Polícia, que lhe encontrou uma faca, trata-se de um pobre de espírito que não tinha qualquer intenção assassina.

Outras manifestações decorreram em várias outras cidades do centro das Filipinas, como Cebu, Bacalod e San Carlos, organizadas pelo movimento «Justiça para Aquino, Justiça para Todos», cujo chefe, o antigo senador José Diokno, declarou: «Marcos já não tem outra solução além de se demitir».

Este fim-de-semana

Mau tempo no Norte da Europa provocou 16 mortos

A tempestade que assolou o Norte da Europa durante o fim-de-semana causou a morte de, pelo menos, 16 pessoas e dezenas de outras foram feridas, a maior parte devido à queda de árvores, segundo os primeiros balanços ontem conhecidos no fim da noite.

Na Bélgica, onde numerosos telhados e chaminés foram arrancados, oito pessoas morreram nos acidentes rodoviários provocados por árvores tombadas na estrada, sete perto de Anvers e um em Limburg (Nordeste). Por outro lado, dois automobilistas belgas ficaram feridos, em circunstâncias análogas, um perto de Bruxelas e outro perto de Liège.

A circulação ferroviária, perturbada em várias regiões por ventos que sopravam em rajadas até 140km/hora, foi interrompida na linha Bruxelas-Charleroi devido à queda de uma catenária. Em França, quatro pessoas morreram. O vento que soprava violentamente no domingo na Lorena arrastou viaturas, causando a morte de dois dos seus passageiros.

Na mesma região, perto de Gerardmer, o condutor de uma outra viatura morreu esmagado por uma árvore. Nove passageiros ficaram feridos, alguns deles com gravidade, nesses diversos acidentes, segundo a Polícia de Metz.

Um sapador-bombeiro profissional morreu no sábado à noite numa aldeia do Maine-et-Loire sob uma parede de uma fábrica devastada por um incêndio algumas horas antes, que ruiu sob a força do vento.

Os ventos atingiram velocidades de 144km/hora na Normandia através da oração».

dia (Nordeste) e mais de 100km/hora em Paris, onde os Bombeiros tiveram de intervir perto de 500 vezes durante a noite.

Em Inglaterra, os ventos fortes que sopraram chegando a atingir a velocidade de 62 nós, arrancaram centenas de árvores nos condados da costa Sul. No sábado, numa estrada próxima de Ussex, um homem, uma mulher e uma criança morreram esmagados na sua viatura.

Na Holanda, o tornado causou grandes estragos e há a lamentar, pelo menos, um morto

Hafez Al Assad muito doente?

O presidente sírio, Hafez Al Assad que, no passado dia 13, fora hospitalizado com uma «apendicite», sofreu uma embolia cerebral da qual dificilmente poderá recuperar — anunciou a Rádio Voz do Líbano. Depois disso, Assad apareceu numa reportagem pela TV síria, mas correm insistentes rumores sobre a morte ou o estado de saúde muito grave de Assad.

O Exército foi reforçado nas três principais cidades do país: Damasco, Palmira e Tartus, enquanto o comando regional do partido no Poder, Baas, esteve reunido. Segundo Damasco, Assad tem-se avistado com vários responsáveis políticos e militares, e terá presidido à reunião do comando regional. A Síria anuncia, ao mesmo tempo, que Assad se encontra bem de saúde.

Rádio Voz do Líbano anunciou, entretanto, que a família de Assad entrou em contacto com os embaixadores sírios em alguns países ocidentais a fim de fazerem transportar o chefe de Estado sírio para algum hospital estrangeiro, devido à degradação do seu estado de saúde.

A confirmar-se a incapacidade ou morte de Assad, isso produzirá uma alteração na Síria, susceptível de produzir agitações político-religiosas.

entre todas as forças progressistas do Médio Oriente (palestinos, sírios e movimentos progressistas) e em especial no Líbano.

O Partido Comunista Cubano enviou, entretanto, um apelo para que se reinstaure a unidade no seio da OLP.

Arafat disposto a sair de Trípoli

O chefe da Organização de Libertação da Palestina (OLP), Yasser Arafat, está «disposto a sair de Trípoli (Norte do Líbano), se forem preenchidas certas condições políticas» no que diz respeito, designadamente, à protecção do país nos campos palestinos e na cidade de Trípoli, declarou ontem à noite Hani Al Assam, membro do Comité Central do Fatah.

O Pentágono desmentiu no

anunciou a Rádio Oficial Libanesa.

No Norte do Líbano, reinava a calma. Contudo, foram assinaladas quedas de granadas de morteiro durante a noite, de anteaontem na periferia Norte de Trípoli, acrescentou a emissora.

Por outro lado, explodiram duas cargas na parte ocidental de Beirute, que provocaram importantes estragos em duas mercearias e em carros que estavam estacionados, precisou Rádio-Líbano. Desde há dez dias que o sector é alvo de uma vaga de atentados com explosivos, visando, designadamente lojas.

Durante uma conferência de Imprensa, dada em Rabat, Hani El-Assam afirmou por outro lado, que o presidente François Mitterrand está à espera «do momento favorável para lançar uma iniciativa no Médio Oriente». O responsável da Fatah qualificou as re-

No caso de os EUA militarizarem o Cosmos RSS abandonará negociações START

Novembro que a União Soviética não voltará a sentar-se à mesa das negociações sobre os «euromísseis» até que os Estados Unidos «retirem da Europa os Pershing II e Cruise», acaba de ligar o futuro das negociações STAR à «militarização do Cosmos planeada pela Administração Reagan» avisando que Moscovo «responderá arma por arma» a Washington.

Ustinov disse que «para a URSS estão claros os planos dos Estados Unidos para tentar obter a superioridade militar também no domínio das armamentos estratégicos».

O ministro soviético da Defesa disse que Moscovo «propôs aos Estados Unidos para não instalar armas nucleares no Cosmos, mas não teve resposta, e se esta não chega, a União Soviética não terá outra saída senão fazer a mesma coisa».

Para Moscovo, o sistema de armas antimísseis, que Reagan deve anunciar quarta-feira, «viola os tratados existentes

entre os Estados Unidos e a União Soviética e constitui «o mais perigoso de todos os planos armamentistas».

Em Moscovo pensa-se que o próximo discurso de Reagan pode significar o fim das negociações START e a entrada «definitiva» na «era do confronto total» entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Até à suspensão das conversações sobre os euromísseis, o argumento preferido de Ronald Reagan era de «negociar em posição de força» e os norte-americanos tinham conseguido convencer os aliados de que era «preciso pressionar para obter acordos» porque a «linguagem da força é a única que entendem os dirigentes soviéticos».

Recorde-se que o jornal norte-americano «The Washington Post» afirmava ontem que Reagan irá anunciar na quarta-feira uma importante decisão sobre o desenvolvimento de novas armas, algumas das quais estacionadas no espaço.

Citando fontes de alto nível, o «Washington Post» sublinhava que «existem muito poucas dúvidas» de que Ronald Reagan aprovará o plano, por ele próprio sugerido em Março durante o seu famoso discurso sobre «a guerra das estrelas».

A concretização do novo sistema — criticado por muitos especialistas — marcaria uma nova fase nas relações estratégicas entre Washington e Moscovo.

Essas relações têm-se baseado no conceito de dissuasão, através da manutenção de arsenais ofensivos que, aparentemente, se destruiriam mutuamente em caso de conflito.

Mísseis chegam à Itália

O anúncio oficial, ontem de manhã da chegada dos primeiros elementos de mísseis de Cruzeiro americanos à base de Sigonella (Leste da Sicília) não desencadeou manifestações nem comentários dos partidos políticos ou do Governo italiano. Um comunicado do Ministério

da Defesa, lembramos, anunciou a chegada desses elementos, sem precisar o seu número ou a data exacta da chegada.

Embora as manifestações pacifistas se tenham multiplicado nos últimos meses em Itália — 500.000 pessoas desfilaram em Roma em final de Outubro — na Sicília o pacifismo continua discreto e os movimentos de protesto são raros, sublinham os observadores.

Entretanto, os bispos italianos denunciam «a persistência da lógica da guerra e a corrida aos armamentos» num comunicado distribuído, ao terminarem os trabalhos do Conselho Permanente da Conferência Episcopal, na véspera da chegada dos primeiros mísseis à Itália.

Os prelados recordam neste texto «a missão de paz, à qual, cada vez com maior decisão, a Igreja e os cristãos devem dedicar todos os seus esforços com inteligência, lucidez, competência e — mais do que nunca — através da oração».

NATAL

15 destinos diferentes
Selectos — Luxuosos
A seu gosto, junto
ao mar ou na montanha

FIM DE ANO
REVEILLON 83-84

25 CEIAS + BAILES
ESPUMANTE + ALEGRIA
Viagens em pullmans
«Luxo» ★ Hotéis de 1.^a
consulte o n.º programa
em distribuição mesmo
no seu agente de viagens

UM TURISMO
DIFERENTE
COM CLASSE

TURISMO LUSANOVA

Av. João XXI, 9-A M. Moniz, 5-A
Tel. 0043 14/00-0400

entrevista



György Aczel, vice-primeiro-ministro da Hungria

“O socialismo reparte o que tem de um modo mais humano...”

Da janela do seu enorme gabinete na «Casa Branca» de Budapeste (assim é também designada na cidade a sede do Comité Central do Partido Socialista Operário Húngaro) vê-se correr um Danúbio ainda azul. A sala é grande e tem as paredes completamente «forradas» por estantes sabiamente fornecidas. Quando em 1935, com 18 anos apenas, aderiu ao Partido Comunista, György Aczel era um simples trabalhador da construção civil. Nos dez anos de dura clandestinidade, que antecederam a vitória sobre o nazismo, conheceu de perto muitos dos melhores poetas e intelectuais húngaros. Entre 1949 e 1955 esteve arbitrariamente preso por não partilhar dos métodos e concepções quer dos «estalinistas», quer dos oportunistas de direita liderados por Nagy. Foi um período difícil mas rico de reflexões e de imensas leituras. Hoje é membro da comissão política do PSOH e vice-primeiro-ministro para as áreas da Cultura, Ideologia, Informação e Juventude. Algumas das suas intervenções nestes domínios foram já editadas em França e Itália.

Conversámos durante mais de duas horas. Falámos da crise de 56, do milagre agrícola húngaro, do apregoado «renascimento» da iniciativa privada na indústria e comércio, das perspectivas do socialismo, do culto da personalidade, da Polónia, e de muitas coisas mais. Ou melhor, falou Aczel, pois o jornalista ouviu sobretudo (com sincero prazer, confesse-se), um raro dirigente político que transpira, notavelmente, muita simplicidade, inteligência e cultura.

O êxito agrícola

O aprofundamento, no começo deste ano, da experiência de reprivatização de pequenas empresas comerciais e industriais, foi muito falado na Informação ocidental. Alguns órgãos interpretaram mesmo a solução como o regresso puro e simples à economia de mercado. Mesmo a Leste subsistem algumas dúvidas.

No primeiro ano de ensaio foram criadas 10 mil pequenas unidades, totalizando mais de 60 mil trabalhadores.

Aczel começa por recordar a experiência das parcelas agrícolas individuais, cedidas pelas grandes cooperativas, e que fornecem actualmente 36 por cento da produção agrícola. Foi um êxito — diz — essas pequenas quintas produzem legumes, frutas, porcos, coelhos, aves, etc. que contribuem decisivamente para o abastecimento da população.

No entanto — explica — convém não esquecer que essas parcelas estão intimamente ligadas às grandes cooperativas ou às unidades estatais. São estas que cedem as terras, produzem as forragens necessárias, fornecem as sementes e as plantas seleccionadas e os pintos, leitões e outros animais da pequena pecuária de engorda, assim como a respectiva alimentação artificial básica. E apoiam-nas também com o parque de máquinas, produtos químicos e têm um papel fundamental na comercialização das respectivas produções, em termos estáveis e rentáveis, sejam maiores ou menores as colheitas e produções. Ora isto garante, convém não esquecer-lo, a viabilidade dessas pequenas explorações domésticas.

Lembra que em 1938 havia 3 600 000 assalariados agrícolas, criados das grandes herdades e pequenos proprietários pobres. A guerra agravou as suas dificuldades e a Reforma Agrária proposta por Rackósi, líder da tendência radical, dominante no CC não foi feliz. Não estavam criadas as condições económicas-sociais propícias. Os novos proprietários não estavam ainda ganhos para as vantagens da propriedade colectiva. Era necessária paciência, era necessária uma informação mais convincente, sem forçar demasiado a realidade. Por isso muitos cooperantes foram desistindo com o correr do tempo — conta-me Aczel, ao assinalar as correcções posteriores, partindo de fórmulas



Intervenção na Universidade para um auditório de estudantes

e experiências encontradas no seio das próprias cooperativas.

O trabalho suplementar, nas pequenas parcelas, não excede normalmente as duas horas e meia. É livremente escolhido e, por isso, à grande maioria bastam as seis horas em média de trabalho diário (folgas ao sábado e domingo). Sublinha Aczel que esse trabalho extra corresponde a uma expressão da personalidade que não deve ser negligenciada. Há intelectuais mesmo que têm a sua exploração doméstica. Para eles o jardim ou a horta, significam como que um repouso, uma distração activa, um desporto até.

E chegamos a uma situação curiosa: cerca de metade das famílias húngaras têm terrenos para os fins-de-semana, alugam parcelas e participam na produção agrícola, enquanto apenas um quinto da população tem a agricultura como ocupação principal. Aczel refere uma estatística única: todos os domingos, 17 por cento dos dirigentes, 12% de intelectuais, 29% dos empregados qualificados, 27% dos operários de serviços, 46% dos restantes operários e 47% dos trabalhadores da construção civil, fazem a sua jardinagem ou trabalhos de horta e pomar.

Uma política operária que lese os interesses do campesinato ou dos intelectuais, é uma má política. É contrária aos interesses da própria classe operária. A quem serviria um mau abastecimento de produtos fundamentais, como os alimentares? — acrescenta ao justificar a original Reforma Agrária húngara.

“Um princípio honesto”

Voltamos à questão da reprivatização nas áreas comercial e industrial. Começa por indicar a

existência já de 90 mil pequenos artesãos ou industriais e 11 mil retalhistas. São números que tenderão a aumentar. Há — confessa — entre os nossos críticos bem intencionados, os que receiam pelo socialismo. Não há motivo para receios. Até 1985 alugaremos a cidadãos, individualmente e sem lhes dar a propriedade, quatro mil pequenas lojas ou estabelecimentos do Estado. São unidades deficitárias, demasiado pequenas e, por isso, de difícil gestão. A concessão é feita de maneira democrática, por concurso, na presença de um notário. Os equipamentos permanecem na posse do Estado. Graças a isso, pensamos, os serviços e o abastecimento serão substancialmente melhorados.

Problemas do lucro, de aparecimento de grupos sociais com rendimentos excessivos? Aczel responde tranquilo: O nosso código ético admite, e prescreve, que quem trabalha mais deve ganhar mais. É uma receita, ou melhor, um princípio honesto, que resulta do trabalho. O que a nossa sociedade condena e combate moralmente é a riqueza obtida de outra maneira, pela especulação, pela fraude, pelo tráfico.

Insisto na questão: essas unidades não poderão ter um papel contraditório e dissolvente dos mecanismos socialistas? Aczel aproveita para contar a história da pastelaria, situada na rua das traqueiras do edifício do CC, onde vai com frequência tomar café e saborear deliciosos bolos. É uma unidade tipicamente familiar, onde o horário de trabalho não conta, mas a qualidade do serviço é indiscutível. Considera que o esforço familiar tem vantagens materiais óbvias, é livremente aceite e se há membros que preferem apenas o seu horário noutra empresa isso é natural. Há

quem se contente com o seu salário e queira utilizar de maneira diferente os tempos livres. Isso é legítimo. Em minha opinião esse sector privado de que falamos não é um corpo estranho ao socialismo. Foi um erro a nacionalização excessiva das pequenas lojas, cafés, pastelarias e, até, barbearias. Agora consegue-se uma gestão mais rentável, mais flexível e adequada aos interesses dos cidadãos. Ora este esquema em nada altera os mecanismos e quadro de funcionamento das grandes empresas nacionais.

«Burguesia vermelha»?

A semana que repartiu entre Budapeste, o Balaton, «o cotovelo»

do Danúbio (região fascinante junto à fronteira checa), o cinema, o bailado, as pequenas esplanadas «parisienses», uns copos em bares alegres e muita conversa (sobre nós, portugueses, sobre o Ocidente, sobre os países socialistas), se não foi suficiente para entender toda a realidade húngara, deu para perceber que as pessoas vivem tranquilas, não se gastam em «bichas» e respeitam os seus dirigentes.

No Ocidente fala-se muito da existência de certas «castas» sociais nos países socialistas. «Burguesia vermelha» é, aliás, uma expressão usada em relação aos quadros dirigentes desses países querendo significar privilégios especiais, grandes rendimentos, etc. A pergunta não surpreende o experiente responsável pela Cultura e pela Informação no governo e no CC.

Frisa em primeiro lugar que o vértice dos salários não é ocupado pelos dirigentes, cujos rendimentos familiares não ultrapassam mais de 35 por cento de uma família operária vulgar. Um ministro — prossegue — não ganha mais que um mineiro muito qualificado e as estatísticas sociológicas provam que o nível de vida e os rendimentos dos dirigentes equivalem-se aos da média dos intelectuais. E, apesar de todos os alegados privilégios, não atingem os níveis de certos cientistas, engenheiros, médicos, artistas ou até pequenos industriais e agricultores. E acho lógico que, na maioria das vezes, os dirigentes não desfrutem do nível de vida que poderiam ter se trabalhassem na sua profissão original.

A importância da realidade

Conta como os Mercedes oficiais foram trocados por Ladas (Fiat's soviéticas) mais baratos e que 75 por cento dos cargos de responsabilidade são ocupados por descendentes de famílias de trabalhadores manuais. Uma disposição de 1956, proíbe mesmo que haja mais de um membro da mesma família no governo, no CC e, por maioria de razão, na comissão política. Não há, também, lojas, armazéns ou escolas especiais para dirigentes. «Único» privilégio admitido por Aczel: possibilidade de tratamento no hospital dos diplomatas estrangeiros e dos antigos resistentes.

Dizia Lenine que a realidade é mais engenhosa que a mais subtil das teorias. É Aczel quem o cita para considerar que se a Hungria é um país equilibrado, que progride apesar das dificuldades, isso deve-se às respostas que os seus

dirigentes souberam dar às questões levantadas pela realidade.

Sem perder de vista os nossos objectivos, procuramos as diferentes variantes e os diversos caminhos para atingir o fim. E esse fim é o socialismo. E o socialismo, mesmo o mais pobre, além de repartir o que tem de um modo mais humano que qualquer outro sistema social, não se limita a satisfazer exigências e necessidades. Desperta outras, constantemente. Quando uma revolução triunfa, as novas camadas dirigentes herdadas, por vezes, maus hábitos daqueles que os precederam. A nossa sociedade é realizada por homens falíveis, mas capazes e fortes, e procura respeitar e desenvolver o que há de bem no homem... acrescentou Aczel antes de abordar directamente a questão: que futuro para o socialismo?

Chama-se a atenção para o facto de o seu país não ter usufruído da acumulação capitalista típica dos países industrializados que tiveram colónias. A Hungria teve, por isso, em circunstâncias difíceis, de ultrapassar importante atraso histórico. Cita o caso da revolução soviética e comenta, com ironia, as profecias ocidentais (Churchill, Clemenceau, etc.) quanto à sua rápida decadência e extinção. Daí parte para a imagem dos orgulhosos proprietários de veleiros do alto-mar que trocavam, com desdém, dos primeiros barcos a vapor, que apelidavam de marmittas flutuantes.

Na verdade — prossegue Aczel ainda com ironia — essas «marmittas» eram desajeitadas e ruidosas. Mas representavam o futuro. Não esqueçamos que o vapor, por si só, apenas permite que se ande mais depressa, pois muitas coisas dependem da qualidade do carvão, da tecnologia, dos conhecimentos profissionais dos mecânicos e do capitão. De que servirá a máquina se o mecânico não tem em conta as indicações dos instrumentos de bordo ou aquece demasiado a caldeira? Nesse tempo os conhecimentos profissionais eram ainda insuficientes e os melhores veleiros ainda ultrapassavam, por vezes, os vapores. Contudo, o futuro — sabia-se já — pertencia seguramente aos barcos a vapor...

A uniformidade é paralisante

Seguro do futuro do socialismo, Aczel não o vê, porém, de modo rectilíneo ou uniforme. Cita os exemplos diferentes das revoluções socialistas na Mongólia, na Europa Central, no Vietname, na China, em Cuba e nos países do Terceiro Mundo, para concluir

“Peyrefitte cortou-se”

Em Abril de 1973, franceses e húngaros estiveram prestes a assistir a um apaixonante e inédito debate televisivo entre um dirigente giscardiano e um responsável do PSOH. A ideia surgiu meses antes numa discussão, também na TV, entre Georges Marchais e Alain Peyrefitte, então secretário-geral da UDR (de Giscard). A decisão do debate surgiu depois da proposta do líder comunista, que sugeriu um confronto em directo para os dois países, tendo como tema a situação política e social da França e da Hungria. Deu-se este diálogo:

Marchais — aceita esta proposta?

A. Peyrefitte — será uma emissão em directo?

GM — em directo.

AP — com tradução simultânea?

GM — claro.

AP — independentemente do que cada um disser?

GM — naturalmente.

AP — será traduzido simultaneamente?

GM — compete-lhe a si decidir as condições. Aceita?

AP — aceito o desafio.

Foi a sensação em França. Avizinhava-se a campanha eleitoral para as legislativas e o PSF e o PCF apresentavam-se com um programa comum. A campanha anticomunista tinha subido de tom e os países socialistas eram apresentados em termos quase infernais. Daí o interesse invulgar pelo debate. Jornalistas e técnicos das duas televisões fizeram reuniões, combinou-se o lugar, data, condições técnicas e o tema, circunscreto apenas à vida quotidiana das sociedades húngara e francesa. Passaram-se meses e, usando argumentos sucessivos e contraditórios, o dirigente da maioria de direita francesa recusou o debate. A emissão foi anulada em Abril de 1973. «Peyrefitte cortou-se» — acusaram os comunistas.

O dirigente húngaro para o debate era György Aczel!

que essas vias continuarão a ser cada vez mais diversificadas.

A velha questão do «modelo soviético» existe — ele o diz — apenas nas mentes ocidentais. A diversidade — sublinha — supõe a unidade. A uniformidade é cinzenta, paralisante, não procura senão uma unidade transitória e formal. A imitação mecânica de um país socialista por outro conduziu, e pode conduzir, a graves erros. Ninguém acusa o sistema capitalista lá porque ele teve formas de exploração diferente, seja na França, em Singapura ou no Paraguai...

Considera, entretanto, que a grande questão é saber se será o socialismo quando triunfar num dos países capitalistas avançados. Nestes, muitas questões importantes que os países socialistas tiveram de suportar de início não se porão, como é o caso da industrialização.

Aproveita para lembrar que os países capitalistas mais avançados criaram e continuam a criar enormes fundos de acumulação, pela exploração colonial e neocolonial, cujo preço desumano foi, e é, a miséria e o subdesenvolvimento das antigas colónias.

1956: sectarismo e dogmatismo

Da crise de 1956, na Hungria, Aczel fala com suficiente e claro

Hungria socialista. Na ficção, no ensaio e mesmo no cinema («Daniel apanha o comboio», de Sandor, obteve em Cannes os favores da crítica, com um filme corajoso e belo sobre a crise húngara), o tema continua a ser fértil.

Diz Aczel: eu discuto muito com os escritores e outros intelectuais e censuro-os por escreverem mais sobre os quatro anos do culto da personalidade que sobre o terror e as atrocidades do regime fascista de Horthy. Eu discuto, mas, no fundo, compreendo-os. As ilegalidades cometidas nesses quatro anos provocaram grande choque na consciência de todo um povo, porque foram situações absolutamente estranhas à natureza do socialismo.

Polónia: «erros de direcção»

A questão polaca, preocupa, naturalmente, os dirigentes dos restantes países socialistas. Aczel considera que situações críticas podem ocorrer em qualquer desses países e por diferentes razões. Nas crises húngaras, checa e polaca, ele observa, no entanto um denominador comum: uma má política dos dirigentes.

Frisa que só um programa claro e firme terá a compreensão das massas, para acentuar que aos dirigentes comunistas pola-

que vai ao ponto de redigir uma resolução dita sindical onde não se encontram, uma única vez as palavras «produção» e «trabalho»?

Mas acrescenta que a vontade de renovação na Polónia é justa e razoável e que é óbvio exigir, no futuro do socialismo a participação dos milhões de trabalhadores apoiantes do Solidariedade.

Cita, a propósito, Anatole France: O bom Deus está perante uma situação difícil: tem que realizar os seus objectivos com os homens... Ora, lembra Aczel, o socialismo tem de enfrentar exactamente as mesmas dificuldades.

«Cultura não é mercado»

A vida cultural na Hungria é intensa. Qualquer estrangeiro, mesmo de passagem, não pode deixar de ficar impressionado com as salas de teatro, de concerto, de cinema e com as galerias de arte, normalmente repletas de gente atenta e interessada. As livrarias esgotam, com facilidade, edições de autores nacionais ou estrangeiros. Aczel fala da visita recente de Mitterrand e da sua promessa (por cumprir) de edição imediata de, pelo menos, 15 obras húngaras em França.

No entanto — lamenta o dirigente húngaro — qualquer turista

em França, apenas se editarem um ou outro autor que se destaque nos ataques ao regime socialista e não os criadores verdadeiramente capazes, com talento, e populares na Hungria.

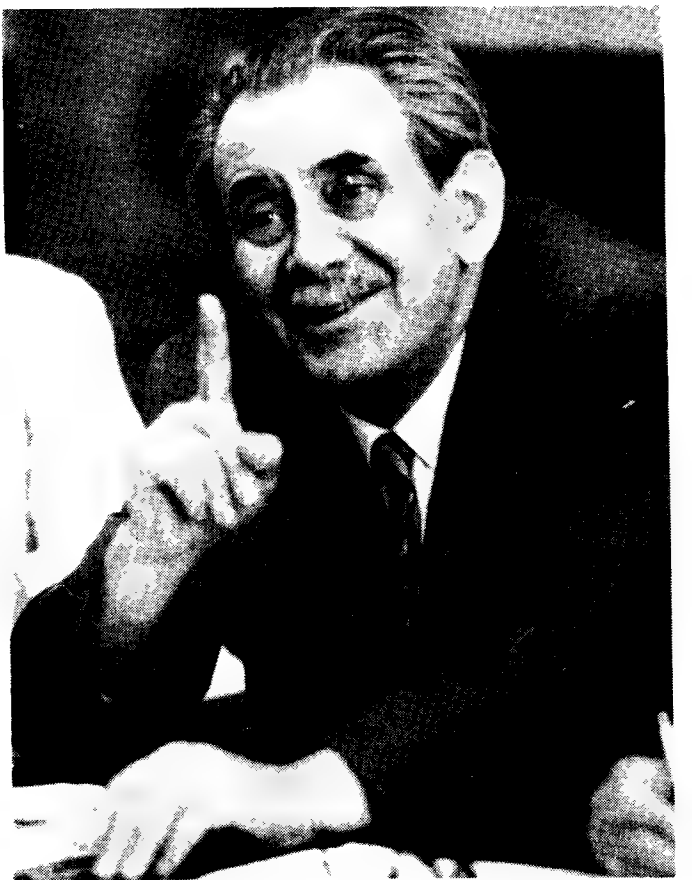
Refere o exemplo de Tibor Dery, um dos mais populares escritores húngaros, condenado em 1956, não pelas suas obras mas por acções políticas. Foi-lhe então, no Ocidente, da sua candidatura para o Nobel. Quando foi amnistiado recebeu um convite para ir a Viena falar da sua obra. Dezenas de jornalistas receberam-no, não como escritor, mas como um actor muito famoso. Quando se aperceberam que Dery não atacava os valores socialistas, antes os exaltava, confessaram-se desiludidos. E acabaram os convites para recepções ou as propostas para o Nobel.

Comentário de Aczel sobre esta história: Não consideramos a arte e a cultura como mercadorias. Não as vemos em termos financeiros, nem elas são determinadas pelos caprichos do mercado ou do interesse político.

Refere o interesse e divulgação no seu país de grandes clássicos gregos e latinos, e exalta a importância de Shakespeare na cultura europeia e mundial, para concluir que os valores culturais na Hungria não são privilégios de grupos reduzidos ou marginais.

Vencer o medo

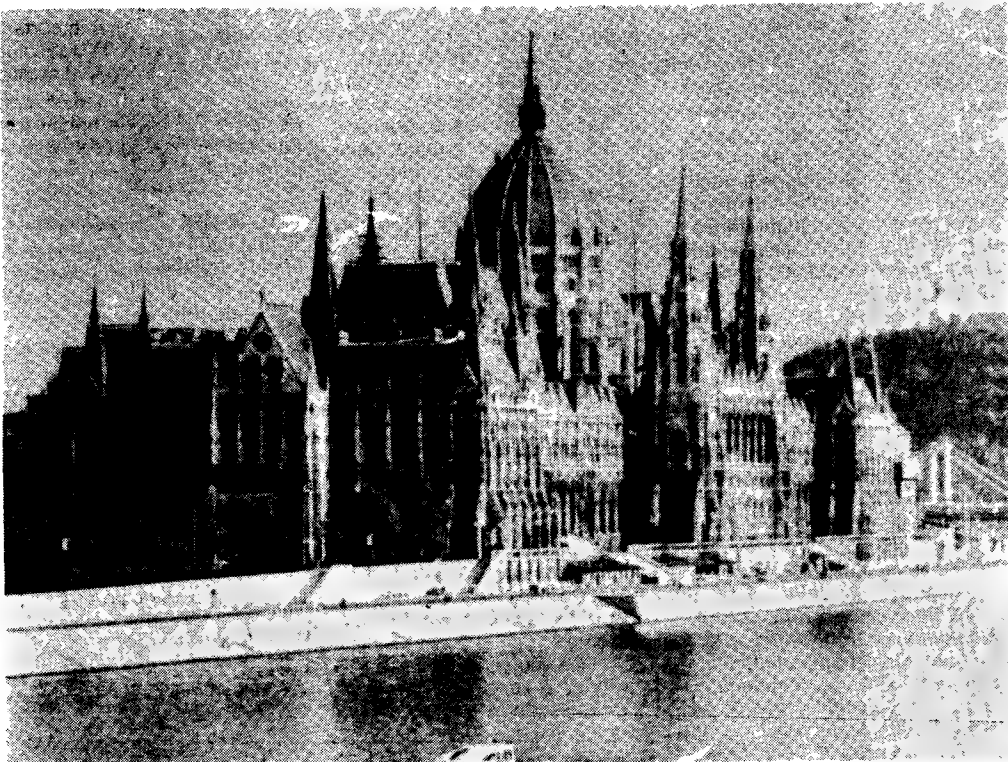
Vai longa a conversa e confesso que tive de resumir, a meu critério, algumas das longas respostas ou citações de Aczel. E não registo outras porque o espaço não é demasiado. Mas não posso deixar de anotar a sua referência (a propósito da longa e



«A diversidade supõe a unidade»

penosa montanha — Lenine dixit — que se tem de subir rumo ao socialismo) às palavras de Bertrand Russell, quando já tinha 90 anos: Os que são capazes de se interessar pela vida de um modo impessoal, são os que estão melhor preparados para vencer o medo da morte. Não têm medo dela porque o que é importante para eles, perpetua-se.

Ou dito noutras palavras, pelo grande poeta húngaro Attila Jozsef, muito apreciado por Aczel. Estão no poema «Encontrei Finalmente a Minha Pátria». Dizem os últimos versos: A Primavera é bela / belo é o Verão / mais o Outono e mais ainda o Inverno / para quem só espera lar e família para os outros / não para si. Eugénio Alves



O Parlamento, em Budapeste

conhecimento de causa. Ele próprio sofreu, com a prisão (tal como Janos Kadar, actual secretário-geral do PSOH), as consequências de erros graves. Foi a industrialização a todo o custo que pretendia fazer da Hungria o país «do ferro e do aço»; foi a colectivização radical e forçada na agricultura; foi a nacionalização excessiva do pequeno comércio e indústria, acrescidos do cerco imperialista (emissões de rádio, jornais clandestinos, apoios financeiros a movimentos internos e externos anti-socialistas).

Neste contexto ganhou volume a suspeição sectária, o descrédito sobre os que professavam ideias diferentes das teses oficiais e a obrigação dogmática de decalcar em todos os domínios o exemplo soviético. Tudo isto — recorda o velho dirigente — agravado pela persistência de métodos e hábitos da clandestinidade, pela desconfiança excessiva, a redundância no enriquecimento sectário da democracia interna do partido...

Prisões, execuções, exílios, a intervenção soviética (pedida pelo CC, incluindo Nagy, quando se tornou óbvia a força interna e externa da contra-revolução) tudo isto é geralmente conhecido. Os dirigentes húngaros actuais não têm, aliás, impedido o debate e o esclarecimento sobre esses primeiros anos trágicos da

cos caberá «extrair os devidos ensinamentos da crise». Todavia, observa que há conclusões de ordem geral a tirar, nomeadamente em relação aos erros acumulados durante muitos anos, na política económica. Não pode haver um sistema socialista desenvolvido — diz — sem um sector agrícola igualmente desenvolvido.

Irrealismo nos investimentos industriais e subjectivismo na direcção são outras falhas que o dirigente húngaro aponta na questão polaca. Nós consideramos os acontecimentos polacos em função também da nossa própria experiência de 1956. A primeira causa da contra-revolução húngara foi a errada política de direcção. Provou-se, entre nós, que os erros não resultavam do sistema socialista mas da sua deformação, da sua desnaturação e e que com uma nova direcção, um novo programa, um novo estilo de trabalho e uma boa política de alianças podia-se empreender uma construção socialista, aprovada e defendida por todo o povo. O partido e o seu papel dirigente são de importância fundamental. Na Polónia houve um mau funcionamento e daí a actual crise de confiança.

E o papel do Solidariedade? Aczel responde organizando: Que pensar de uma organização que se diz sindical, que exige o controlo sobre tudo sem aceitar qualquer responsabilidade e

que se passeie pelas nossas livrarias não terá dificuldades em encontrar os nomes maiores da literatura francesa, como Gide, Camus, Mauriac, Sartre, Malraux, Proust, Mauriac, Robert-Grillet Aragon, Eluard, Guillevic e outros editados na nossa língua.

Daqui parte, subitamente, para a conclusão lógica de que se editamos autores tão variados, e muitos deles bem distanciados dos nossos valores, da nossa concepção do Mundo, isso apenas demonstra também que os nossos autores não são coagidos a modelos. Os nossos poetas, ensaístas e escritores caracterizam-se por grande diversidade de formas e temas.

Dá um exemplo, particularmente contrastante para nós, portugueses. Na Hungria, de 10 milhões de habitantes, publica-se um semanário literário com uma tiragem superior a 130 mil exemplares e de grande aceitação em meios operários. E não hesita em evocar a afirmação do romancista e poeta Robert Graves que confessou a sua profunda admiração pela Hungria um país onde parece haver o maior número de poetas por quilómetro quadrado...

Discussão constante, debates vivos e polémicos nos jornais e na Televisão, são igualmente apontados por Aczel para acentuar que a atmosfera cultural húngara nada tem de morno, e para criticar o facto de, por exem-

180\$00



Sport Lisboa e Benfica

80 anos de história

João M. Loureiro

Edições
Jornal
EXPRESSO

com o patrocínio de



As Edições Jornal EXPRESSO
Rua Duque de Palmela, 37-2.º Dto
1296 LISBOA CODEX

Junto envio um cheque/vale postal no valor de 200\$00 (incluindo 20\$00 para portes de correio), para aquisição do livro SPORT LISBOA E BENFICA — 80 anos de história. Que solicito me enviem sem mais encargos.

NOME _____

MORADA _____

TELEFONE _____

CÓDIGO POSTAL _____



DESPORTO

Nacional de futebol

Rio Ave novamente colado aos "reis"

Curiosidade na 9.ª jornada do campeonato nacional de futebol: o Águeda, ao vencer o Salgueiros por 4-0, conseguiu mais golos do que os obtidos nas oito jornadas anteriores. Até ao início do jogo de ontem, o Águeda tinha marcado três golos: uma ao Farense (na 5.ª jornada), outro ao Varzim (na 7.ª) e outro ao Boavista (na 8.ª).

Com o resultado de ontem, quem perdeu foi o Salgueiros, quem desceu do 14.º para o 15.º lugar da tabela classificativa, onde se encontra isolado com quatro pontos.

Em último lugar mantém-se o Espinho, com três pontos correspondentes a três empates: 1-1, frente ao Boavista; 0-0, em Setúbal; 1-1, no campo do Estoril, onde foi o primeiro a marcar.

Várias equipas estão na zona perigosa da classificação: Espinho, Salgueiros, Estoril, Penafiel e Águeda são os colocados em pior situação, embora os lugares ocupados pelo Setúbal e pelo Varzim não se inscrevam ainda na chamada zona da tranquilidade.

A 9.ª ronda da competição não teve surpresas, nomeadamente nos jogos em que intervieram as equipas colocadas nos lugares cimeiros da classificação.

O Benfica ganhou (sábado) ao Varzim, por 2-0, num jogo de fraco interesse espectacular, o FC Porto bateu o Portimonense, por 2-0, o Sporting foi obter um precioso êxito ao terreno do Setúbal, por 1-0, golo de Futre aos 37 minutos.

Quanto às equipas situadas no meio da tabela, a modificação maior refere-se à descida do Guimarães do 3.º para o 5.º lugar.

Os vimeirenses deslocaram-se ao campo do Rio Ave, perderam por 2-0 (golos de Carlos Manuel, aos 22 minutos e de N'Habola, aos 51) e viram-se ultrapassados, na classificação, pelo seu adversário de ontem.

O Boavista não foi feliz na sua

Sporting, 0-1 (0-1); FC Porto-Portimonense, 2-0 (0-0) e Benfica-Varzim, 2-0 (1-0).

Marcadores

José Rafael aumentou a sua vantagem na lista de melhores marcadores. O avançado do Farense soma oito golos, depois de ter marcado um no jogo com o Penafiel. Diamantino, ficou em branco no encontro perante o

sense - Sanjoanense, 2-0; Leixões - Chaves, 1-0; S. Martinho - Gil Vicente, 1-0; e Paços Ferreira - Riopele, 1-1. Classificação: 1.º Leixões, 16 pontos; 2.º Tirsense, 14; 3.º Chaves, 12; 4.º Vizela, 11; 5.ºs Sanjoanense e Riopele, 10; 7.ºs Paços Ferreira, Feirense e S. Martinho, 9; 10.ºs Fafe e Valonguense, 8; 12.ºs Gil Vicente e Académico de Viseu,

moriz - Lourosa, 1-0; União de Lamas - Louzadenses, 1-1; Marco - Ovarense, 3-1; José Alves - Lamego, 1-2; e Paredes - Paivense, 2-0. Líderes: **Paredes e Vilanovense**, 12 pontos.

Série C: Marialvas - Oliveirense, 3-3; Estarreja - Poiares, 2-1; Barco - Santacombadense, 1-4; São Romão - Mealhada, 2-0; Oliveira do Bairro - Gouveia, 6-0; Mangualde - Sourense (adiado); Viseu e Benfca - Tortozendo, 6-0; e Tondela - Vildemoinhos, 1-1. Líder: **Estarreja**, 15 pontos.

Série D: Marinhais - Marrazes, 0-0; Alcains - Marinhense, 1-1; Alferrade - Santarém, 2-0; Niza - Portalegre, 2-1; Estrela de Portalegre - Alpalhense, 2-0; Marinha - Bombarralense, 2-0; Nazarenos - São Bernardino, 4-1; e Almeirim - Atouguense, 4-1. Líderes: **Marinhense e Almeirim**, 14 pontos.

Série E: Casa Pia - Montijo, 0-1; Atlético do Cacém - Almada, 1-1; Lusitânia - Benfca Águia, 4-2; Olivais - Atlético, 1-2; Oriental - Tires, 0-1; Campomaiorense - Vialonga, 0-0; Bucelenses - Sintrense, 2-0; e Santa Clara - Samora Correia, 0-2. Líder: **Montijo**, 14 pontos.

Série F: Alvorense - Comércio e Indústria, 1-0; Torralta - Paio Pires, 3-0; Vasco da Gama - Vendas Novas, 1-1; Beja - Canavais, 2-0; Juventude - Moitense, 3-1; Seixal - Quimigal, 1-1; Lus. V. Real - Quarteirense, 1-0; e Trafaria - Campinense, 1-2. Líder: **Torralta**, 16 pontos.

JUNIORES

Desfechos da 9.ª ronda do Campeonato Nacional de Juniores na **Zona Norte, Série A:** Espouende-V. Guimarães, 1-2; Famalicã-Braga, 0-1; Ponte da Barca-Cachão, 4-0; Chaves-Merelinense, 3-2 e Varzim-Rio Ave, 1-1. Líder: V. Guimarães 17 pontos. **Série B:** União de Lamas-F.C. Porto, 1-4; Leixões-Sanjoanense, 3-1; Tirsense-Salgueiros, 0-3; Cortegaça-Beira Mar, 2-0; e Boavista-Régua, 5-0. Líder: **Boavista**, 16 pontos.

Zona Centro, Série C: Fornos de Algodres-Académico, 0-3; Repesesenses-Jardim Alva, 8-0; Estação-Anadia, 6-0; Águeda-Tondela, 3-1; e União Coimbra-Gouveia, 5-1. Líder: **União de Coimbra**, 16 pontos.

Série D: União Leiria-Nazarenos, 0-1; Almeirim-Benfica c. branco, 1-0; Alter-Peche, 1-1; União de Porto-Naval, 2-0; e Alcobaca-Marinhense, 0-1. Líder: **Marinhense**, 14 pontos.

Zona Sul, Série E: Vilafrancesca-Cova da Piedade, 2-0; Atlético-Belenenses, 0-1; Oriental-Campomaiorense, 1-0; Sporting-Benfica, 5-0; e Almada-Moscavide, 2-0. Líder: **Sporting**, 18 pontos. **Série F:** Juventude-Olhaneense, 1-2; Sambrasense-Barreirense, 1-2; V. Setúbal-Amora (adiado); Quimigal-Moura, 1-1; e Farense-Torralta, 1-1. Líder: V. Setúbal (menos um jogo), 14 pontos.

7; 14.ºs Lixa e Famalicão, 5; e 16.º Valdevez, 4 pontos.

Zona Centro: Peniche - Alcobaca, 1-1; Covilhã - Elvas, 2-0; Naval - União de Coimbra, 2-3; União de Tomar - Anadia, 3-0; Guarda - Beira Mar, 3-3; Rio Maior - Torreense, 1-0; União de Leiria - Benfca, C. Branco, 4-2; e Académico - Caldas, 4-0. Classificação: 1.º Académico, 15 pontos; 2.º Guarda, 12; 3.ºs Alcobaca, Peniche, Covilhã e União de Coimbra, 11; 7.º Elvas, 10; 8.ºs Beira Mar e União de Leiria, 9; 10.º União de Tomar, 8; 11.ºs Torreense, Benfca C. Branco, Caldas e Rio Maior, 7; 15.º Naval, 4; e 16.º Anadia, 3 pontos.

Zona Sul: Silves - Nacional, 0-1; Esperança de Lagos - Amora, 3-0; Barreirense - Sesimbra, 0-2; Sacavenense - Lusitano, 1-1; União da Madeira - Olivais e Moscavide, 2-0; Odivelas - Marítimo, 1-0; Cova da Piedade - E. Amadora, 1-1; e Belenenses - Olhanense, 0-0. Classificação: 1.ºs Marítimo e União da Madeira, 13 pontos; 3.º Belenenses, 12; 4.º Nacional, 11; 5.º Lusitano, 10; 6.ºs Olhanense e Cova da Piedade, 9; 8.ºs Olivais e Moscavide, E. Amadora, Sacavenense e Sesimbra, 8; 12.ºs Silves e Odivelas, 7; 14.ºs Barreirense e Amora, 6; e 16.º Esperança de Lagos, 5 pontos.

Divisão 3

Nona ronda do Nacional da 3.ª divisão: na **Série A:** Mirandela - Valenciano, 2-2; Limianos - Freamunde, 3-0; Taipas - Aves, 0-1; Prado - Mogadore, 3-1; Ponta da Barca - Moreirense, 2-1; Felgueiras - Merelinense, 2-1; Cerveira - Vianense, 0-1; e Monção - Bragança, 4-1. Líder: **Aves**, 15 pontos.

Série B: Vilanovense - Ermesinde, 2-1; Régua - Leça, 3-0; Cesarense - Amarante, 0-2; Es-

À atenção do Porto

Os representantes dos órgãos de Comunicação Social encarregados da cobertura do F.C. Porto-Portimonense voltaram a experimentar ontem sérias dificuldades para chegar ao seu posto de trabalho, já que, mais uma vez, uns senhores que se intitulam «fiscais do clube», fizeram questão de cortar o normal acesso, remetendo-nos para outras portas que igualmente se fechavam. Vários foram os camaradas que chegaram tarde ao lugar que lhe está destinado na arquibancada, o que se vai repetindo com uma frequência preocupante. Bom seria, que a direcção portista elucidasse os «seus fiscais» no sentido de saberem o que estão a fazer.

Por outro lado, urge também que os responsáveis «azuis e brancos» procedam à ligação da luz eléctrica nos camarotes destinados à imprensa, já que ontem, sobretudo no 2.º tempo, não se via o suficiente para recolher as notas indispensáveis.

Varzim, enquanto Gomes («Bota de Ouro» europeia na época passada) marcou de grande penalidade, um golo no jogo no Estádio das Antas e alcançou o jogador do Benfica no 2.º lugar da lista de marcadores que está assim: 1.º José Rafael (Farense), 8 golos; 2.º Diamantino (Benfica), Gomes (FC Porto), 6; 4.º Jordão (Sporting), Freire (V. Setúbal), M. Fernandes (Sporting), Eldon (V. Guimarães), Filipovic (Benfica), Nhabola (Rio Ave), 5; 10.º Walsh (FC Porto), César (Águeda), 4.

Divisão 2

Resultados da nona jornada do campeonato da 2.ª divisão na **Zona Norte:** Famalicão - Académico de Viseu, 1-1; Fafe-Lixa, 3-1; Vizela - Valonguense, 2-0; Feirense - Valdevez, 3-0; Tir-

Classificações

	J	V	E	D	G	P
1.º Benfica	9	8	1	0	23	6
2.º FC Porto	9	8	0	1	15	1
3.º Sporting	9	6	1	2	15	7
4.º Rio Ave	9	5	2	2	11	6
5.º V. Guimarães	9	5	1	3	14	9
6.º Braga	9	3	4	2	9	8
7.º Portimonense	9	4	1	4	9	12
8.º Boavista	9	3	3	3	12	10
9.º Farense	9	3	3	3	15	16
10.º V. Setúbal	9	2	3	4	16	14
11.º Águeda	9	2	2	5	7	12
12.º Varzim	9	2	2	5	5	10
13.º Estoril	8	1	3	4	4	10
14.º Penafiel	9	2	1	6	5	20
15.º Salgueiros	8	1	2	5	5	16
16.º Espinho	9	0	3	6	4	14

deslocação a Braga, onde perdeu por 1-2, sofrendo golos por intermédio de Zinho e Dito: e marcando, já nos últimos minutos da partida, por Frederico.

Na próxima jornada o Benfica tem uma deslocação difícil ao terreno do Boavista, enquanto o FC Porto não estará a salvo de qualquer surpresa no campo do Penafiel. O Sporting recebe o Rio Ave (equipa difícil, quer no seu terreno, quer fora dele) enquanto que o Guimarães pode não ter grandes problemas perante o Estoril. Salgueiros-Braga, Varzim - Farense, Espinho - Águeda e Portimonense-Setúbal completam a jornada a realizar no próximo fim-de-semana.

Para a história

Resultados da 9.ª jornada: Farense-Penafiel, 4-1 (3-1 ao intervalo); Braga-Boavista, 2-1 (1-0); Águeda-Salgueiros, 4-0 (1-0); Estoril-Espinho, 1-1 (1-1); Rio Ave-Guimarães, 2-0 (1-0); Setúbal-

TOTO BOLA a chave

1. FC Porto-Portimonense ... 1
2. Rio Ave-V. Guimarães ... 1
3. Farense-Penafiel ... 1
4. Braga-Boavista ... 1
5. Águeda-Salgueiros ... 1
6. Estoril-Espinho ... X
7. V. Setúbal-Sporting ... 2
8. Tirsense-Sanjoanense ... 1
9. Leixões-Chaves ... 1
10. Peniche-Alcobaca ... X
11. Rio Maior-Torreense ... 1
12. Silves-Nacional ... 2
13. Odivelas-Marítimo ... 1

As previsões apontam entre 500 e 550 totalistas. Com 12 resultados certos os Serviços das Apostas Mútuas Desportivas prevêem entre 10 000 e 11 000 apostas. O valor de cada prémio deste concurso número 45 é de 20 185 306 escudos e 50 centavos.



«Leõesinhos» passearam sobre benfiquistas (5-0)



O imparável disparo do «menino de ouro»

Setúbal, 0-Sporting, 1

Futre, pois claro

Outra espectacular exibição de Futre encaminhou o Sporting para um saboroso triunfo no Estádio do Bonfim, perante um Vitória de Setúbal que, também em bom plano, regateou ao máximo o sucesso lisboeta. Porém, impulsionados pelo pequeno «canhoto» de Alvalade, outros colegas de emblema atingiram nota elevada: Carlos Xavier, Zéinho, Virgílio e Kostov, todos confiantes na boa presença do guarda-redes Melo que arrojou Bela Katzirz para o lote dos suplentes.

Com um grande golo Futre deu ao Sporting triunfo (1-0), em desafio muito disputado de princípio a fim, com a emoção dentro e fora do relvado do Bonfim atingindo o auge nos últimos 15 minutos, dada a incerteza do desfecho.

Os sadinos, superiores nos primeiros 30 minutos, nunca encontraram soluções para desfe-

tear o organizado jogo defensivo dos sportinguistas. Após a meia hora, os lisboetas, sacudiram o domínio dos visitantes e passaram a criar situações de perigo para o último reduto setubalense. Aos 37 minutos, Futre (o melhor homem em campo) fez a jogada do desafio e, com ela, o único golo da partida. O jovem jogador, colocado no lado esquerdo, recebeu um passe de Kostov e, depois de brilhar três adversários rematou sem defesa para Jorge.

O Sporting dominou o jogo no tempo complementar, mas o Vitória de Setúbal ripostou sempre, na tentativa (frustrada) de chegar pelo menos a igualdade. Oportunidades de golo não houve, ainda que Jordão e Futre, bem apoiados por Manuel Fernandes, tenham dado sinal de mais perigo para os «leões».

Com excelente arbitragem de Alder Dante (Santarém), as equipas, alinharam:

Setúbal: Jorge; Mota, Francisco Silva, Artur e Sobrinho; Nunes, Vitinha, Nascimento e Formosinho (Rui Lopes, 60); Freire (Jorge Plácido, 46) e Roçadas.

Sporting: Melo; Gabriel, Virgílio, Zéinho e Mário Jorge; Lito, Kostov, Xavier e Futre; Manuel Fernandes e Jordão.

Golo de Futre aos 37 minutos.

De notar que, na turma setubalense, Freire se lesionou numa clavicula, obrigando (com a sua substituição) a alteração profunda no esquema engendrado por Manuel de Oliveira.

MICROSEPIO

Hóquei: Nacional

O Belenenses venceu o Benfica por 3-2, no Pavilhão da Luz, na 5.ª jornada do campeonato de hóquei em patins. Com este triunfo a equipa de Belém mantém-se invicta e no 1.º lugar da tabela, embora com mais dois jogos disputados do que o FC Porto e Sporting, que também venceram, o primeiro na Parede (6-1) e o segundo em Paço de Arcos (5-0). Resultados desta 5.ª ronda: Sanjoanense-Famalicense, 7-6; Parede-FC Porto, 1-6; Sesimbra-Carvalhos, 7-2; Benfca-Belenenses, 2-3; Paço de Arcos-Sporting, 0-5; Académica da Amadora-Sp. Tomar, 1-6; Juventude de Viana-Oliveirense, 5-3; Alenquer-Oeiras, (adiado para 8 de Dezembro).

O Belenenses lidera (com 15 pontos em cinco jogos), mas outras duas equipas ainda não perderam, embora tenham disputado apenas três jogos: FC Porto e Sporting, que somam 9 pontos em três jogos. O Sesimbra encontra-se em 2.º lugar, com 10 pontos, embora tenha cinco jogos realizados.

Xadrez candidatos

Os grandes mestres Victor Korchnoi e Gary Kasparov adiaram ontem a 4.ª partida da meia-final do «match» do torneio de candidatos ao título mundial de xadrez. A partida foi suspensa após o 41.º movimento de Korchnoi, que joga com as brancas.

Embora Korchnoi tenha tomado a iniciativa durante quase toda

a partida o resultado (segundo especialistas) poderá ser um empate, o 3.º deste «match».

O jogo será retomado hoje: e alguns observadores também concedem ligeira vantagem a Kasparov, que antes de selar o seu movimento 41 pensou durante 35 minutos.

Korchnoi vence actualmente por 2-1.

Ciclismo: «Volta»

A empresa do «Jornal de Notícias» informa ter proposto à Federação Portuguesa de Ciclismo o mês de Agosto para a edição de 1984 da «Volta a Portugal». O esclarecimento vem na sequência de informações, provenientes de Paris, segundo as quais aquela prova estaria marcada para 12 a 17 de Junho, do próximo ano, no calendário divulgado pela Federação Internacional do Ciclismo Amador. O «Jornal de Notícias» propôs em devido tempo à Federação Portuguesa a realização da «Volta» em Agosto, não tendo ainda recebido resposta oficial. Acrescenta ainda o esclarecimento daquela empresa (através do gabinete de Imprensa do seu Departamento de Iniciativas) que o período de seis dias indicado como constando do referido calendário é manifestamente insuficiente para a realização daquela que é sem sombra de dúvidas, a maior prova do ciclismo português.

DESPORTO



Ao auto-golo de Freitas, seguiram-se protestos de Damas: o árbitro iria expulsar o guarda-redes que, aos 36 anos de idade, era a grande vedeta nas Antas

Porto, 2-Portimonense, 0

Damas: o espectáculo

Tarde cinzenta e molhada no anfiteatro das Antas, ontem com plateia diminuta, por força não só da intemperie, mas também porque havia uma quota suplementar para saldar. A «crise» de bilheteira teve entretanto, uma certa continuidade dentro das quatro linhas, onde o espectáculo produzido foi de mediana qualidade, excepto no tocante à actuação do guarda-redes Damas, que se cotou como o melhor jogador em campo até ao momento de ser expulso por ter justificado segundo cartão amarelo «nódoa negra» que ficou a manchar uma exibição de grande nível.

Afectado pela ausência de alguns titulares (casos de João Pinto, Walsh e Costa, a contas com lesões), o FC Porto não rendeu o seu habitual. «Mastigou» muito o jogo e tardou a encontrar soluções para abrir a defensiva algarvia, muito coesa, com grande sentido de entreaajuda e consciência táctica.

Os problemas de Pedroto agravar-se-iam, com a saída prematura de Inácio que foi tocado por Barão num lance fortuito e teve de abandonar o rectângulo lesionado na perna esquerda. Até então, a única nota dissonante da inoperância portista havia sido fornecida por Sousa, em jogada de bola parada, correspondida por Damas com uma defesa espectacular para canto.

Sousa esteve, aliás, em todos os lances portadores de perigo que ocorreram durante o tempo, mas não foi feliz. Depois de Damas, o «pé canhão» das Antas, terá sido o jogador mais em evidência, quer pela objectividade que patenteou, quer pelo empenho que pôs no encontro, tentando colmatar a falta de inspiração de Jaime Pacheco, ontem irreconhecível.

A plateia reagiu à fraca produção atacante da equipa da «casa» sublinhando com assobios alguns passes transviados e sobretudo as demoras de Frasco em entregar o esférico. Seria, o entanto, este jogador que num «slalom» (no seu jeito característico) dentro da área do Portimonense que deu aso à marcação do castigo máximo, através do qual Gomes logrou inaugurar o marcador.

Cabe aqui referir que Gomes exibiu perante os adeptos portistas a sua «bota de ouro», gesto ao qual se associaram companheiros e adversários e, ainda, o velho Plácido (porteiro do Departamento de Futebol) que beijou repetidamente o cobiçado troféu, por entre risos e aplausos do «tribunal» das Antas. «Bota de ouro» que tem servido (e vai continuar) para a promoção de algumas casas comerciais da cidade do Porto.

Aberta a contagem, o FC Porto sentiu-se estimulado a procurar o golo da tranquilidade, o qual esteve por diversas vezes à vista, em três remates de Sousa que levavam o «rotulo», mas que foram desviados «in extremis» pelo guardião algarvio. O 2.º tento dos «azuis e brancos» (ontem a joga-

rem todos de branco) acabou por surgir, mas obtido por Freitas na própria baliza. Na sequência de um centro da esquerda, Sousa o guarda-redes do Portimonense interceptou o esférico defeituosamente, o qual foi tabelar no corpo de Freitas, indo anichar-se no fundo da baliza. Damas correu apara o juiz da partida reclamando deslocação de Jacques (que estava, de facto quase sobre a linha de golo, mas não teve qualquer interferência no lance) e, por isso, viu o primeiro «amarelo». A punição voltaria a repetir-se a oito minutos do fim, quando Damas defendeu com as mãos, fora da área, e, aí, o juiz teve de lhe exhibir o vermelho. Na «emergência» João Gouveia substituiu o colega, já que o técnico Manuel José havia esgotado, de uma assentada (58 minutos), as hipóteses de permuta.

Nada a opor, ao triunfo dos portistas que acabaram por triunfar com naturalidade, ante um adversário que tudo fez para manter a inviolabilidade da sua cidadela.

Arbitragem insegura e até certo ponto desastrosa de Albino Rodrigues que, no entanto, julgou bem nos lances capitais.

Manuel Neto

Árbitro: Albino Rodrigues (Funchal), mal auxiliado por Teixeira Dória (bancada) e Elvio Faria (maratona).

FC Porto: Zé Beto; Eduardo Luís, Lima Pereira, Eurico e Inácio (Rodolfo, aos 23 m); Jaime Magalhães, Frasco, Jaime Pacheco e Sousa; Gomes (Vermelhinho, aos 79 m) e Jacques.

Portimonense: Damas (João Gouveia, aos 82 m); Coelho, Balacó, Freitas e João Gouveia; Barão (Lúcio, aos 58 m), Vítor Oliveira, Nelson e Fernando Martins; Norton de Matos e Niromar (Rui Águas, aos 58 m).

Ao intervalo: 0-0. Marcadores: Gomes (46 m de «penalty») e Freitas (aos 70 na própria baliza). Cartão amarelo: Balacó (25 m), Coelho (56 m) e Damas (71 m). Cartão vermelho: Damas (82 m).

Benfica, 2-Varzim, 0

O porta-estandarte minhoto

O que mais valeu naquele triste e pobretanas espectáculo da Luz, vivido por um Benfica possante e dominador, mais por um Varzim nada atrevido e somente cauteloso, foi a actuação daquele «bandeirinha» do lado da bancada da Informação que, com decidida vocação para expedidor de eléctricos ou para fiscal das partidas de comboios, passou toda a santa tarde de braço ao alto, satisfeito que nem um texugo por assinalar (ao total desbarato) foras-de-jogo que só ele via. Aconteceu (felizmente) que o mal ficou dividido pelas aldeias: na 1.ª parte cortou tudo o que podia a Folha e seus pares, no período complementar (para além de ter indicado que era pontapé de canto num lance em que Carlos Manuel arrojou a bola pela tope) novamente prolongou a legião de disparates travando tudo o que era possível (mais o impossível) à vanguarda rubra.

Parece que o fiscal-estandarte (Sousa Novera) errou a vocação: terá urgentemente de ceder o posto, caso contrário acaba na Estação de Santa Apolónia ou na portuense Rotunda da Boavista, onde, certamente, comboios e eléctricos, autocarros e táxis ficam mais à mão de semear. Como fiscal-de-linha de um jogo de futebol, apressou a inevitável despedida.

Bem: deixemos o pobre senhor envolvido nos seus sonhos de dar nas vistas e falemos da superlática defensiva engendrada por José Torres, que somente faliu num «tiro-canhão» desse pequeno genial que é Chalana, mais na magnífica descida pela esquerda (de Álvaro) subtil e velozmente concluída pela oportunidade mental de Filipovic. Não fora isso e o Varzim (muito especialmente devido ao trabalho excelente do jovem e elástico Lúcio) teria retirado da Luz com melhor pecúlio. Mas seria perfeita injustiça para a actuação brilhantíssima de Chalana e Álvaro, António Bastos Lopes e Filipovic, Pietra e Carlos Manuel, ripostando ao labor, acertado, de Washington, André, Folha e Torres, igualmente figuras destacadas na tarde que quase virou cinza e bocejo.

Sem poder contar com os lesionados Humberto e Stromberg, Velloso e Padinha, o técnico Eriksson apostou em formação inicialmente prevenida mas, logo após a troca de Oliveira por Nené, de carácter nitidamente operacional. Foi assim que o Benfica, para além



Filipovic: um belo tento



Chalana: golo e festa

de ter conquistado onze pontapés-de-canto (incluindo o que foi miragem de Sousa Novera) chegou aos dois golos e só não marchou até margem mais dilatada porque Lúcio parecia um polvo, justificando toda a

confiança de quem o coloca já na embaixada que viajará até terras tricolores.

O bloco dirigido pelo «gigante» Torres tentou, até ao máximo do calendário, retardar a subida do «placard»: mas contra a força não existe resistência que não vergue. E foi assim que (com toda a naturalidade) a águia se refastelou no ninho.

Pena que a grande mácula do jogo tivesse sido rubricada pela arbitragem que, para além de enrolada pelos acompanhantes, ainda consentiu que José Maria e Chalana permanecido num espectáculo em que aliam boxe e luta livre, pontapé e cabeçada, tudo perante milhares de juizes que ficaram boquiabertos com a condescendência de Azevedo Duarte, não enviando a dupla rapidamente para o banho, depois daquele combate sem regras vivido frente ao terceiro anel. Lamenta-se que José Maria tenha mostrado mau feitiozinho: e que Chalana, massacrado por trovoadas de golpes, tivesse tirado tão espectacular desforço. Não fora isso e, sem reticências, o «show» de sábado prevalecia apenas com a lembrança do ridículo porta-estandarte minhoto.

Neves de Sousa

Com arbitragem do bracarense Azevedo Duarte, completamente embrulhada pela péssima actuação do fiscal de linha do lado da bancada de Imprensa (Sousa Novera) e também mal acompanhado pelo outro fiscal (Pinheiro Gonçalves), alinharam: Benfica: Bento; Pietra, Oliveira (Nené na 2.ª parte), António Bastos Lopes e Álvaro; José Luís, Carlos Manuel, Shéu e Chalana; Filipovic (Manniche, aos 74 minutos) e Diamantino.

Varzim: Lúcio; Vitoriano, Washington, Torres e Belmiro; José Maria, Lito (Valdemar, aos 77 m), André, Manuelinho e Adão; Folha.

Cartão amarelo para José Maria e Chalana. Golos por Chalana (30 m) e Filipovic (62).

Placard

Vila Real: Passo em frente

A Câmara Municipal de Vila Real vai criar na cidade novas estruturas desportivas e o melhoramento das actualmente existentes nos clubes de todo o concelho. O Município decidiu efectuar um planeamento das actividades desportivas para o interesse das populações, pelo que vai contratar um técnico especializado.

Castelo Branco: Ténis em foco

O dr. António Capucho, ministro da Qualidade de Vida, visita oficialmente o concelho de Castelo Branco no dia 3 de Dezembro. António Capucho inaugurará as instalações do Albi Sport

Clube, colectividade desportiva albacastrense. Este clube possui instalações de ténis consideradas como das mais desenvolvidas e apetrechadas do país.

Águeda: xadrez

O 6.º Campeonato Interno de Xadrez, organizado pelo Orfeão de Águeda, disputa-se nos primeiros dias de Dezembro: a prova disputa-se nos dias 2, 3, 4, 9 e 10. Aos primeiros seis classificados serão atribuídas taças e a todos os participantes que completarem o torneio serão distribuídas medalhas.

Coimbra: voleibol

Uma escola de iniciação à prática do voleibol vai funcionar às 2.ªs e 4.ªs-feiras, no Estádio Uni-

versitário de Coimbra. É da responsabilidade da secção de voleibol da Associação Académica.

Máximos

Natação: recorde mundial

O nadador alemão-federal Michael Gross melhorou o seu próprio recorde mundial dos 200 metros mariposa, com 1 minuto, 56,10 segundos. A marca mundial foi obtida durante os campeonatos de natação por equipas da RFA. O anterior máximo mundial nos 200 mariposa fora estabelecido por Gross em 18 de Dezembro de 1982, na cidade sueca de Göteborg, com 1.56,18.



DESPORTO

ponta esquerda

Futebol: selecção com conselheiros?

Diz-se que a direcção da Federação de Futebol, para além de procurar a continuidade do bloco técnico à frente da selecção que estará no Europeu (em França) igualmente vai endereçar convites a outros treinadores para funcionarem como conselheiros: casos de José Maria Pedroto, Juca, Mário Wilson, Quinito, Mourinho, Eriksson e Venglos.

Rio Ave: um clube de corpo inteiro

A equipa de futebol do Rio Ave colocou-se à disposição do Governo para um encontro em qualquer parte do País, cuja receita reverta a favor das vítimas das inundações. O presidente da Assembleia Geral da colectividade vila-condense, (que é, simultaneamente, presidente da Câmara Municipal local garante que o Rio Ave, deslocar-se-á a qualquer ponto do País, a expensas suas, numa manifestação de solidariedade para com os desalojados que foram vítimas da intempérie recente.

Estádio dos Barreiros: poupança

Os três clubes madeirenses participantes no campeonato nacional da 2.ª divisão (zona Sul) vão reduzir em 50 por cento a utilização do Estádio dos Barreiros, para treinos. Representantes dos clubes e a Secretaria Regional da Educação acordaram na decisão face ao mau estado em que se encontra a relva do estádio após as intensas chuvas que caíram no Funchal. Esta deliberação visa recuperar rapidamente o tapete do estádio para a restante parte do campeonato nacional da 2.ª divisão que se prolonga até Maio de 1984.

McEnroe contra árbitros

O ténista norte-americano McEnroe confirmou o apoio de terror dos árbitros ao afirmar (em Camberra Austrália que «não conhece» um só que seja bom. Numa conferência de Imprensa, o vencedor de Wimbledon acrescentou que o que vê nos olhos dos árbitros não inspira precisamente confiança. McEnroe que estava acompanhado do seu rival Ivan Lendl, frisou que um jogo mais agressivo lhe tem permitido ultimamente melhores resultados frente ao checo, o único ténista a ganhar-lhe por sete vezes consecutivas.

Vilas em maus lençóis

O ténista argentino Guillermo Villas reafirmou que abandonará a actividade profissional se o Conselho Internacional de Ténis confirmar a sua suspensão por um ano. Villas foi também multado (há seis meses) em 200 mil dólares (cerca de 256 mil escudos), por ter recebido antecipadamente uma determinada quantia para disputar o Torneio de Roterdão, pontuável para o Grande Prémio.

O seu advogado acordou com o Conselho Internacional de Ténis a data de 5 de Dezembro para a 1.ª audiência, que deverá realizar-se em Nova Iorque ou Roterdão.

Em declarações à revista argentina «El Gráfico», o ténista adianta que, se a decisão lhe for desfavorável, recorrerá à justiça em defesa da sua «liberdade ao trabalho», socorrendo-se para tanto da Lei Antitrust em vigor nos Estados Unidos. Villas, que figura em nono lugar na classificação da Associação dos Ténistas Profissionais, a sua mais baixa posição desde 1974, pretende autorização especial para participar (a 30 do corrente) no Torneio de Joanesburgo e pontuar para o Grande Prémio.

Nacional de andebol

Benfica mais comandante

O Benfica, ao bater (ontem) o Belenenses, no Restelo, terá dado um passo decisivo para vencer, na Zona Sul, a fase de abertura do campeonato nacional da 1.ª divisão de Andebol de sete, de que se disputaram neste fim-de-semana os jogos correspondentes à jornada inaugural da segunda (9.ª). Será de referir, que esta «ronda» ficou incompleta devido a adiamento, por avaria na instalação eléctrica, no recinto do Almada, quando o Sporting venceu por 17-13.ª: partida a repetir. Ao Norte, o FC do Porto permaneceu líder (único grupo totalmente vitorioso da prova) prosseguindo sem triunfar o Passos Manuel e o SP. Espinho.

O encontro Belenenses - Benfica constituiu um bom espectáculo, de quando em vez de apurado nível técnico e, muito emo-

tivo. A três minutos do fim, quando o Benfica venceu por cinco golos, parecia que a partida estava «terminada» quanto ao vencedor: mas, uma reacção viva dos «azuis», favorecendo de uma momentânea desnorteação dos «encarnados» repunha a diferença mínima (28-29). A oito segundos do fim o Belenenses não concretizou um lance de ataque e, na resposta (com o público que emoldurava o recinto todo de pé) os «águias» concretizaram um contra-ataque e estava encontrado o vencedor, aliás justo, diga-se em abono da verdade. O Benfica continua (assim), imbatível, embora tendo cedido um empate (29-29) na 2.ª jornada da prova, em Alvalade.

Resultados na Zona Norte: Sp. Espinho - Desp. Portugal, 21-27; Académico

Salgueiros, 17-25; Sanjoanense - Académica de Coimbra, 30-25 e FC do Porto - Académica de S. Mamede, 29-21. Zona Sul: Vitória de Setúbal - Passos Manuel, 22-17; Caramão - Caselas, 27-16; Belenenses - Benfica, 28-30. (Almada - Sporting, 13-17, jogo suspenso por avaria na luz eléctrica).

Pontuação na Zona Norte: 1.º, FC do Porto, 8 jogos e 24 pontos; 2.º, Sanjoanense, 8-22; 3.º, Desp. Portugal, 8-19; Salgueiros, 8-15; 5.ºs, Académica de Coimbra e Académica de S. Mamede, 8-14; 7.º, Académico do Porto, 8-12 e 8.º, Sp. Espinho, 8-8. Zona Sul: 1.º, Benfica, 8 jogos e 23 pontos; 2.º, Belenenses, 8-20; 3.º, Caramão, 8-18; 4.º, Sporting, 7-17; 5.ºs, Caselas e Vit. Setúbal, 8-13; 7.º, Almada, 7-10 e 8.º, Passos Manuel, 8-9.

Nacional de basquetebol

Queluz e Barreirense em belo mano-a-mano

O Queluz e o Barreirense continuaram, em emotivo mano-a-mano, a liderar (isolados), a fase de apuramento do campeonato nacional da 1.ª divisão de basquetebol. E pelo «rumo» (Sul) que a prova leva, há muitas razões para pensar que as duas equipas irão discutir o 1.º lugar da fase, se não for antes, no jogo em que ambas se defrontarão, na última jornada, no Barreiro.

O FC do Porto, triunfou claramente na Tapadinha (no regresso dos alcantarenses ao seu recinto, após seis jogos de interdição) e o Ginásio venceu (sábado) a Sanjoanense: ontem, no jogo em que ginastas e portistas se defrontaram (na Figueira da Foz), uma avaria na instalação eléctrica obrigou o início a cerca de uma hora de atraso. A partida não viria a concluir-se porque, a quatro minutos do fim, quando os «azuis e brancos» venciam (60-57), nova avaria na luz veio a suceder, desta vez irreparável e o jogo não pode concluir-se. É «sina» dos portis-

tas. Conselho Técnico da Federação de Basquetebol terá que, na vitória aos campos, ser acompanhado de uma equipa de técnicos electricistas. Pelo visto não está bem a electrificação do pavilhão de Buarcos, onde a partida se disputou.

Resultados da 14.ª jornada: Olivais - Benfica, 101-82; Sanga-lhos - Luso do Barreiro, 67-60; Ginásio - Sanjoanense, 93-85; Atlético - FC do Porto, 60-96; Queluz - Ovarense, 102-88 e Barreirense - Conimbricense, 91-66. Na 15.ª jornada: Sanga-lhos - Benfica, 72-69; Olivais - Luso do Barreiro, 88-83; Atlético - Sanjoanense, 77-83; Barreirense - Ovarense, 83-76; Queluz - Conimbricense, 95-75. (Ginásio - FC Porto suspenso a 4 minutos do fim quando os portugueses venciam por 60-57).

Pontuação: 1.ºs, Queluz e Barreirense, 15 jogos e 28 pontos; 3.º, Sanga-lhos, 15-25; 4.º, FC do Porto, 14-24; 5.ºs, Olivais e Ovarense, 15-23; 7.º, Benfica, 14-21; 8.ºs, Luso do Barreiro e

Sanjoanense, 15-21; 10.º, Ginásio Figueirense, 13-17; 11.º, Conimbricense, 15-17 e 12.º, Atlético, 15-14 (conta uma falta de comparação).

Na 4.ª feira, às 21.30, no pavilhão da Luz, está marcado o jogo em atraso, entre os Benfica e o Ginásio Figueirense, adiado por (no penúltimo sábado) de os ginastas não chegarem à luz, dezo ao temporal que, então, tornou intrasitáveis as estradas de acesso ao centro de Lisboa.

Na sua agenda

LUTAS AMADORAS: Torneio Carlos Ferreira a 10 de Dezembro, nas instalações do Grupo Desportivo de Runa.

ATLETISMO: torneio de captação de novos valores organizado pelo Sporting, em Alvalade, pelas 9 e 30 de 1 de Dezembro.

GINÁSTICA: congresso federativo a 16 de Dezembro, pelas 21 horas.

Halterofilia: outro olímpico

O Halterofilista Jorge Soares (União Piedense) conseguiu os mínimos para os Jogos Olímpicos de 1984, ao levantar o total de 315 quilos durante os campeonatos regionais da modalidade (disputados na Zona Sul).

A marca obtida por Jorge Soares constituiu recorde nacional absoluto no arremesso (180 quilos) e total (315 quilos).

Nos campeonatos regionais por equipas (Zona Sul), foram ainda batidos os recordes nacionais absolutos do arranque, arremesso total na categoria de 67,5 quilos, por Carlos Alves (União Piedense), o recorde regional do sul do arranque, categoria de 100 quilos, por Manuel Marques (Luso) e o recorde nacional de juniores do arremesso, com 143,5kg, por António Frade (Luso).

Resultados por equipas: 1. Luso A, 42,994 pontos; 2. União Piedense A, 41,466; 3. Esc. Séc. S. Julião Setúbal, 40,663; 4. Luso B, 38,291; 5. Ginásio Atlético Clube, 36,866; 6. Siderurgia Nacional, 18,113; 7. União Piedense B, 14,236. Individuais, na categoria de 52 quilos: Alberto Marques (Luso) total de 162,5kg; categoria de 56kg: Paulo Duarte (Luso) total de 177,5kg; categoria de 60kg: João Novelo (Gin. Atle. clube) total de 197,5 kg.

Categoria de 67,5kg: Carlos Alves, (União Piedense), total de 257,5kg, recorde nacional absoluto do arranque, com 115kg, do arremesso, com 147,5kg, e total com 257,5 kg.

Categoria de 75kg: António Frade (Luso), total de 252,5 Kg, recorde nacional de juniores do arremesso, com 143,5kg.

Categoria de 82,5 kg: Jorge Soares (União Piedense) total de 315 Kg, recorde nacional absoluto do arremesso, com 180 kg, e do total, com 315 kg, mínimos para os jogos olímpicos de 1984;

Categoria de 90 kg: António Galvão, (União Piedense) total de 225 Kg;

Categoria de 100 Kg: Manuel Marques (Luso) total de 235 kg, recorde regional do sul do arranque com 110,5 Kg.

Francisco Coelho (Ginásio Clube Português) bateu o recorde nacional absoluto de halterofilismo, especialidade de arremesso, categoria de 100 quilos, com um levantamento de 210 quilos.

Açoteias: vitórias de Sena e Rosa Mota

José Sena (FC Porto) e Rosa Motta (CAP) venceram a Meia-Maratona das Açoteias, disputada na pista daquele aldeamento turístico algarvio. Sena cobriu os 21,95 quilómetros da corrida em uma hora 5 minutos e 10 segundos, que passou a constituir novo recorde da prova, que antes pertencia a David Tavares, com 1.05.24. Na 2.ª posição classificou-se António Henriques (Alfenderense), com 1 h 6 m 16 s, e no 3.º lugar cortou a meta o madeirense António Frias, com 1.06.32. Na corrida feminina Rosa Mota venceu com facilidade (em 1 h 15 m 29 s), seguida da portista Felicidade Sena (que gastou 1 h 19 m

43 s). Na 3.ª posição classificou-se a algarvia Maria Armada (Clube de Veteranos de Faro), com 1 h 33 m 48 s. Alinharam 320 atletas e cortaram a meta 240. Nas desistências conta-se a de João Campos, que abandonou a corrida a dois quilómetros da meta.

Seleção

A atleta juvenil portuense, Ana Paula Oliveira foi convocada para fazer parte da selecção nacional daquele escalão que vai participar no Corta-Mato Internacional de Madrid, a 4 de Dezembro próximo.

Ana Paula (13 anos) milita num

clube de um dos bairros mais populares do Porto: o Vitória S. C., da Freguesia da Vitória. Praticante de atletismo desde os 8 anos, Ana Paula é uma vencedora nata, tendo triunfado este ano, em várias provas, nomeadamente uma competição da Bélgica (800 metros das Olimpíadas dos Trabalhadores).

Ana Paula Oliveira é considerada, nos meios do atletismo norte-nho, uma émula de Rosa Mota e Aurora Cunha, aliás as únicas atletas que a nível nacional até hoje a bateram.

A jovem atleta é detentora dos recordes nacionais absolutos dos 1500 metros (trabalhadores) e

3000 metros (em pista), além de ser campeã nacional dos 1500 (corta-mato, também no âmbito do INATEL). Esta época, Ana Paula Oliveira, triunfou ainda na prova de São Silvestre do «Jornal de Notícias» (em juvenis) e em várias provas regionais.

Funchal: atletismo

A 25.ª Volta à Cidade do Funchal (em atletismo) vai realizar-se a 14 de Janeiro de 1984. Recorde-se que a edição/83 foi ganha por Carlos Lopes (em masculinos) e por Aurora Cunha (em seniores).

Confederação: há 27

A criação da Confederação do Desporto Português foi aprovada por 27 federações reunidas nas instalações do Ginásio Clube Português. Em comunicado divulgado no termo do Primeiro Congresso do Desporto Português, o presidente da mesa considera a data um marco no desporto nacional, pela criação da confederação, aprovada após longa e animada discussão.

O estatuto da nova institui-

ção foi aprovado na generalidade, sendo criado um grupo de trabalho para o reformular de acordo com as linhas traçadas durante o congresso. O grupo ficou constituído pelas federações de Atletismo, Canoagem, Ginástica, Halterofilismo, Minigolfe e Râguebi. O congresso, cuja constituição da mesa foi também aprovada, prosseguirá em data a marcar posteriormente.

O grupo que reformulará na especialidade o projecto de estatutos apreciado é, praticamente, constituído pelas federações que o elaboraram, com as substituições da Patinagem e do Tiro com Arco pelo Atletismo e o Minigolfe.

A mesa do congresso foi presidida pela Federação de Campismo e Caravanismo e secretada pelas Actividades Subaquáticas e Bilhar. As 27 fe-

derações que participaram na reunião foram as de Actividades Subaquáticas, Andebol, Atletismo, Badminton, Basquetebol, Bilhar, Campismo, Canoagem, Ciclismo, Colectividades de Cultura e Recreio, Colunbofilia, Esgrima, Ginástica, Halterofilismo, Hóquei em Campo, Judo, Minigolfe, Motociclismo, Natação, Patinagem, Râguebi, Esqui, Ténis, Ténis de Mesa, Tiro com Arco, Xadrez e Aeronáutica.

Desporto universitário debatido em Coimbra

A tendência para a viabilização de uma Federação do Desporto Universitário manifestou-se no primeiro Encontro Nacional do Desporto Universitário (PENDU), que decorreu em Coimbra.

Promovida pela Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (AAC), a reunião contou com 60 participantes representativos de 20 associações de estudantes e outras estruturas universitárias.

A principal conclusão foi a de que **quase tudo está ainda por fazer em matéria de desporto universitário**, declarou Luís Parreirão, presidente da AAC.

O encontro não era, aliás, conclusivo mas tendente à sensibilização para as condições da prática dos desportos entre os estudantes.

Como incentivar os universitários, sem hábitos desportivos anteriores, para a participação massiva na prática do desporto foi tema muito debatido.

O que foi e deve ser o desporto universitário, no contexto do desporto que deve existir em Portugal, constituiu, (também) objecto de muitas intervenções e de alguma controvérsia.

Presidiu ao encerramento dos trabalhos o vice-reitor da Universidade, responsável pelo seu pe-

louro desportivo.

Poiars Baptista admitiu que a Universidade portuguesa tem sido orientada quase exclusivamente para o ensino, com menosprezo das actividades desportivas.

Não sendo boa, a situação do desporto universitário é, todavia, bem melhor do que há 20 ou 30 anos — ressaltou o vice-reitor.

Uma melhor coordenação de esforços entre as autoridades universitárias e os estudantes foi considerada desejável por Poiars Baptista, que se manifestou disposto a dar mais voz aos estudantes na implementação das acções relacionadas com o desporto. Que sejam os estudantes e as suas associações a liderar o processo do desporto universitário, foi ponto defendido por muitos participantes no PENDU.

Ficaram definidos, no encontro, dois momentos básicos do desporto universitário: sensibilização para a sua prática massiva e actividades competitivas. Em Lisboa vai realizar-se, proximamente, uma reunião preparatória de um segundo Encontro do Desporto Universitário, que se pretende seja já deliberativo e tendente à criação de uma federação.

em duas palavras

Ainda o roubo do ouro perto do aeroporto de Londres

O «Daily Telegraph» na sua edição de hoje, segunda-feira, diz ter motivos para crer que as três toneladas de ouro roubadas no sábado dum entreposto próximo do aeroporto de Londres, Heatrow, pertenceriam à Trade Development Bank, uma filial da American Express.

Na sede desta filial, na City de Londres, um porta-voz recusou-se a confirmar tal informação. «Serão dadas amanhã, mais informações», acrescentou no entanto.

Por outro lado, o «Daily Mail» afirma que os autores do roubo de Heatrow, conseguiram obter o segredo dos cofres torturando os guardas.

Um dos guardas ficou com a farda rasgada, regado de gasolina e ameaçado de ser queimado vivo se não revelasse a combinação, escreve o «Daily Mail». Outro guarda também foi borrifado com gasolina, apanhou pancadas na cabeça e uma facada na mão direita. Um terceiro homem foi agredido à coronhada. Receando perder a vida, todos falaram e permitiram que os malfetores carregassem com três toneladas e levassem mais de cem mil libras de diamantes em duas caixas.

De acordo com o «Daily Mail», os ladrões esperaram que os guardas entrassem de serviço, pelas 6.30, e quando o primeiro chegou e abriu as portas corrediças do entreposto, dominaram-no. Os que apareceram depois tiveram igual sorte tendo sido algemados pelos bandidos.

Estes teriam utilizado os engenhos do entreposto para levantar as caixas que continham 6800 lingotes e colocá-los num camião.

Preso o suspeito de ser 'padrinho' de Marselha

Gaetan Zampa, de 50 anos, suspeito de ser o «padrinho» da «Pegre» (Mafia) de Marselha (Sul de França) foi preso num parque de campismo dos arredores desta cidade, onde desde há mais de 20 anos tem fama de controlar a prostituição e outras actividades clandestinas.

Frequentemente apresentado como uma personalidade do «milleu» francês, Gaetan Zampa, chamado «Tanny» é suspeito de ter encomendado numerosos ajustes de contas. Se vier a ser acusado, tombará como Al Capone em Chicago por um vulgar caso de fraude fiscal.

Um mandato de prisão internacional foi com efeito emitido contra Gaetano Zampa, em Outubro passado, por infracção à legislação das empresas. A existência de contabilidades ocultas nas três dezenas de «boites» nocturnas controladas pelo seu clã levou já a tribunal uma dezena dos seus elementos chegados, entre eles suas mulher Christiane.

Estes últimos foram detidos em 21 de Outubro durante uma acção da Polícia. Gaetan Zampa conseguiu fugir e as autoridades começavam a estar pessimistas quanto às possibilidades de o prender.

Gaetan Zampa, cujo nome é citado em praticamente todos os grandes casos de crime na Côte d'Azur nos últimos 30 anos, foi condenado uma única vez, em 1965, a 18 meses de prisão, por porte de arma proibida.

É igualmente suspeito de ser um dos principais protagonistas do acordar da guerra entre «gangs» que causou 14 mortos em Marselha nos últimos sete meses.

O seu nome foi igualmente citado após o assalto de 30 milhões de francos nos cofres de um banco de Nice em 1976. Há também quem o considere o encomendante do assassinato do juiz Pierre Michel, abatido há dois anos em Marselha quando investigava o grande banditismo.

Dois pianistas soviéticos: êxito em Paris

Um soviético de 17 anos, Sntislas Bunine, o benjamin da competição, conquistou ontem, à noite em Paris o primeiro Grande Prémio de Piano do 19.º Concurso Internacional e Biental Marguerite Long-Jacques, à frente de 33 pianistas de treze países. A sua compatriota Jannia Aubakirova, de 26 anos, arrancou o segundo grande prémio e o terceiro coube ao francês Hervé Brillaut, de 18 anos. Em 4.º lugar, ficou Alexandra Fomenko (URSS) em 5.º Vladimir Vinnitsky (URSS) e em sexto Dan Wen Wei (China).

O montante pecuniário ganho por cada um foi, respectivamente, de 55.000 francos, 34.000, 30.000, 10.000, 5000 e 4000.

Evaristo

Melodrama de desempate

C. Sampayo & F. Solano

3



Continua



ouro

TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS
DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS

• COMPRA A P/ PAGAMENTO •

das 10 às 12h. e das 14 às 18h.

Av. Almirante Reis 173 1.º (junto ao IMPERIO)

VICTOR - telef. 53 82 20

crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

“007 — Operação Tentáculo”

Os filmes de James Bond são todos iguais.

Esta afirmação é, evidentemente, injusta para com os cenários de Ken Adam em *The Spy Who Loved Me*, para com o argumento de *From Russia with Love*, para com a batalha de homens-rãs de *Thunderball* e, obviamente, inexacta para com a evolução da série que, tendo começado a sério, é hoje levada a brincar.

Dizer, porém, que «os filmes de James Bond são todos iguais» é verdade a partir do momento em que, de há dez anos a esta parte, eles se rodeiam de um conjunto de características que tornam o efeito de reconhecimento mais forte que o de conhecimento. Ver um novo filme de 007 é um processo de reencontro, não de descoberta.

É deste ponto de vista que *007, Operação Tentáculo*, é um filme que cumpre a sua função. Despido já de verosimilhança, tendo deixado de pretender contar uma história de espionagem para enveredar pela pura sucessão de efeitos, tendo assumido que as «Bond girls», como os vilões, os «gadgets», como os combates são apenas ingredientes certos que só lá estão como continuidade de uma imagem de marca, assente que está que os actores não encarnam personagens mas estereótipos facilmente identificáveis, *007, Operação Tentáculo* é um razoável espectáculo de cinema.

O franco humor ou a simples ironia (que começa logo no título, ao atribuir o nome de Octopussy a uma mulher que chefia uma espécie de sociedade secreta de mulheres) vão atirando para o terreno do puro divertimento, da



Roger Moore e uma das anónimas «Bong Girls» durante a rodagem de «007 — Operação Tentáculo»

brincadeira, as proezas menos críveis dos intervenientes. Ninguém teme pela sorte da heroína e do herói, ninguém se indigna verdadeiramente com os maus da fita, ver o actor de Sandokan vestido de Sandokan a esmagar com os dedos um par de dados já não tem o peso sinistro de outrora (lembro-me de um acto semelhante — com uma bola de golfe — feito pelo molosso karateca de *Goldfinger*), é apenas uma piada.

Verdade seja dita: se *007, Operação Tentáculo* não desilude também não tem qualquer

dos pontos notáveis que fazem com que a gente se lembre de uma ou outra coisa na filmografia bondiana. Quer dizer, é mais um filme de 007, a consumir em hora e meia e a esquecer logo a seguir.

FICHA:

Título original: Octopussy.

Realização: John Glen (GB-1983).

Argumento: George MacDonald Fraser, Richard Maibaum e Michael G. Wilson.

Fotografia: Alan Hume.

Cenários: Peter Lamont (production designer), John Fenner

(art director), Jack Stephens (set decorator).

Música: John Barry.

Montagem: John Grover.

Efeitos especiais: John Richardson.

Interpretação: Roger Moore (James Bond), Maud Adams (Octopussy), Louis Jourdan (Kamal), Kristina Wayborn (Magda), Kabir Bedi (Gobinda), Steven Berkoff (Orlov), etc.

Distribuição em Portugal: Rank.

Cinemas: Ávila, S. Jorge 1 e 7.ª Arte.

Classificação: Para maiores de 12 anos.

Dança

Morreu Anton Dolin

O bailarino e coreógrafo britânico Anton Dolin, co-fundador do London Festival Ballet, com Alicia Markova, faleceu na 6.ª-feira com a idade de 79 anos, em Paris, onde estava de passagem.

Com Dolin, sir Anton Dolin, dado que a rainha o tinha elevado à categoria de sir, desaparece uma personalidade que tinha contribuído largamente para robustecer a tradição do ballet académico na Grã-Bretanha. O seu nome ficou especialmente ligado à ressurreição do divertimento romântico de Jules Perrot, «Pas de Quatre», agora do repertório de todas as companhias do mundo.

De seu verdadeiro nome, Patrick Healley-Kay, Anton Dolin, nascido em Slinfold, no Sussex, em 1904, tinha entrado em 1923 para os Ballets Russes de Diaghilev, então instalados em Monte Carlo, com os quais dançou inúmeros papéis. Criou nomeadamente o do rapaz belo em «O Combóio Azul», com argumento de Jean Cocteau.

Em 1929, associou-se àquela que viria a ser na Grã-Bretanha a primeira «prima ballerina absoluta» desse país, Alicia Markova, colaborando como primeiro bailarino no Vic Wells Ballet, e criando depois uma companhia que tem os nomes de ambos até 1937.

Dois anos mais tarde, Anton Dolin participou na Austrália no «Original Ballet Russe» e colaborou na fundação do American Ballet Theatre, em Nova Iorque.

Em 1950, ainda com Alicia Markova, fundou o London Festival Ballet, uma das principais companhias da capital britânica, cuja direcção artística abandonou em 1960, passando a consagrar-se unicamente à coreografia.

Ministro nicaraguense da Cultura

Ernesto Cardenal premiado em Espanha

O ministro nicaraguense da Cultura, Ernesto Cardenal, recebeu ontem, em Barcelona, o Prémio da Paz 1983 da Associação das Nações Unidas de Língua Espanhola.

«O prémio não é atribuído a mim, mas ao meu povo, o povo nicaraguense, que o merece, porque conquistou a paz, uma paz que o imperialismo norte-americano nos quer tirar» — disse Ernesto Cardenal.

O ministro da Cultura explicou que, actualmente, «o povo da Nicarágua tem paz, embora os homens de Somoza, que torturaram o povo, estejam armados por Reagan para que o somo-

zismo volte à Nicarágua, e para que deixe de haver paz».

«Foi em nome dessa paz que abolimos a pena de morte e, inclusivamente, quando nenhum advogado queria defender os guardas somozistas, o Governo encarregou disso os Jesuítas» — afirmou Cardenal.

O ministro nicaraguense considerou ainda que actualmente a paz mundial está ameaçada pelos conflitos no Médio Oriente, na América Central e nas Caraíbas. «O Planeta está ameaçado e não devemos permitir que a Terra volte a ser um planeta desabitado», acrescentou.

crítica de teatro

CARLOS PORTO

FITEI/Ano VI

Diário de um espectador (8)

(Segunda-feira, 14. Noite) El Galpon — finalmente no Fitei! Era, dos grupos da América Latina, o mais desejado, o mais procurado. Este ano o grupo deslocou-se à Suécia onde participou no Festival de Teatro no Exílio e à RDA onde apresentou os seus espectáculos no Berliner Ensemble. Imagina-se o que significa, como garantia de qualidade, representar no teatro fundado por Brecht. Parte do grupo deslocou-se depois ao Porto onde apresentou dois espectáculos embora o programa do Fitei, por lapso, mencione apenas um.

A celebridade de El Galpon assenta em duas razões poderosas: trata-se de um grupo antigo, estabelecido em estruturas sólidas e produzindo um teatro de alto nível seja ou não de intervenção; trata-se do primeiro grupo que na história do teatro, supõe-se, se exilou por não poder trabalhar no seu próprio país. Fundado em 1949, El Galpon institucionalizou-se como primeira companhia de teatro do Uruguai tendo construído duas salas com o apoio do povo uruguaio. O nome do grupo advém do facto do teatro ter sido construído sobre um celeiro (galpon) o que levou os populares a dizer lá vêm os do galpon (para o pedatório, claro). Encerradas as duas salas pela ditadura militar que continua a subjugar o povo uruguaio, os componentes do grupo exilaram-se no México onde encontraram um clima propício ao seu trabalho e onde continuaram a actividade de El Galpon sempre com grande sucesso. Entretanto, a ditadura destruiu a sala mais pequena e produziu espectáculos de prestígio na sala maior do teatro, sala que o público deixa vazia porque não esquece os seus artistas exilados.

O grupo uruguaio, exilado no México, apresentou numa única sessão, no auditório do TUP, a peça de Mário Benedetti «Pedro e o Capitão». Num quartel, algures na América do Sul, um preso político é interrogado por um capitão do exército. Tenha-se em conta esta caracterização da situação: a cena decorre num quartel e um dos seus protagonistas é um oficial no activo. O inquiridor, que actua como polícia política, pretende utilizar aquilo que considera uma forma civilizada de interrogatório. Deixa o trabalho sujo da tortura para os esbirros que de noite tentam em vão arrancar do preso aquilo que ele, combatente na clandestinidade sabe. Torturado de dia através de um processo de suplício mental a que resiste, torturado à noite, com os requintes nazis que se conhecem (mas que aqui não são mostrados), Pedro vai morrendo mas mantém no entanto a lucidez e a dignidade que definem homens como ele.

Entre os interrogatórios, o espectáculo tem rupturas durante as quais vemos imagens projectadas, simbolicamente alusivas à situação que as personagens vivem, e ouvimos poemas de Benedetti, que têm a ver com o passado de cada um deles, e em especial com as suas companheiras, e, no caso do capitão com os filhos.

Com a morte de Pedro, o capitão compreende que a sua luta por arrancar-lhe a verdade fora inútil. Mais uma vez o homem vencera o não-homem (como lhes chamava Vitorini) que pretendia aniquilar a sua verdade, a

sua mente, quando se limitara a vencer o seu corpo. Para o capitão, essa derrota equivale também à sua destruição como ser convivente. Ele passa a saber iniludivelmente de que lado está a vida e de que lado está a morte.

A situação dramática que encontramos na peça de Benedetti não é nova, antes pelo contrário. Normalmente um texto como este corre o risco duma saturação da mensagem o que leva à esteriotipificação do espectáculo, prejudicando a sua eficácia como obra de arte.

Por isso o que é novo em «Pedro e o Capitão» é o teor literário que define o texto e que é forçado pelos poemas do autor que o grupo utiliza como colagem bastante sugestiva arrancando assim o espectáculo do espaço fechado a que se limitava, como explicou um dos intérpretes da obra. O que o singulariza é pois o facto do seu autor ser um grande escritor e um grande poeta e, além disso, o facto de o encenador e os intérpretes aceitarem esse teor do texto recusando qualquer espécie de panfletismo a que um espectáculo como este tem tendência a apelar, antes respeitando e sublinhando os seus valores: raramente numa situação tão fortemente humana e tão radicalmente política como esta terá tido uma correspondência cénica tão exacta, elevada e verosímil.

O perigo consiste numa certa incompreensão do público em relação à personagem do Capitão. Aparentemente ele surge excessivamente humanizado, homem inteligente, culto, civili-



El Galpon em «Puro Cuento»

zado que apenas escolheu o lado errado. No entanto, o espectáculo é bem claro quando repetidamente afirma, pela boca do torturado, que tão culpado é aquele que faz a tortura suja como o que faz a tortura que diz limpa: ambos são responsáveis. E, neste caso, a responsabilidade do Capitão é, pela sua própria personalidade, ainda maior.

Não se pense, com o que ficou escrito, que «Pedro e o Capitão» não é um documento pungente sobre a tortura policial claramente situado na América do Sul, documento tanto mais forte,

mais politicamente eficaz e mesmo mais comovente, quanto esteticamente mais rico. Para isso contribuiu de maneira decisiva o notável trabalho dos dois intérpretes (Ruben Yáñez e Humboldt Ribeiro) que nos deram as duas personagens a partir do seu entendimento por dentro, da sua interiorização. Um trabalho que passa por Stanislawski, sem dúvida.

(Quarta-feira, 16. Tarde.) El Galpon de novo no TUP. Desta vez com um espectáculo intitulado «Puro Cuento», colagem de histórias de tradição oral recolhidas pelo grupo, e de textos de

autores conhecidos como Gabriel Garcia Marquez e Juan Rulfo, entre outros. Quase desprovido de elementos cénicos, o espectáculo vive, por um lado, da imaginação e da beleza dos textos e, por outro, da grande capacidade de quatro actores que conseguem exprimir as fortes correntes ficcionais e dramáticas que atravessam esses textos.

O espectáculo começa como um jogo. Em cena, os actores querem fazer crer que são técnicos de um grupo que pretendia apresentar um espectáculo e não o pode fazer porque houve um acidente e os actores não chegaram, bem como os animais de que se serviriam, sobretudo os cavalos, que imitam, e uma grandiosa e meiga elefanta. É claro que o jogo se percebe desde logo servindo apenas para colocar o espectador perante um processo muito simples e divertido em que através da palavra, do canto, do gesto, de alguns adereços, os intérpretes conseguem fazer chegar ao público a força e a beleza dos seus povos, o imaginário que os ajuda a ultrapassar a miséria de um quotidiano dominado por forças que um dia serão para sempre vencidas.

Aparentemente este texto e este espectáculo de El Galpon não contém uma mensagem directamente política. No entanto, essa mensagem está lá, como está sob as histórias fantásticas de Garcia Marquez e dos outros contadores.

Numa linha bastante diferente de «Pedro e o Capitão», «Puro Cuento» ajuda a compreender o prestígio de que El Galpon desfruta em todo o mundo onde o teatro é considerado como uma prática da vida. E portanto como uma prática da esperança.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Meditação sobre a "cabeça do galo"

O «Domingo Desportivo», como já se esperava, dedicou-se obsessivamente ao futebol. Entra-se no círculo vicioso — e viciado: a televisão atende ao futebol porque ele é grande e ele torna-se maior quanto mais a televisão o serve. Desenvolvendo-se esta espiral logicamente, qualquer dia temos uma televisão totalmente dedicada ao futebol. Totalmente, talvez não. Ainda lhe ficarão uns tempitos para dedicar às reuniões de cúpula do PS, desculpem!, do PSD.

Claro, do serão ainda restaram alguns segundos, para uma referência ao atletismo. Por acaso, a legenda «meia maratona das Açóreas» dançou de tal modo que mais parecia uma piada do «Tal Canal». Aliás, toda a televisão se está parecendo tanto com o «Tal Canal» que qualquer dia o programa de Herman José deixa de ter graça.

Sendo as palavras como as cerejas (ou será vice-versa?) uma referência àquele programa torna-se indispensável, ainda que breve.

Em primeiro lugar, para recordar a prova que nele se faz: a de que a qualidade e o interesse de um programa não se alcançam obrigatoriamente a partir de elevados índices técnicos. A demonstração aliás mais recente vamos encontrá-la no «Sim, sr. Ministro», que era de uma pobreza franciscana. O que importa é gerir bem o equilíbrio

entre o que há para se dizer e o que há para poder dizê-lo.

Em segundo lugar, sugerir para uma futura antologia de TV aquele apontamento em que políticos se deformam, se decompõem, conforme as vibrações musicais. Uma inteligência feroz e corajosa caça a realidade com a «ingénua» sinceridade de uma criança que estripa o boneco para o conhecer por dentro. Através dos tempos, a função social da ironia foi essa mesma. Ironia que apenas queira fazer rir está tão longe de verdadeira ironia como o prazer que se esgota no acto do amor está longe de verdadeiro amor.

Exemplo de como o humor de Herman José se conduz no plano da inteligência e não da cócega, está naquela observação perfeita que trabalha mais pela defesa da paz do que muitos e vastos discursos. Dizia ele que, «nas outras guerras, muitas populações ficavam sem pátria; mas a haver uma guerra agora muitas pátrias ficariam sem população».

A capacidade como actor do responsável do Tal Canal avalia-se, como já aqui se disse, pela variedade de tipos, tão diferenciados, por ele criados em profusão tal que o tornam caso único na televisão portuguesa. Certo. Mas também pela forma como, em meia dúzia de linhas (digamos: meia dúzia de segundos) uma pessoa fica de súbito viva. Como aquela personagem chamada Calote Saraiva...

Finalmente, há na televisão portuguesa um programa que obriga as pessoas a ficar em casa. Mais do que em qualquer sondagem, o índice de popularidade avalia-se pelos bojudos blocos publicitários que pululam à sua volta. Acho uma violência programas destes no fim-de-semana. O dia indicado era a segunda-feira, como o Zip-Zip ensinou. Nenhuma televisão do mundo «agride» os serões de sábado, obedecendo a um tácito compromisso com a audiência. Porque um dos motivos reais da antipatia pela TV é a presença a que ela obriga, provocando conflitos com outras áreas de interesses e de hábitos.

Aliás, a nossa TV é useira e vezeira em desajustar qualidade de programas e os horários deles. O documentário «Kennedy, 20 anos depois» situava-se num território ingrato. Lamentavelmente, pois merecia a mais ampla divulgação.

Porque não se tratou apenas de fazer alguma luz sobre o crime de Dallas. Através dele, foi a própria imagem da sociedade americana que passou diante dos nossos olhos.

Agentes do FBI comprometidos com os bandos de criminosos; a CIA a servir-se da Máfia e a Máfia a servir-se da CIA; uma comissão nomeada para averiguar da verdade acaba por se revelar ao serviço da mentira; confundidos, como se fossem um corpo só, o mundo da política

e o mundo da prostituição, do jogo e da droga...

Quem matou Kennedy fê-lo em defesa de sujos designios em que de uma só mão eram os dedos do crime civil e do crime político. A morte do presidente passava por imperiosa para evitar a acção doutros homens públicos que lutavam contra os «gangsters», como o irmão do presidente, Robert Kennedy, que também viria a ser assassinado. Como dizia Carlo Marcelo, mafioso e amigo íntimo da CIA, corta-se a cabeça ao galo e a cauda do galo cai...

Ficou bem claro que o segredo do crime de Dallas é hoje um segredo de Polichinel. Claro que, à medida que os anos passam, as provas factuais se vão diluindo. Um crime arrasta outros crimes em cadeia. Desde 1963 que personagens ligadas à morte de Kennedy vão desaparecendo em condições dramáticas...

...A provar que o processo está longe de ser encerrado. Há reservas morais na nação americana que exigem a clarificação das responsabilidades. Talvez o documentário de ontem (programa insólito na abandalhada televisão dos nossos dias...) seja uma prova dessas resistências morais.

Sem as quais um país está perdido. Diabo, não se acredite que na América só há Reagans — grandes e pequenos...

Hoje



Ileana Cotrubas

- 12.00** Melo-Dia
13.00 Jornal da Tarde
 Das 13.35 às 17.15 Ciclo Preparatório TV
18.02 Sumário
18.10 Janela Mágica
19.00 Teleregiões
19.30 Os Romanos Entre Nós
20.00 Telejornal
20.30 Direito de Antena — Sindicato dos Técnicos do Serviço Social.
20.35 Telenovela — «Pai Herói».
21.30 Parlamento
22.00 Espectáculo — concerto com Ileana Cotrubas e a Orquestra Sinfónica do Teatro de São Carlos.
23.30 Últimas Notícias



Uma cena do filme intitulado «Terra de Ambições», que se exhibe na RTP-2

- 19.32** Desenhos Animados
20.00 Telejornal — notícias.
20.30 D'Hoje pr'Amanhã — respire ar.
20.55 Cine-Clube — «Terra de Ambições». Intérpretes: Spencer Tracy, Katherine Hepburn, Robert Walker, Melvyn Douglas, Phillis Thaxter, Edgar Bochanan, Harry Carey e Ruth Nelson. Realização: Elia Kazan.
23.15 Telenovela — «Gabriela».
23.45 Último Jornal

Amanhã



12.00: Melo-Dia; **13.00:** Jornal da Tarde; das 13.35 às 17.15: Ciclo Preparatório TV; **18.00:** Sumário; **18.10:** Janela Mágica; **19.00:** Teleregiões; **19.30:** Artistas Portugueses — Jorge Barradas; **20.00:** Telejornal; **20.30:** Direito de Antena — Sociedade Portuguesa de Contabilidade; **20.50:** «Pai Herói»; **21.45:** «Das Nove às Cinco»; **22.15:** Grande Informação — 1.ª Página, com Carlos Mota Pinto; **23.15:** Últimas Notícias.

19.30: Desenhos Animados; **20.00:** Telejornal; **20.30:** Um Toque de Música; **21.00:** Acores e o Património; **21.30:** «A Família Belamy»; **22.30:** «Gabriela»; **23.00:** Último Jornal.

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DA FIGUEIRA DA FOZ

ANÚNCIO

FAZ SABER, que no dia 12 do próximo mês de Dezembro pelas 11 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, nos autos de carta precatória, pendente na 1.ª Secção com o n.º 82, vinda do 15.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, donde foi extraída dos Autos de Execução de Sentença, pendente naquele Juízo e 2.ª Secção de Processos, onde tem o n.º 164 A, em que são Exequentes: Sociedade Portuguesa de Ar Lígido (ARLÍQUIDO), SARL, com sede na Rua Quinta do Almaraz, 14, 1300 Lisboa, e Executados: Auto Industrial Ancofcoz, Limitada, com sede na Gala, Figueira da Foz, há-de ser posto em praça pela primeira vez para ser arrematado ao maior lance oferecido, acima do valor do processo, que a seguir se indica, e que é «UM ESTICADOR DE C.F.A. — MODELO ANC-83» com a capacidade de 10 toneladas em ferro, no estado de novo, que vai à praça pelo valor de 60 000\$00, do qual é depositário Victor Manuel Pereira Moniz, comerciante, com residência na Leirosa, freguesia da Mannha das Ondas, desta Comarca.

Figueira da Foz, 17 de Novembro de 1983

O Secretário Judicial.
Armindo Soares Almeida

O Escrivão Adjunto
Antero Louro dos Santos Copas

TRIBUNAL CÍVEL

DA COMARCA

DA LISBOA

16.º JUÍZO

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pela Terceira Secção deste Juízo e nos autos de Execução de Sentença n.º 585-A, em que é exequente a SOCIEDADE PORTUGUESA DE AR LÍQUIDO (ARLÍQUIDO), SARL, e executada PONCAR — INDUSTRIAS METALÚRGICAS — COMERCIO, Ltd.ª, correm editos de vinte dias, a contar da data da 2.ª e última publicação deste anúncio, quando os credores desconhecidos da referida executada, para no prazo de dez dias, findo o prazo dos editos, deduzirem os seus direitos na execução, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 7 de Novembro de 1983

O Juiz de Direito
Manuel Luís Pinto de Sá Ferreira

O Escrivão Adjunto
Castano Afonso Mendes

«DL» — 28/11/83 — 1.ª Publicação

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

CONCURSO N.º 3-0090/84

AQUISIÇÃO DE TUBOS
ENDOTRAQUEIAS
E NASOTRAQUEIAS

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 19 de Dezembro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 21 de Novembro de 1983.

O Chefe do Serviço
a) Ilídio Luís de Sousa



Caminhos de Ferro
Portugueses

ANÚNCIO

Está aberto concurso público até 5 de Dezembro de 1983, para adjudicação durante o 1.º Trimestre/84 de:

TAMBORES COM ÓLEO QUEIMADO

Todas as informações complementares bem como o caderno de concurso, podem ser obtidos no departamento de Aprovisionamentos da CP, Rua de Santa Apolónia, 65 — 1196 LISBOA CODEX, telefones 86 97 60 a 68 ext. 229.



Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Tel. _____

Código Postal _____

Lic. TV N.º _____

GRUNDIG
a segurança de um grande nome
seleccionou para si...



Concerto com Ileana
Cotrubas
(22.00)



«Terra de Ambições»
(20.55)



André diz a César que Carina mandou oferecer uma boa quantia para ele não reclamar mais os direitos sobre Angela. César fica furioso e pergunta com que direitos ele toma atitudes em nome de Carina. E André diz-lhe que casou com Carina pela lei do país onde viveram. Gustavo diz a César que descobriu o endereço de Carina, mas este diz-lhe que não quer mais saber. André procura Irene e diz que tem autorização de Carina para aumentar a verba da companhia de ballet, mas que ele quer que Renner seja afastado da companhia. Nuno proíbe que André pise a sua casa e Gilda resolve visitá-lo.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



roteiro cultural

Teatro

O Trabalho e os Dias é o título de uma realização que Contra-regra, Centro de Atividades Culturais, levará a cabo hoje pelas 21.30 horas, na Caixa Económica Operária (R. Voz do Operário 58 a 66), integrada nas comemorações do 107.º aniversário desta colectividade — a mais antiga cooperativa portuguesa.

O trabalho é o tema central da sessão constituída pela apresentação dum conjunto de textos de autores que vão de Pd. António Vieira a Bertolt Brecht, e entre os quais se contam Sophia de Mello Breyner, Mário Dionísio, António Ramos Rosa, João Rui de Sousa, Fiamma Hasse Pais Brandão, Manuel da Fonseca, Maria Velho da Costa, António Reis, Pablo Neruda, Carlos de Oliveira, Eugénio de Andrade, Cesário Verde, Herberto Helder e Sérgio Godinho.

Os textos serão lidos e ditos por Osório Mateus, Eduarda Dionísio, Antonino Solmer, José Manuel Mendes, João Lagarto, José Pedro Gomes, Carla Branco, Isabel d'Ávila, Zita Duarte, com apoio musical de Alfredo Nunes, Maria José Alexandre e Paula Moura, e direcção técnica de Jorge Narino.

O **GRETUA** (Grupo Experimental de Teatro da Universidade de Aveiro) repõe o seu último trabalho (criação colectiva), «Discurso Sobre a Cidade» que constitui uma reflexão sobre o passado, o presente e futuro da cidade de Aveiro, com orientação cénica de Isabel Alves Costa, hoje, amanhã e depois, pelas 21.30 horas, no Conservatório Regional de Aveiro.

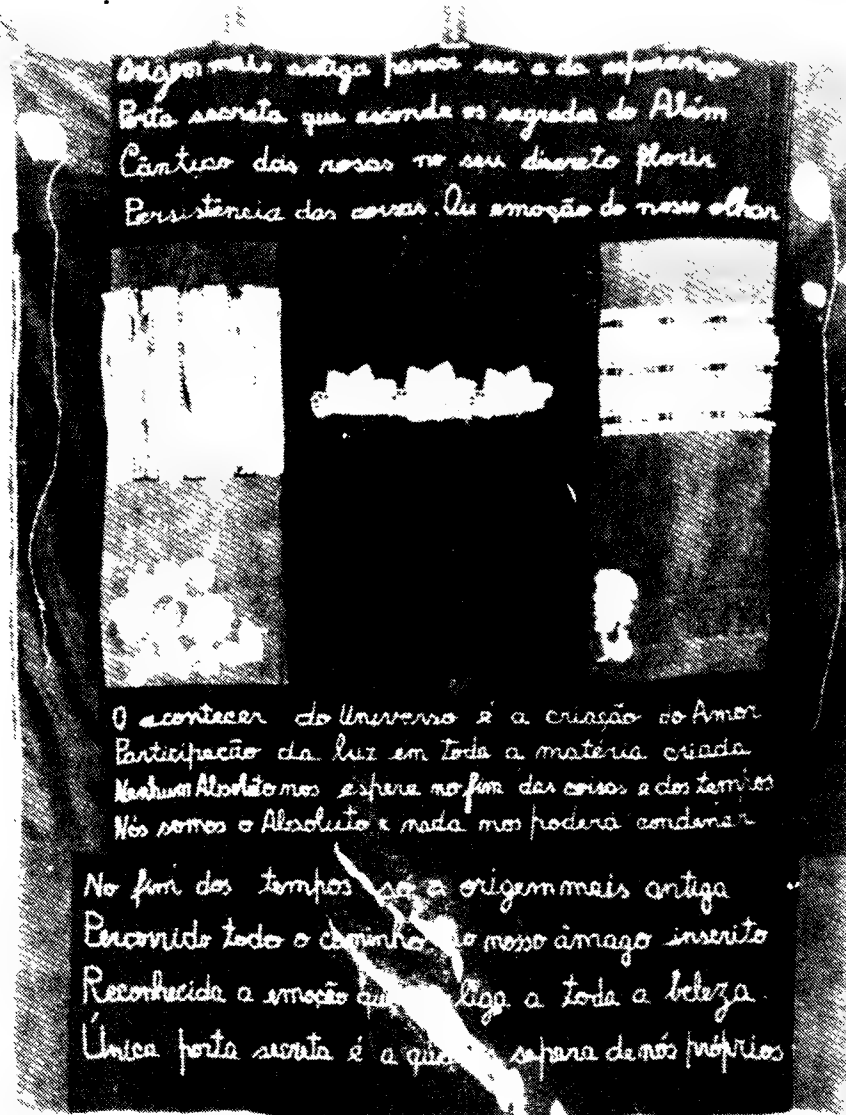
Conferências

Arnaldo Saraiva estará hoje presente, às 21.30, na Sede da Associação Portuguesa de Escritores, para uma exposição sobre «literatura marginalizada», seguida de debate.

O **Prof. Arquitecto Augusto da Silva Teles**, director do Tombamento e Conservação da Subsecretaria do Património Histórico e Artístico Nacional do Brasil, vai proferir duas conferências, uma hoje, às 18.30, sobre «Análise da Arquitectura que se fez no Brasil nos séculos XVI e XVII e suas Raízes Portuguesas», e outra amanhã, à mesma hora, sobre «Arquitectura Setecentista Brasileira face ao acervo coetâneo português». Ambas as conferências serão proferidas no Auditório Três da Fundação Gulbenkian.

Antropologia

Realizam-se hoje e amanhã, no Anfiteatro da Universidade Nova, na Av. de Berna, umas Jornadas subordinadas ao seguinte tema: «Do Polo aos Trópicos: Experiências Antropológicas». Hoje, às 15 horas, realiza-se a 1.ª sessão de trabalho (painel), sobre a experiência etnológica; às 16, projecção de três filmes (St. Demet, Vilariño, Bassari); às 18 horas, 2.ª sessão sobre aldeias comunitárias; às 21.30, conferência sobre a «civilização obrigatória» e apresentação de um filme sobre Ammassalik. Amanhã, às 15, projecção de filmes e documentos audiovisuais sobre o tema; às 18, 3.ª sessão: conclusões. As jornadas são organizadas pelo Instituto Franco-Português, Instituto de



Um dos trabalhos de Maria Isabel Barreno, na exposição «A Dama Verde»

Estudos Africanos, Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Associação de Universitários Diplomados em França.

Exposições

A obra de **Maria Isabel Barreno «Contos Analógicos»** é hoje lançada — com leitura de textos — no Terraço (Rua Luciano Cordeiro, 24, 6.º), às 21 horas. Simultaneamente, será aberta uma exposição de trabalhos da autora, sob o título «A Dama Verde».

A exposição «**Vida e Obra de Bernardino Machado**» é amanhã inaugurada em Coimbra, às 17 horas, nas instalações do Museu e Laboratório Antropológico da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, à Rua Fernandes Tomás.

Na **Associação de Estudantes de Arquitectura de Lisboa**, ao Largo da Academia de Belas Artes, 2, 2.º, realiza-se uma exposição dos 10 primeiros classificados no Concurso Público, para o estudo de volumes e expressão arquitectónica, da zona I do Sector 5 em Vilamoura, que se realizou em Novembro de 1981.

A Associação pretende efectuar uma retrospectiva das várias propostas, a fim de que os alunos e os visitantes da Exposição tenham uma visão geral das diferentes teorias e filosofias utilizadas na concepção do projecto urbano, e as possam comparar, tirando assim conclusões e lições para o futuro profissional.

No final da Exposição realizar-se-á um debate.



CONCORRENTES

MORADA

TELEFONE

LICENÇA DE TV

COLAR EM BILHETE POSTAL E ENVIAR PARA:
R.T.P. MONTE DA VIRGEM - V.N. GAIA

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	98\$00	104\$00
ALEMANHA FED (marco)	47\$10	48\$20
ÁUSTRIA (xelim)	6\$60	6\$80
BÉLGICA (franco)	2\$152	2\$352
BRASIL (cruzeiro)	\$050	\$120
CANADÁ (dólar - notas de 1 a 2)	102\$05	104\$05
(notas de 5 a 1000)	103\$55	105\$55
DINAMARCA (coroa)	13\$05	13\$45
ESPAÑA (peseta)	\$783	\$903
EUA (dólar - notas de 1 a 2)	128\$00	130\$00
(notas de 5 a 1000)	128\$50	130\$50
FINLÂNDIA (marka)	22\$05	22\$65
FRANÇA (franco)	15\$50	16\$20
HOLANDA (florim)	42\$00	43\$00
INGLATERRA (libra)	187\$40	191\$40
IRLÂNDIA (libra)	147\$05	151\$05
ITALIA (lira)	\$071	\$081
JAPÃO (lira)	\$517	\$552
NORUEGIA (coroa)	16\$00	16\$60
SUECIA (co. 10)	15\$95	16\$55
SUIÇA (franco)	58\$60	59\$70
VENEZUELA (bolívar)	7\$85	8\$85

Observações:

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil!

rádio

Antena Um

18.30: Informativo de trânsito; 19.00: Informação e música; 20.00: Folhetim — o espaço é seu; 21.00: Toda a gente é pessoa; 21.30: Viva a noite; 23.30: Último jornal. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

16.00: Música portuguesa; 17.00: Rosa rosa; 17.30: Música de tecla portuguesa; 18.05: Cultuando; 19.27: Terra viva, planeta azul; 20.10: Música sinfónica; 21.00: O canto e os seus intérpretes; 22.00: Os caminhos do homem; 23.00: Intercâmbio musical; 00.20: Os grandes intérpretes; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matiné; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Musical; 20.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Cinco estrelas; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto; 00.00: Dois pontos. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do tempo; 19.00: Programa da LAR; 19.50: Bola branca (2.ª edição); 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00: Ouvir e pensar; 23.00: Última hora; 23.55: Meditando. Notícias intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

13.00: Onda; 13.30: Encontro para dois; 14.00: Duas vezes seis; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Paju.

Tiragem média diária de 42.150 cópias

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 896

HORIZONTAIS:

1. Monta. Página.
2. Cidade da Arábia. Caixa funerária.
3. Planta do pé. Casualidades.
4. Vanagens. Mineral terroso utilizado no fabrico de tintas.
5. Seguiu. Transpirei.
6. Avalia. Infelicidade (pop).
7. Queimava.
8. Flauta chinesa de três buracos. Aquele que lê.
9. Península a NO da América setentrional cedida pela Rússia aos Estados Unidos em 1867. Alegria.
10. Grande quantidade. Ave da família dos Láridas.
11. Artilharia anti-aérea. Demoradas.

VERTICAIS:

1. Mar interior nos confins da Europa e da Ásia. Preposição.
2. Venerara. Apologia.
3. Lá cardada. Educara.
4. Amalgados.
5. Um cento.
6. República da América Central, ao SE do México.
7. Seguiu. Crómio (sq).
8. Recusa. Desabar.
9. Festa anual dos Cristãos para comemorar a ressurreição de Jesus. Irmãs da mãe.
10. Sufixo que designa estado. Códex.
11. Primeira rainha da Hungria. Ratas.

Resolvi completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9748

HORIZONTAIS:

1. Destemida. Aguça.
2. Encoleriza. Aquele que.
3. Radical. Alcoviteiro.
4. Reis. Nome de fruto seco. Sufixo que designa estado.
5. Greda branca. Estimava.
6. Messe. Bismuta (sq).
7. Doçura. Chiste. Oferece.
8. Indignada. Rio da Alemanha que nasce no Tirol.
9. Primeiramente. Doutor.
10. Urde. Consumiu.
11. Classe. Pronome pessoal. Apelido da mãe de Luís de Camões.

VERTICAIS:

1. Aparelhos de ginástica. Engane.
2. Escameças. Ente. Ruténio (sq).
3. Apelido. Câmara. Alumínio (sq).
4. Vertera. Carta de jogar.
5. Ler. Nome de mulher.
6. Pronome relativo. Artigo definido.
7. Ouro (sq). Nota musical. Repetição de som.
8. Tiram a pele a. Planos.
9. Estime. Prefixo que designa afastamento.
10. Notícias.
11. Poisa no mar (o avião). Divide em ruas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 895

HORIZONTAIS:

1. MAIS. AMOR.
2. Amarram. DC.
3. E. Pl. És. Uma.
4. Carrancas.
5. Oriá. Aaro.
6. Som. Rosar.
7. Sem. Nas. Te.
8. MENOS. Vis.
9. MD. Aas. Mar.
10. Cás. Ralar.
11. CONFIANÇA.

VERTICAIS:

1. Ecos. MMCC.
2. Aa. Aros. Dão.
3. Imprimem. SN.
4. Saíra. Meã.
5. Nabi.
6. Arena. Nós.
7. Máscaras. Rn.
8. Om. Aros. Mac.
9. Osos. Vala.
10. Dm. Altra.
11. Acamares. Rb.

Provérbio: MAIS AMOR E MENOS CONFIANÇA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9747

HORIZONTAIS:

1. Passa. Meras.
2. Agosto. Sana.
3. Selar. At. Dá.
4. Citavo.
5. Serranos.
6. Om.
7. Legar. Ruava.
8. Só. Amoiram.
9. Moras.
10. Anata. Triaga.
11. Dó. Asso. Res.

VERTICAIS:

1. Pás. Sol. Mad.
2. Age. Emes. No.
3. Solar. Goma.
4. Ssa. Ria. Ota.
5. Atroa. Raras.
6. Ina. Má.
7. Ato. Rosto.
8. Estas. Uil.
9. Rã. Barrar.
10. Andor. VA. Ge.
11. Saa. Rampas.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
MEGA FORCE

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
JULIA E OS HOMENS

BERNA 776096

Av. Marquês de Tomar

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
- M. 6 a.
FLASHDANCE
3.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
TESS

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
OS GRANDES AVENTUREIROS
2.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
ESPOSAMANTE
Às 24
AS BALAS NUNCA SE PERDEM

CINE BLOCO 550624

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
- M. 12 a.
ADOLESCENTES
Às 24.00
ASSALTO IMEDIATO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS CAMINHOS DA VIDA

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
O REGRESSO DE JEDI
6.ª Semana

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
EXTRATERRESTRE

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
MEGA FORCE

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30
**OS DEUSES DEVEM
ESTAR LOUCOS**

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A AUDIÊNCIA

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.30, 18, 21.30 e 24
Para todos
O REGRESSO DE JEDI

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 24
M. 12 anos
O SEGREDO DO AMOR

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
OPERAÇÃO THOR
3.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
LA TRAVIATA
de Verdi

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- M. 12 a.
ALVO ÁGUA

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

ENCERRADO

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24
- M. 12 a.
OCTOPUSSY

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
- Não acons. men. 16 anos -
OFICIAL E CAVALHEIRO
Com Richard Gere e Debra Winger
Um filme de Taylor Hackford

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
O BALADO DAS NUVENS

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
OPERAÇÃO THOR
3.ª Semana

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
CHEGA-LHE, AMIGO



O ESTADO DAS COISAS um filme de WIM WENDERS rodado em Portugal em exibição no Quarteto

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
- M. 12 a.
O ESTADO DAS COISAS
Às 23.30 - M. 18 a.
BALBÚRDIA NO LESTE

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 18 a.
QUERELLE
Às 23.30 - M. 18 a.
A GRANDE FARRA

SALA 3
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
- M. 12 a.
O ANO DE TODOS OS PERIGOS
Às 23.30 - M. 18 a.
A LÊ DO ÓDIO

SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
O QUE FAZ CORRER DAVID
Às 23.30 - M. 18 a.
**A TRAGÉDIA DE UM HOMEM
RÍDICO**

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
EXPLOSAO DA PUBERDADE

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
ALVO ÁGUA

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
**OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO
TENTÁCULO**
5.ª Semana

SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
- N. ac. men. 13 a.
**THE IDOLMAKER - O FABRICANTE
DE ÍDOLOS**
2.ª Semana

SALA 3

Às 14.30, 18.15 e 21.15 h
- Maiores 12 anos -
SOPHIE'S CHOICE
14.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
ERAM OS DEUSES ASTRONAUTAS?
Às 24
O PRÍNCIPE DAS TREVAS

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17.00, 19.10, 21.30, 24.00
- M. 12 a.
**OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO
TENTÁCULO**

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
- M. 12 a.
A VIDA É UM ROMANCE

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23
- N. ac. men. 13 a.
CINCO DIAS UM VERÃO

TÍPICO 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
- Não acons. men. 18 anos -
OFICIAL E CAVALHEIRO
Um filme de Taylor Hackford
10.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
- M. 12 a.
OS GRANDES AVENTUREIROS
2.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
O GOLPE DOS ENRASCADOS

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 - «McQuade, o Lobo Solitário», às 21.15 (12 anos)
ALFA-3 - «Oficial e Cavaleiro», às 21.45 (18 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS - «O Amigos Meus», às 21.15 (12 anos)
CAPITÓLIO - «Escola Técnica-Sexual», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
CITY-CINE - «Um Dificil Adeus» às 21.30 (12 anos)
MUNDIAL - «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
OLÍMPIA - «Matulões, Alugam-se», sessões permanentes (18 anos)
QUINTETO - «O Ano de Todos os Perigos», às 21.30 (12 anos)
RESTELO - «A Felina», às 21.30 (18 anos)
APOLO 70 - «O Jogador de Xadrez», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA - «Raiva Silenciosa», às 21.30 (18 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA - «A Grande Esperança», às 21.30 (13 anos)
ROYAL - «Emmanuelle, a Antivirgem», às 21.30 (18 anos)

Outra banda

ALMADA - Cine-estúdio - «O Céu Pode Esperar», às 21.30 (13 anos)
COSTA DE CAPARICA - Silcine - «A Grande Paródia», às 21.30 (6 anos)
ALMADA - Inicível - «Mas que Vizinhos», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - Acadêmia - «Os Aventureiros do Fim do Mundo», às 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - Lido - «Las Vegas, Cidade Implacável», às 21.30 (12 anos)
AMADORA - Cineestúdio - «Quatro Amigos», às 21.30 (13 anos)
CACÉM - Cine-estúdio Flores - «As Algemas do Fugitivo», às 21.30 (13 anos)
ERICEIRA - Cineestúdio - «Crime em Campo de Cebolas», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL - Casino - «Juventude sem Freio», às 21.15 (18 anos)
CASCAIS - Impala - «Mad Max, as Motas da Morte», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS-Oxford - «Operação Thor», às 21.30 (12 anos)

Porto

TRINDADE - «Lipões Privadas», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA - «A Fuga do Caçador Soviético», às 21.30 (16 anos)
BEBÉ - «Contos da Loucura Normal», às 21.30 (18 anos)
CHARLOT - «Beija-me e Adeus», às 21.30 (12 anos)
JULIO DINIS - «O Campo Infernal das Mulheres Perdidas», às 21.30 (18 anos)
RIVOLI - «Os Fantasmas do Estrangulador», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL - «A Escolha de Sofia», às 21.15 (12 anos)
SA DA BANDERA - «A Criedinha Francesa», às 21.30 (18 anos)
SÃO JOÃO - «Oficial e Cavaleiro», às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO - «Lipões Privadas», às 21.30 (18 anos)
COUSEU - «Megaforce», às 21.30 (6 anos)
LUMIÈRE-A - «Caddie», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L - «Smic, Smac, Smoc», às 21.45 (12 anos)
CARLOS ALBERTO - «Jaime», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO - «O Passageiro da Chuva», às 21.30 (13 anos)
RAIONE - «A Calúnia», às 21.30 (13 anos)
BATALHA - «Montanha Assassina», às 21.45 (12 anos)
FOCO - «Flashdance», às 21.30 (6 anos)

Lisboa

PERMANENTE

AJUDA: Moura, T. Memória, 55 (T. 630944); ALVALADE: Libia, Av. da Igreja, 4-B-C; AVENIDAS - DUQUE D'ÁVILA: Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 40592); BAIRRO AZUL: Bairro Azul, Av. Ressano Garcia, 7-A (T. 571451); BAIXA: Normal de Lisboa, R. da Prata, 220 (T. 321342); BENFICA - SANTA CRUZ: Lavinha, R. Eng. Paulo Barros, 28-A (T. 708242); CAMPO D'OURIQUE: Lineida, R. Ferreira Borges, 30 (T. 660955); CHELAS: Sacramento, R. Actriz Palmira Bastos, lote 42 (T. 384904); CHILE - ALAMEDA: Nobil, R. Actor Vale, 53 (T. 842152); CONDE REDONDO - SANTA MARTA: Dêvi, R. Conde Redondo, 68-72 (T. 554392); PAMPULHA - JANELAS VERDES: Leilidade, R. Olival, 226-228 (T. 663441); ALGÉS: Miramar, R. Ernesto da Silva, 83 (T. 2112048); BRANDO: Carreira, E. Principal, lote 172 (T. 993148); ODIVELAS: Monserrate, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 911139).

REFORÇO

AREIRO: Garantia, Av. Padre Manuel Nobrega, 5-A-B (T. 887300); GRAÇA: Morão, L. da Graça, 63 (T. 860700); JARDIM DOS ANJOS: Confiança, Av. Almirante Reis, 468 (T. 821653); JARDIM ZOOLOGICO: Alegria, E. de Benfica, 180-A-B (T. 780511); LUMIAR: Douro, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); PRAÇA DA ALEGRIA: Brites Molta, P. da Alegria, 33-34; PICHELEIRA: Mariz, C. Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); POÇO DOS NEGROS: Valentim, R. Poço dos Negros, 88-90; SALDANHA: Daiva, Av. Duque d'Ávila, 125 (T. 545225); SANTO AMARO: Botânica, R. da Junqueira, 38-40 (T. 638132); XABREGAS: Salter, R. Xabregas, 63-65 (T. 381185); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970680); OLIVAL BASTO: Nova, R. Acores, 11-A (T. 910305); PONTINHA: Cruz Correia, E. Santo Elói, 41-A (T. 992453); PRIOR VELHO: Matos, T. Prioras (T. 2519939).

AMANHÃ

ALMADA: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (T. 2750076). Permanente; COVA DA PIEDADE: Cerqueira, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Até às 22 horas; LARANJEIRO: Septilite Marques, Laranjeiro de Fora. Até às 22 horas; COSTA DE CAPARICA: Carlos, Av. do Mar, 34-A, Quinta de Santo António (T. 2401060). Até às 19 horas; SESIMBRA: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); BARREIRO: Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2073212). Permanente; AMORA: Duarte Ramos, R. Bafatá, loja 30, Centro Comercial Belsul, Cruz de Pau. Até às 22 horas; SEIXAL: Alves Velho, L. Camões, 27, Torre da Marinha (T. 221132). Até às 22 horas; MONTIJO: Giraldez, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008); MOITA: Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029); ALHOS VEDROS: Portugal, Av. da Bela Rosa, 6 (T. 204250); ALCOCHETE: Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137); SETUBAL: Sálão, Av. Portela, 55. Permanente; TAVARES DA SILVA, R. das Galvotas, 68. Até às 22 horas.

formações

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; AL-CABIDECHÉ: Carvalho, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; PORTO SALVO: Ferreira Beato, R. D. Firmo Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; CAXIAS: Nova, R. Bernardino Ribeiro, 1-A (T. 242839). Permanente; OBRAS: Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 22 horas; CARCAVELOS: Vilar, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Permanente; SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-D (T. 260085). Até às 22 horas; PAREDE: Macau, R. J. Elias Garcia, 42 (T. 2472948). Permanente; SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; SASSOEIROS: Amarel Sombiano, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; MADRGA: Madeira. Até às 22 horas; AMOREIRA: Abrantes, Vivera Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; MONTE ESTORIL: Lopes, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; CASCAIS: Marginal, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Helenica, R. Elias Garcia, 272 (T. 933613). Permanente; GILGASOL, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Até às 22 horas; DAMAIA: Lemos, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Até às 22 horas; QUELUZ: Correia, L. do Mercado, 3 (T. 950906). Até às 22 horas; CAMARATE: Nova da Charneca, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 251872). Até às 19 horas; CACÉM: Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; MEM MARTINS: Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; MERCES: Cleo Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; RIO DE MOURO: Raimundo, Av. Oscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; COLARES: Abreja (T. 9290088); SÃO PEDRO DE SINTRA: Valente (T. 980456). Permanente.

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

CAMPOS: R. Padre Luis Cabral, 943, Foz. HENRIQUES, R. D. Manuel II, 90; MARTINO, SUC., P. Marques de Pombal, 122; MOURA, R. do Bonfim, 562-A-B; RAMOS, P. do Exército Libertador, 91.

DE DIA E TODA A NOITE

CLÉRIGOS, R. dos Clérigos, 36; CARDONA DOS SANTOS, R. D. Manuel II, 90; MARTINO, SUC., P. Marques de Pombal, 122; MOURA, R. do Bonfim, 562-A-B; RAMOS, P. do Exército Libertador, 91.

Coimbra

CENTRAL, R. da Sofia, 19-21 (T. 22089).



PORTE
PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARES DE HOJE			
PREIA-MAR BAIXA-MAR			
9.29	3,7 m	2.51	1,8 m
22.21	3,5 m	15.49	1,5 m
Dia 29			
10.43	3,8 m	4.12	1,7 m
23.27	3,7 m	16.56	1,4 m
TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS			
VIANA DO CASTELO	13°		
BRAGANÇA	8°		
VILA REAL	11°		
PORTO	12°		
COIMBRA	11°		
CABO CARVOEIRO	17°		
PORTALEGRE	9°		
LISBOA	14°		
ÉVORA	13°		
BEJA	15°		
FARO	17°		
SAGRES	—		
PONTA DELGADA	18°		
FUNCHAL	17°		

tempo

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Cia. geral de previsão meteorológica
Vento: forte, moderado ou fraco

últimas

ENGOLIU O FIO DE OURO ROUBADO e agora a Polícia aguarda que ele «degete» para o recuperar e devolver à legítima proprietária. Foi na Rua Bica do Sapato a Alfama, quando por ali passava Maria de Lurdes Conceição Rodrigues de 39 anos, dois jovens arrancaram-lhe o fio de ouro com crucifixo, fugindo. Populares perseguiram e agarraram um deles: João Paulo Faustino, residente na Quinta das Comendadeiras. Ao ser entregue a um guarda da PSP, o Faustino meteu o fio na boca. Quando o cívico lho tentava retirar foi mordido. A seguir engoliu o fruto do seu «trabalho» e nem no hospital o libertou apesar dos três urgentes compulsivos que tomou.

OS AUTORES DO ROUBO de três toneladas de ouro e diamantes de um depósito de «alta segurança» do aeroporto de Heathrow são «profissionais de alta craveira internacional» afirma Frank Cater, da Scotland Yard. O comando, constituído por meia dúzia de elementos, conseguiu entrar sábado de manhã nas instalações do armazém, equipado com um sistema de segurança altamente sofisticado, que incluía circuitos fechados de televisão e desapareceu sem deixar rastros. Os ladrões levaram consigo 6.800 lingotes de ouro e um punhado de diamantes, de um valor global de cerca de 45 milhões de dólares.

A SOCIEDADE FILARMÓNICA DE CARNAXIDE está mais pobre desde que a noite passada alguém entrou na prestimosa associação por escalamento e causou um prejuízo de 300 contos. Os artigos subtraídos, cuja falta afectará de maneira significativa a colectividade são: 1 microfone, duas colunas, um gravador e um amplificador. A Judiciária iniciou já as investigações no sentido de recuperar os objectos furtados.

BRASIL
Viagem especial do
FUNCHAL
para RIO DE JANEIRO
SANTOS ou RECIFE
(só ida ou ida e volta)
Partida: 5/Dez./83
Preços
excepcionais
desde
64.500s
Bagagem grátis: 200 Kilos
Grandes descontos para
emigrantes, casais,
famílias, jovens e idosos.
EXCELENTE OPORTUNIDADE
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
LISBOA - Av. Liberdade, 140 - Telef. 371341
PORTO - Av. Almeida, 207 - Telef. 317921
BRAGA - Av. Central, 171 - Telef. 71623
COIMBRA - Rua da Silva, 2 - Telef. 27011/2
F. A. R. O. - Av. República, 124 - Telef. 25035/6
FUNCHAL - Rua de Gonçalves, 1 - Telef. 31077/8
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

Projectos ultrapassam muito o permitido...

Monumental: demolição à vista com substituição a complicar-se

Os cinemas Monumental e Satélite tiveram ontem as suas últimas sessões, ao que parece para possibilitar a demolição do edifício do Saldanha que também albergava um teatro. Não foi, porém, possível saber quando começarão as obras referidas.

Um vereador da APU esta manhã contactado pelo «DL» afirmou desconhecer se já tinha sido apresentado o plano de demolições que as normas municipais em vigor impõem. Mas, acrescentaria, de certeza que não há qualquer projecto aprovado para aquele local.

Um outro vereador do PS, Vasco Franco, manifestou-nos por seu turno a convicção de que não se tornaria necessário um novo despacho de

Krus Abecasis autorizando a demolição. Uma recente sentença da Auditoria Administrativa tornava nula uma decisão camarária que tinha suspenso essa autorização. Por isso, acrescentava o mesmo vereador, a sentença autoriza imediatamente a demolição.

«Tudo está agora nas mãos dos tribunais» — recordaria Vasco Franco, a propósito de um recurso apresentado no Supremo Tribunal Administrativo, com uma providência cautelar para que a demolição seja suspensa até uma sentença dessa instância.

«Para mim, a questão de fundo nem sequer é a demolição ou não do Monumental» — acrescentou Vasco Franco. «O que me interessa é o que

se lhe seguirá, pois com certeza vai ficar ali um buraco enorme não se sabe por quanto tempo».

A sua explicação para esta previsão é simples: os planos de construção de um novo edifício naquele local não serão de modo nenhum concretizados nos termos que constam no anteprojecto já aprovado pelos serviços da Câmara.

«A comissão de vereadores encarregada de fazer um estudo para aquela zona ainda não acabou os seus trabalhos, tendo recentemente encomendado um estudo de impacto de tráfego sobre a zona do Saldanha» — dir-nos-ia, ainda, o vereador Rui Godinho da APU.

Volume proposto ultrapassa limites

«O que vai ser feito naquele local, se a demolição se concretizar» — garantiu-nos ainda Vasco Franco, do PS — «não corresponderá de modo nenhum ao que se pensava. Isso ultrapassa duas vezes e meia a volumetria que é permitida para aquela zona da cidade».

Vasco Franco esclareceu depois que para o local ainda ocupado pelo Monumental está aprovado um anteprojecto com determinada volumetria, ultrapassando largamente os limites autorizados. «Já foram pedidas explicações aos serviços sobre as razões por que foram aprovados anteprojectos com aquelas

características» — completou.

As dúvidas, aliás, não se põem somente sobre anteprojectos, uma vez que alguns edifícios já construídos na área também ultrapassam as volumetrias estipuladas pelo Plano Director de Lisboa.

A questão parece, pois, agora estar muito dependente, por um lado, das previsões da própria empresa proprietária da casa de espectáculos, quanto à hipótese de concretizar os seus projectos; por outro, da celeridade da justiça, no caso do Supremo Tribunal Administrativo, quanto ao andamento do recurso na sua posse.

Diligências do «DL», esta manhã efectuadas, junto da gerência do Monumental, resultaram infrutíferas.

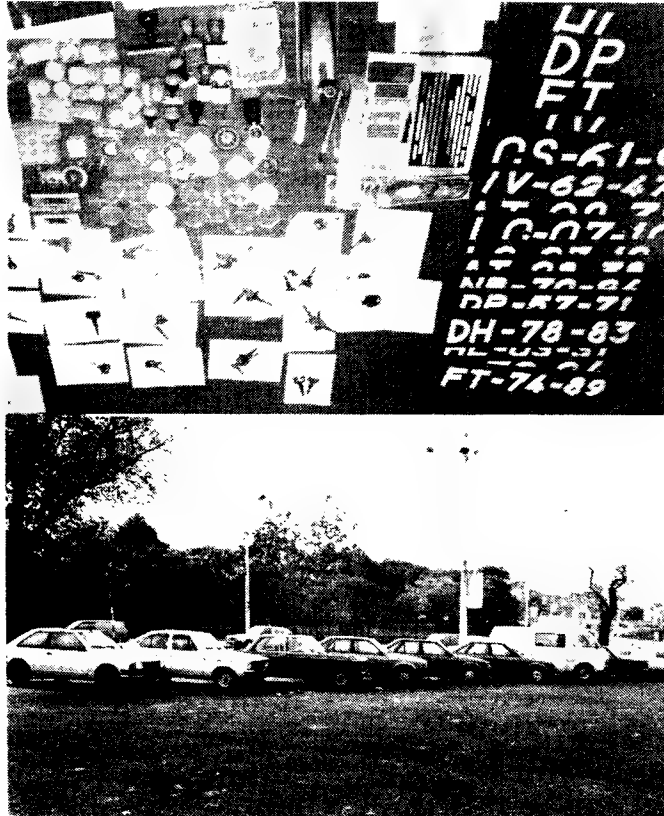
Quarenta automóveis voltam aos seus donos

A Polícia Judiciária, por intermédio da 9.ª Secção de Lisboa, concluiu as investigações respeitantes a um complexo processo de furto e falsificação de automóveis e respectivos documentos. Na sequência das diligências foram apreendidas quarenta viaturas e detidos oito indivíduos envolvidos na fraude.

Para o êxito contribuiu também uma brigada da Divisão de Segurança da PSP, que há cerca de seis meses teria levantado uma ponta da meada, ao detectar automóveis com matrículas iguais e documentos diferentes bem como documentos iguais para viaturas diferentes.

Os investigadores apreenderam também diverso material utilizado na falsificação de documentos: fotolitos, impressos para livros, títulos de registo de propriedade, declarações de venda, bilhetes de identidade, selos brancos e carimbos.

Esta tarde, pelas 14.30, cerca de 30 legítimos proprietários de automóveis furtados, por convocação policial dirigiram-se ao parque de estacionamento, na Rua Antão Gonçalves ao Restelo, onde lhes foram entregues as respectivas viaturas ao abrigo de despacho judicial.



Motins no Bangladesh

Travou-se hoje em Daka uma autêntica batalha em redor dum edifício governamental entre milhares de manifestantes e a Polícia a qual utilizou gases lacrimogêneos e jactos de água quente para os dispersar. Segundo testemunhas presentes

Os confrontos produziram-se durante um «sit-in» proibido pelas autoridades, organizado nas proximidades do secretariado do governo por iniciativa da oposição e com o objectivo de reclamar a evocação da lei marginal e de apoiar um plano em

da democracia no Bangladesh.

Os manifestantes romperam as barreiras constituídas por 5.200 soldados e polícias, forçando os oficiais a refugiarem-se dentro do edifício governamental, incendiando vários veículos e saqueando uma esquadra da

Avião da «Nigeria Airways» caiu perto de Enugu

Um avião das linhas internas da companhia nacional nigeriana, Nigéria Airways, despenhou-se esta manhã quando se aproximava do aeroporto de Enugu, a 600 quilómetros da capital nigeriana. Segundo as primeiras informações, o «Fokker F 28», que assegurava o primeiro voo diário entre Lagos e Enugu, despenhou-se

com 71 pessoas a bordo, havendo entre os escombros do aparelho oito sobreviventes. Segundo um informador do Ministério dos Transportes e da Aviação, o acidente ocorreu a 2 quilómetros da pista do aeroporto de Enugu, capital do estado de Anambra, desconhecendo-se ainda a identidade das vítimas.

«Quarteto Chostakovitch» em Portugal

O «Quarteto Chostakovitch», agrupamento musical moscovita de grande prestígio internacional, chega a Lisboa amanhã para uma série de concertos em várias cidades do País.

O Quarteto, integrado por Andrei Chichlov (primeiro violino), Serguei Puchugin (segundo violino), Alexandre Galikowski (alto) e Alexandre Kortchaguin (violoncelo) dará audições em Lisboa, no Teatro S. Carlos, no Porto, Cinema Pedro Cem, na Covilhã, sala do Orfeão, em Viana do Castelo, Auditório da Música e em Castelo Branco, no Museu Tavares Proença Júnior.

O agrupamento musical constituiu-se em 1967 quando os músicos que o compõem actualmente estudavam no Conservatório de Moscovo.

Conhecido por «Quarteto de Instrumentos de Corda», passou, mais tarde, a intitular-se «Quarteto Chostakovitch».

Detentor de vários prémios tanto na União Soviética como no estrangeiro, pouco tempo depois da sua constituição, ou seja em 1970, o quarteto foi laureado com o primeiro prémio do importante concurso internacional de Munique e em 1973 obteve a medalha de ouro do Festival Leo Weiner, de Budapeste.

Medicamentos mortais

Continuação da pág. 1

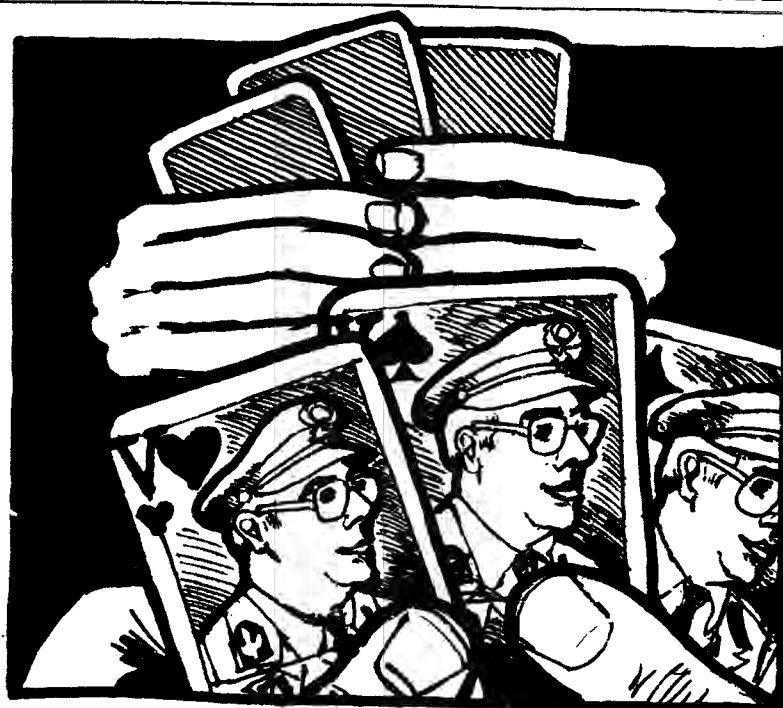
produção de glóbulos brancos. Cinquenta por cento dos pacientes afectados por complicações no sistema sanguíneo morreram, afirma Olle Hansson no seu artigo. Por seu lado, Lars Ingelmark, representante da Ciba-Geigy na Suécia afirmou que «no seu país tinham morrido 17 pessoas por causa dos medicamentos em questão», acrescentando que «de qualquer

medicamentos têm um saldo positivo».

Uma vez conhecidas as revelações tornadas públicas, agora em Estocolmo, a Ciba-Geigy, com sede em Basileia (Suíça), informou que a medicação de pacientes com «Butazolidin» e «Tanderil» não deverá ser superior a uma semana.

Ao que apurámos esta manhã junto da Direcção-Geral de Saúde, ambos os medicamentos são comercializados em Portu-

Sete Ponto Sete



O trunfo é espadas

Pág. 6



Os homens
que ainda
são
muito
homens

Págs. 4 e 5



Relações de forças no Sagitário

Não espanta que Chaké Matossian se ponha a escrever sobre as alergias enquanto sintomas de civilização, depois de uma semana como a que passou:

Os "Pershing" chegam à RFA, os soviéticos rompem em Genebra e anunciam um pesado conjunto de medidas de redução, Anafat e a OLP estão (no momento em que escrevo) imediatamente encostados à parede em Trípoli enquanto Assad, "o Bismarck dos árabes", realiza um velho sonho de hegemonia...

Entre nós, o dólar atinge os 130 escudos, o Governo anunciou que só dispõe de 2,5 milhões de contos para enfrentar gastos em reparações que ultrapassam largamente o triplo desse montante. Enríqui Lopes emerge da sua penumbra para assumir o papel de político... O desfecho do caso Garcia dos Santos surge a testemunhar a violência de um grande equívoco quotidiano: comentadores de todas as cores lamentam convencionalmente a falta de bom relacionamento entre os principais órgãos que partilham o Poder, como se as relações entre estes não fossem sempre, exactamente, relações de forças (Qu não o terá dito o próprio pai da polemologia: "a guerra é a continuação da política por outros meios"?)

Além disto, a semana que passou foi igualmente aquela em que a primeira versão do superlento "A Tarde", dirigida por Victor Cunha Rago, reapareceu sob a forma de semanário. A concretização do projecto confirma a existência de uma luta pela liderança na opinião pública de direita — este semanário quer abrir caminho a uma "nova AD" — mas o produto acabado deixa dúvidas sobre as suas possibilidades de alcançar o objectivo imediato de concorrer com o "Expresso": não parece que bastará a um tabloide ultra liberal aumentar a percentagem de licenciados na sua redacção para poder gerir a opinião de direita sem cair nas garras do "Diabo".

Não, depois de uma semana como a que passou, ninguém pode estranhar que se acentuem, embora modestamente, as nossas borbulhas, urticárias e asma dos fenos.

Estamos a atravessar o sagitário e com ele vai chegar Dezembro, mês de balanços e contas, mês em que se deitam fora os trau-tos velhos e mês de Jean Genet. Foi em Dezembro, como lembra Luís Andrade da Silva neste Sete Ponto Sete, que o P.º António Vieira se viu condenado pela Inquisição a 22 meses de cadeia, por ter afirmado que as profecias de Bandana eram de inspiração divina.

A propósito de profecias, é esta semana que Londres Faria convoca o fantasma de Henry Miller para anunciar que a próxima grande incarnação do homem é feminina: "Os homens — diz ele — perderam contacto com a Terra, penduraram-se nas vigas das suas falsas superestruturas como fazem os morcegos chiscando pela tempestade marinha... o seu mundo de abstrações não passa de um tãgarelar fictício".

João Mendes

Purgatórios

Alergia, sintoma de civilização

Borbulhas, urticária, tosse, asma, febre dos fenos, eczemas são males estranhos que afligem cada vez mais pessoas e são classificados sob a designação de «alergia». O que é a alergia? É a hipersensibilidade imediata do organismo a um agente patogénico, quando esse organismo foi objecto de um anterior ataque pelo mesmo agente (daí a memória do alérgico).

Chaké Matossian

A

lergologia, tal como diz o dr. Emile Hénocq (1), tem pois a ver com essa parte da biologia a que se chama «imunologia», e a sua história encontra-se em parte ligada à das investigações sobre as vacinas. A palavra «alergia» foi criada em 1906 por Clemens Von Pirquet, que lhe deu o sentido de uma «reactividade alterada do receptor» (allos R desvio). Digamos de passagem que a maior parte dos investigadores que contribuíram para os progressos da alergologia sofriam desse mal e não hesitaram em tentar as experiências em si próprios. Assim, Charles Blackley, Carl Praustnitz e Dunbar sofriam de febre dos fenos, enquanto Arthur Coca atribuía as suas violentas enxaquecas às alergias alimentares. Altounyan e Robert Cooke eram asmáticos.

O alérgico, tal Dom Quixote

Estamos rodeados de micróbios, de vírus, e milhões de moléculas estranhas penetram diariamente no nosso organismo. Algumas dessas moléculas são inofensivas, outras nocivas, e cabe às células do organismo fazer a escolha, detectar o perigo e tolerar as moléculas inofensivas. O alérgico, esse não consegue operar a «modulação». «Tal como Dom Quixote perante os moinhos de vento, o alérgico bate-se, persegue e corta aos pedaços pólenes inofensivos, pólidos acarídeos, modestos alimentos de todos os dias» (Hénocq). O alérgico produz pois demasiados anticorpos IgE e a sua reacção de defesa é tal que as substâncias nocivas destinadas a comba-

ter o agressor se tornam por sua vez nocivas para o receptor. O alérgico é dotado de uma «memória» que o fará reagir cada vez que um alérgeno conhecido se apresenta: «Toda a gente possui estes anticorpos da alergia (principalmente constituídos por imunoglobinas de classe E ou IgE) mas só o alérgico possui anticorpos capazes de reconhecer o alérgeno a que está sensibilizado (pólenes poeiras, pelos de animais, etc.)» (Hénocq). E em virtude desse excesso de energia da defesa que alguns formularam a hipótese segundo a qual «a alergia estaria situada nos antipodas do cancro» (Hénocq), visto que a proliferação dos tumores é acompanhada por uma certa inércia do sistema imunitário.

O terreno atópico

No entanto, muitas pessoas dizem-se erradamente alérgicas. É então necessário descobrir se o terreno é ou não atópico, isto é, se há uma tendência constitucional ou hereditária para reagir aos alérgenos, que nas pessoas normais são sem efeito. Uma urticária pode ser emocional e uma «alergia» pode esconder uma doença mais grave. O terreno atópico deve pois ser diagnosticado por testes cutâneos, testes de provocação, testes sanguíneos e exames radiográficos.

A asma: dois elementos interferem na crise de asma: a agressão que excita o brônquio e a tensão nervosa permanente. E Hénocq lembra, de passagem, que «a maior parte das harmonias que influenciam o sistema imunitário estão sob a dependência do sistema nervoso central». Os factores psicológicos (afectivos) têm um papel capital na doença asmática (lembramo-nos de Proust...) sem que por isso se possa suprimir a importância dos factores alérgicos. Trata-se pois de encontrar as relações entre esses dois tipos de factores, procuram que nos levará à constatação de que nenhuma generalidade é possível neste domínio, e que só se pode ter em conta casos individuais em que «cada paciente interveém com a sua própria personalidade imunológica, genética e psico-

lógica». Por essa razão, afirma Hénocq, «foi sempre impossível estabelecer um perfil psicológico unívoco do asmático».

As reacções cutâneas. Subitamente atacada por um eczema bem visível ou por uma urticária irritante debaixo da roupa, a pele, que se colora ao acaso das emoções, indica, através dessas manifestações, a sua estreita relação com o sistema nervoso.

Viu-se assim que as pessoas que sofrem de eczema ou de urticária se revelam de uma agitação extrema. Essa hipersensibilidade ou esse terreno atópico deve-se tanto a factores genéticos como a uma exposição aos alérgenos do ambiente.

Os alérgenos são substâncias susceptíveis de provocar uma reacção alérgica, que penetram no organismo por fora (agindo na pele), pelas vias respiratórias (febre dos fenos, asma), ou ainda pela boca (urticária aos ovos e ao peixe). Entre esses alérgenos podemos citar:

Os alimentos que contêm histamina ou substâncias histaminolíticas (peixe, clara de ovo, chocolate ou morangos). Mas o próprio doente é que deve fazer o seu diagnóstico e evitar o camarão ou a amêndoa que sabe que lhe são fatais...

A indústria que comporta um grande número de substâncias nocivas como os isocianatos. As embalagens de matéria plástica, os antibióticos e os detergentes também podem originar crises alérgicas.

A profissão. Verifica-se a existência de asma profissional entre as quais se destacam as asma nos meios agrícolas (insecticidas, pólenes de animais), a asma dos padeiros (farinha, pó de trigo), dos cabeleiros (produtos descolorantes), dos marceneiros (madeiras, vernizes)...

Estas asma profissionais páram milagrosamente quando o indivíduo pára o trabalho. Depois do descanso do fim-de-semana, o regresso ao trabalho, na segunda-feira, é acompanhado por uma recrudescência dos sintomas e até de febre, a «monday fever». Resta saber se só os alérgenos têm a culpa...

Os cogumelos, organismos vivos, também podem provocar graves crises de asma. Encontra-se a sua acção no ar condicionado. «É certo que o ar é filtrado mas depois é humidificado na passagem por caixas onde crescem os pequenos organismos vivos, e só depois é distribuído ao consumidor que é exposto,

contra vontade, à inanação prolongada desses microrganismos durante as horas de trabalho, (Hénocq).

A ordem histórica

Já vínhamos a importância dos factores afectivos na constituição da personagem alérgica. Para além da sua propensão para a irritabilidade, o atópico é um nervoso que gosta de ser tratado e que por isso privilegia a relação médico-doente. A hipótese de uma urticária emocional é admitida por Hénocq que também diz que as manifestações alérgicas podem ser de ordem histórica, embora sem analisar um tal ponto de vista.

Para Groddeck as alergias são, sob o ponto de vista psicanalítico, sintomas constituídos através dos símbolos. Estes sintomas «especificamente e indiscutivelmente orgânicos», tratados pelos psicanalistas como sintomas psíquicos são: «As perturbações frequentes dos intestinos, os múltiplos sintomas de perturbações menstruais, a febre dos fenos, a asma, a enxaqueca, a doença de Basedow, numerosas afecções cutâneas, etc.» (Georg Groddeck, *La maladie, l'art et le syndrome* — Gallimard).

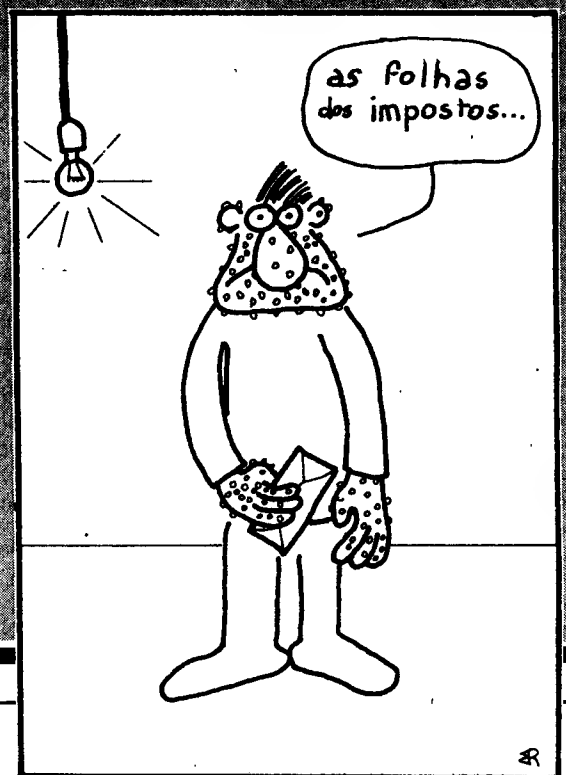
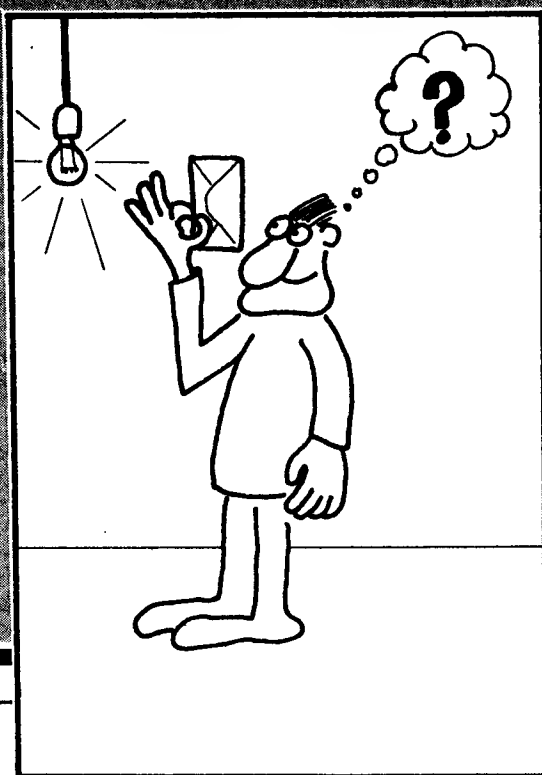
As alergias, mal-estar da nossa civilização não seriam, como na asma de Dora (Freud) um sintoma que se torna sinal? Assim como seriam sinais os «7 milhões de caixas de tranquilizantes vendidos todos os meses em França» (Hénocq). Freud não nos dizia que os homens se refugiam na doença a fim de poder, graças a ela, obter os prazeres que a vida lhes recusa? (2)?...

NOTAS

(1) Emile Hénocq é o Director da Unidade de Alergologia do Hospital Pasteur e acaba de publicar o livro *Un mal étrange, l'allergie* (Fayard, 1983), a que acima nos referimos.
(2) S. Freud, *Cinco lições sobre a psicanálise*.

Notas do artigo «a magia da crise», que, por lapso, não foram incluídas no Sete Ponto Sete de 26 de Outubro último:

(1), (2), (4), (6), (7), (12) Bernard Rosier e Pierre Dockès, *Rythmes économiques, crises et changement social*, Maspero, 1983
(3) Stuart Ewen, *Consciences sous influence*, Aubier, 1983
(8), (11) Paul Virilio, *L'évangile nucléaire*, Esprit, 1974
(9), (10) P. Virilio, *La stratégie de la tension*, Traverses nº 25, Minuit, 1982.
(13) René Loureau, *L'Etat-inconscient*, Minuit, 1978



Infernos

Em nome da guerra santa contra o "complot" americano-israelita, ele reprime no interior e intervém no exterior. Gosta da França e tem saudades de De Gaulle

Assad, o Bismark dos árabes



O homem que bate os palestinos e põe a América em cheque. O aliado dos soviéticos, mas, até quando? O jogador de nervos de aço que leva a efeito uma terrível repressão no seu país. Hafez el Assad é tudo isto. Ele tornou-se a personagem-chave da crise do Próximo Oriente. Um dirigente falangista libanês, antigo conselheiro do presidente Sarkis, conhece bem o chefe do Estado sírio por ter negociado longamente com ele. Ele descreve-o num livro de recordações que será publicado brevemente (1).

Karim Pakraduni

Mas o que quer Assad? Ele continua um enigma para mim. Elias Sarkis, perplexo, pôs muitas vezes a si mesmo essa pergunta, diante de nós, a propósito da personalidade que, cultivando o segredo, reina desde 1970 sobre a indomável Síria. A sua política e a sua maneira de governar o ingovernável, como senhor absoluto, surpreendem o mundo inteiro.

O homem sobre o qual se interrogam é alto, de pele clara, rosto comprido, testa ampla, pequenos olhos brilhantes de inteligência e de firmeza. Embora de queixo levantado, o que mostra um temperamento autoritário; é aparentemente tímido e reservado e caminha com calma e majestade. Sempre cortes, nunca levantando a voz, pode passar por uma pessoa mole. Embora vestindo com elegância, conserva a marca das suas origens camponesas de da sua formação militar. Com o cabelo cortado no estilo sumário dos quartéis, dá uma impressão de peso logo desmentido pelo olhar esperto do homem da terra em luta com a tempestade e conhecedor das ameaças. Tem um sentido agudo da sua dignidade. A sua pessoa e tudo o que lhe diz respeito são uma coisa sagrada. Todas as faltas ou erros, na Síria podem ser desculpáveis, à excepção de qualquer injúria ao presidente. Só ela é pecado mortal, imperdoável.

Implacável, o presidente sírio executa os seus desígnios com paciência e obstinação. Construiu o seu poder pedra a pedra, nunca se precipita nem se emociona. Nem se zanga. Prefere chegar docemente aos seus fins, usando da persuasão antes de chegar à dissuasão. Foi assim que tomou o poder em dois tempos por um golpe de Estado "branco", em 1969, depois pela investida final do ano seguinte. Ele interveio no Líbano, primeiro politicamente, em 1975, depois militarmente, em 1976. Gosta de digerir a sua presa e, depois de cada acção, pára, negocia, explora, depois parte para o golpe seguinte.

Sabendo esperar as ocasiões propícias, reforçando os seus triunfos e deixando os adversários enterrarem-se, escolhe admiravelmente a altura de agir. Em posição de fraqueza vê em toda a negociação uma tentativa de extorsão. Forte, considera todo e qualquer compromisso como um acto gratuito. Para ele tudo tem um preço mas incumbe-lhe fixá-lo. Não se embargam com limitações e demarcações impostas por outros. «Não se preocupe com a linha vermelha» de que falam americanos e israelitas», dizia ele um dia, na minha

presença, em princípios de 1976, a uma delegação da Frente libanesa. «Ela não existe, em todo o caso não a vejo. Ou então é móvel, rolante e portátil» (...)

Uma memória de elefante

Física e moralmente Assad controla-se de uma maneira incrível. Desde que deixou de fumar que não se separa do seu rosário de ambar. «Cheguei a fumar cem cigarros por dia, e parei de repente. Nunca mais toquei num cigarro.»

Para abordar as negociações arranja uma máscara de impassibilidade e recebe os visitantes no cenário estereotipado do «palácio do povo» ou no seu domicílio privado, conforme deseja dar ao encontro um carácter solene ou íntimo. Quer se trate de reis e de presidentes ou de visitantes menos ilustres, de uma delegação ou de uma simples pessoa, as reuniões decorrem sempre no palácio presidencial, numa sala imensa onde ninguém dispõe de uma mesa, de papel ou com que escrever. Instala-se sempre na mesma cadeira e na mesma posição. Em casa, recebe numa sala modesta, não toma notas e nunca consulta nenhum documento. Conhece os seus «dossiers» a fundo, graças a uma memória de elefante e a um impressionante poder de concentração. (...)

Durante a fase preparatória das conversações, e, mais geralmente, antes de qualquer encontro, Assad não revela nada das suas intenções nem das suas exigências. Estratega da ambiguidade, deixa o interlocutor adivinhar, especular, e prepara-se para lhe pagar um preço que ele não lhe pediu com antecedência. Algumas vezes o próprio encontro torna-se objecto de negociação. (...) Nunca entrando em primeiro lugar no vivo da questão, toma o seu tempo a julgar o parceiro, se o encontra pela primeira vez, ou, se já o conhece, para avaliar o seu estado de espírito. Ele é alternadamente frio e caloroso, sombrio e sorridente, segundo as pessoas ou o assunto, escutando até ao fim e levando o interlocutor a gastar ideias e argumentos. Muitas vezes, com um sorriso, um gesto de cabeça, uma pergunta concreta ou um comentário anódino, dá a impressão de ter sido convencido ou desarmado. Mas no momento em que outro pensa que triunfou na sua missão, Assad refuta com cortesia as suas palavras e começa, sem apelo nem agravo, a desenvolver a sua antítese. Ao longo das horas vai pas-

sando de assuntos secundários para fórmulas mais nítidas e argumentos mais sólidos. Infatigável, prolonga por vezes a negociação até de madrugada. Lembrou-me de em Março de 1976 ter discutido com ele durante sete horas uma hipotética emenda à Constituição libanesa e as teorias sociológicas de Ibn Khaldoun. No fim dessa maratona, acompanhou-me à porta, tão fresco como no momento em que me receberei.

A «doutrina»

É um negociador imprevisível e retorcido tão capaz de cortar brutalmente um problema de fundo como de recusar uma resposta precisa sobre um problema de pormenor. Se promete, executa sem perda de tempo. Se quer recusar, diz: «Vou discutir com Fúlano ou Cicrano.» Ou ainda: «vou estudar o caso.» Se lhe acontece, o que é raro, dizer um não categórico, não serve de nada insistir porque a sua decisão é definitiva. Pelo menos de momento porque nele toda a recusa dissimula os prodomos de uma aceitação futura, assim como toda a aceitação tem em si as bases de uma eventual rejeição. Duplicidade, desdramatização ou técnica avançada da negociação? Ninguém pode dizê-lo.

Como bom piloto de guerra, este general da aviação sabe apanhar de muito alto, num só golpe de vista, pormenores muito afastados. Tal como no combate aéreo, ele define ao mesmo tempo o alvo e o modo de o atingir, faz as viragens mais delicadas e calcula instantaneamente riscos e possibilidades. Intransigente, sabe ir até ao fim de um desafio, desprezando os conselhos de prudência e desdenhando as ameaças. Mas, se julga o objectivo inacessível, também sabe recuar, esquivar-se com habilidade e à vontade. O seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Abdel Halim Khaddam resumiu um dia este estilo, em minha intenção acerca da cimeira de Bagdad. «O nosso presidente, disse-me ele, é mestre na arte da manobra. Ele esconde capacidades tácticas insuspeitadas, pratica a política da beira do precipício e sabe parar na boa altura. Tem nervos de aço e a sua imprevisibilidade causa espanto. É capaz de tomar a boa decisão no momento mais inesperado».

rado». No fundo, Hafez Assad desenvolve, por ocasião da sua intervenção no Líbano, uma «doutrina» que se apoia em três princípios de acção implícitos nas relações entre Estados:

1) O direito de um Estado árabe, pequeno ou médio a intervir militarmente no território de outro Estado árabe a fim de o impedir — ele próprio ou organizações que actuam no seu seio — de ameaçar a segurança síria ou a segurança nacional árabe. Porque a segurança está antes da soberania;

2) O direito de um pequeno Estado tomar directamente em mãos os negócios de outro, sem prévia autorização das duas superpotências ou de uma delas, afirmando assim a sua vocação de potência regional;

3) O direito de um Estado na órbita soviética, — no caso a Síria — olhar pela segurança de um Estado na órbita americana, como o Líbano, mesmo que isto seja um atentado ao princípio segundo o qual cada uma das grandes potências pode intervir exclusivamente na esfera de influência sem provocar repressão por parte do outro.

O seu «jogo aberto» consiste, antes de mais, em «congelar» um conflito cuja solução definitiva parece fora do alcance, pelo menos no imediato, deixando às partes em causa toda a latitude de defender as suas posições de princípio ou as suas teses ideológicas. Assim, em vez de procurar a solução definitiva que levaria ao conflito aberto, ele cria um estatuto provisório que satisfaz mais ou menos os princípios antagonistas. Mas, sobretudo, age de modo a que, com o tempo, esse «provisório» vença. (...)

Deste modo a Síria, Estado incapaz de manter, só com as suas forças, a situação que suscitou, transforma esta mesma situação em ponto de convergência de uma rede de interesses. Modifica-la parece aos olhos de todos mais oneroso do que mantê-la. «Se o estacionamento do nosso exército no Líbano é um problema para alguns, a sua retirada será um problema para todos», disse-me ele em 1977.

Em face desta «doutrina», os Estados Unidos perguntarão durante muito tempo a si próprios se a Síria será ou não «recuperável».

Para levar a cabo este jogo astu-

cioso, Assad não se fia somente no seu pragmatismo nem na sua intuição. Ele apoia-se em regras bem definidas. Primeiro a prática dos «pontos abertos» com todos os antagonistas, porque acaba sempre por negociar na altura que considera oportuna. Com três excepções importantes. Não aceita fazê-lo directamente com Israel, passando por intermédio dos Estados Unidos. Não aceita discutir com estes, conflitos interárabes, utilizando para tal a Arábia Saudita. Enfim, só aceita muito de passagem discutir com essa última problemas palestinos e libaneses, que prefere tratar directamente com os interessados.

Segunda chave desta estratégia: a política dos «aliados intermutáveis». O presidente sírio faz e desfaz as alianças com um à — vontade onde há virtuosismo, sabendo fazer viragens de 180 graus, chamando a si forças suplementares e pondo novas cartas na mesa. Logo que adquire um aliado, procura um suplente. É certo que as divisões do mundo árabe fornecem um óptimo terreno para essa tática. Assim, tem o cuidado de ferir o adversário sem o matar e de ajudar o amigo sem o libertar dos seus problemas. Porque os seus papéis podem inverter-se um dia. Os seus entendimentos e as suas zangas periódicas com a OLP, a Frente Libanesa e o Movimento Nacional ilustram perfeitamente essa política. Ela não o faz, no entanto, cair num oportunismo baixo. Quando rompe justifica longamente a sua ruptura, e, quando se associa, define claramente quais os objectivos comuns.

Esse método das «alianças intermutáveis» também comporta limitações. Assad acha que Israel quereria dominar toda a região árabe, do Nilo ao Eufrates, com o apoio americano, e que se trata portanto de um inimigo irredutível, do qual os Estados Unidos são autênticos aliados. Acha depois que, no imediato, todo e qualquer acordo com Israel significa uma capitulação, evido à supremacia militar do Estado hebreu. Ele trabalha para que uma «frente comum árabe» apresente uma resposta estratégica a Israel e solucione a crise do Próximo Oriente. A direcção desta frente deveria, naturalmente, caber ao seu país.

«A Síria é a chave»

Para além do quadro regional, ele não desconhece o papel dos Estados Unidos. Enfrenta-os sem por isso suscitar a sua total hostilidade. De Nixon a Reagan e de Kissinger a Habib, as suas relações com Washington são cheias de equívocos, de mal-entendidos e de decepções. A Europa não o deixa indiferente. Tem uma certa simpatia nostálgica pela França, onde lamenta a falta de De Gaulle, que, segundo ele, teria podido dar um maior peso ao Velho Continente. Consta que falta a este coerência e que, «embora sendo aliado dos Estados Unidos, não é os Estados Unidos». A Europa deve pois ser uma válvula de segurança para o Terceiro Mundo. Em suma, aos seus olhos a União Soviética é uma aliada difícil, os Estados Unidos um mal necessário, e a Europa um recurso eventual.

Essa ambiciosa política internacional propõe-se, antes de mais, transformar a Síria de aposta em

actor, fazendo assim dela uma grande potência regional. (...) A Síria nunca conheceu tanta influência nem tanta estabilidade como sob o seu actual regime, mas o reverso da medalha é um estado de sítio mantido desde 1970 e um exército em mobilização permanente desde 1973. Uma grande política para um pequeno país, não se consegue sem grandes sacrifícios.

Para se manter durante tanto tempo com um desígnio desta amplitude, Assad mostra-se impiedoso no interior. Uma repressão sangüinária e sistemática explica a sobrevivência do regime. Mas é à sua estratégia que ele deve os seus incontestáveis êxitos. Justificandoo, no plano moral, essa repressão sem escrúpulos, atribui todas as dificuldades internas à sua posição de nacionalista árabe. Para os propagandistas de Damasco, todos os conflitos, desde as perturbações comunitárias até aos combates com Yasser Arafat, têm por único objectivo reduzir toda a oposição ao «complot americano-israelita». É em nome desse imperativo que se reprime no interior e que se intervém no exterior.

O Baas é uma minoria política na Síria, e os alavitas formam uma minoria religiosa duplamente minoritária. O chefe do Estado aplica, aí também, o seu «jogo aberto». Devido ao seu acordo com a União Soviética, ele reforça-se militarmente e, no plano interno, neutraliza a sua posição de esquerda e reserva-se o exclusivo da carta do radicalismo. Devido ao seu entendimento com a Arábia Saudita, melhora a situação económica e priva de base a oposição de direita, conservando nas mãos a carta da moderação. Consegue assim o «Tour de force» de tatar a boca aos comunistas com a cumplicidade soviética, e de desmantelar os irmãos muçulmanos com a bênção do Ryad, de Kadhafi e do imã Khomeiny. Devido ao seu «radicalismo», junta à sua volta a classe operária e a juventude, sem por isso ser «outro Nasser». A sua «moderação» vale-lhe o apoio da burguesia e do campesinato sunnitas, sem que se torne por isso «outro Sadate». Em suma, um tal virtuosismo no «jogo aberto» permite-lhe ganhar em todos os campos.

No entanto, nem tudo é jogo, e Assad está convencido do papel específico que incumbe à Síria. Não se compreenderá nada da sua política se não se tiver em conta a sua visão nacionalista. «A Síria é diferente de todos os outros países árabes», disse-me ele em 1978. «Nós temos uma vocação para-árabe, e tudo o que é árabe é nosso. Distinguímo-nos por um nacionalismo intervencionista. Não se concebe nenhuma unidade árabe sem a Síria. Nenhuma guerra também. Se tivermos fronteiras comuns com o Egipto, o nosso exército teria lá entrado, sem dúvida, depois da visita de Sadate a Jerusalém. Sim, nós somos o coração, nós estamos no coração do mundo árabe! A Síria é o nó do problema e a chave da solução no Próximo Oriente!» É esta a linguagem daquele a quem alguns chamam o «Bismarck dos árabes».

(1) La Paix manquée au Liban. Le mandat d'Elias Sarkis, 1976-1982. Edições FMA Beirute.

Só entre nós

DA QUASE-IDOLATRIA À QUASE-DIFAMAÇÃO

A semana passada foi, nos EUA, a semana Kennedy: na terça-feira passavam vinte anos sobre o seu assassinio em Dallas, no Texas, e, de uma forma ou de outra, não houve 'media' que não satisfizesse as obrigações dessa efeméride.

O balanço dessa celebração é curiosamente desfavorável à imagem do malogrado presidente, de tal modo que um comentarista pôde escrever, no New York Times, que a respeito dele, se passou "da quase-idolatria à quase difamação". Com efeito, são frequentes as evocações que sublinham a falhada invasão de Cuba e o fracasso do desembarque na Baía dos Porcos, em 1961, ou o errado envolvimento americano no Vietname. Decerto, a importância do mandato Kennedy na história das presidências norte-americanas está ainda por estabelecer com clareza. Mas o mito desapareceu.

LIVRES-TRÂNSITO INTER-BLOCOS

A liberdade de movimentos de diplomatas e jornalistas soviéticos em território americano acaba de ser recondicionada: o Departamento de Estado confirmou que uma nota confidencial, contendo o novo "mapa" das deslocações autorizadas, foi entregue na semana passada à embaixada da URSS em Washington.

Esta "revisão" diminui a importância das zonas interditas de 24 para 20% do território, mas ao mesmo tempo cria novas proibições, por exemplo em relação ao "Silicon Valley", perto de São Francisco, Califórnia, onde se encontram agrupados vários laboratórios que se dedicam à investigação no domínio da informática. Aparentemente, estes recondicionamentos — os primeiros decididos desde 1967 — "respondem" a disposições idênticas, recentemente postas em vigor pelos soviéticos em relação a diplomatas e jornalistas americanos na URSS.

AFINAL NÃO HOUVE NÁUFRAGOS DO ESPAÇO

Vladimir Liakhov e Alexandre Alexandrov, os dois cosmonautas da Saliut-7, regressaram à Terra, e a UPI distribuiu a todos os seus assinantes (incluindo a RTP) imagens do acontecimento. A meio de Outubro, os dois soviéticos eram dados como praticamente perdidos por uma série de informações subtilmente divulgadas a partir de Washington, e ao mesmo tempo — estendendo-se até meados do corrente mês — a UPI lançava informações segundo as quais os soviéticos "prevêem a instalação de estações espaciais habitadas gigantescas, munidas de armas laser, que poderiam destruir os satélites americanos de espionagem e de alerta, navios de guerra e talvez mísseis intercontinentais de carga nuclear".

A URSS é, assim, acusada de pretender a hegemonia militar no Espaço, mas ao mesmo tempo é criticada por não conseguir trazer de volta, sem problemas, o par Liakhov-Alexandrov. Quem intoxica quem?

PERSHING-2: OS MÍSSEIS MAIS PRECISOS DO MUNDO

Segundo o Pentágono, os Pershing-2 que, na semana passada, começaram a ser instalados na RFA, são de dez a onze vezes mais exactos do que os seus correspondentes soviéticos SS-20. O seu ECP (Erro Circular Provável) é apenas de 30 metros. O falhanço dos primeiros ensaios em voo, sobretudo a explosão logo após o lançamento do primeiro Pershing em 22 de Julho, no Cabo Canaveral, no ano passado, fez "tremar" o projecto. Mas os ensaios seguintes, já este ano, com tiros de 823 e 832 milhas, foram um sucesso.

O Pershing-2 é um míssil de dois andares, movido a combustíveis sólidos, com um peso à partida de 7.200 quilos e um raio de acção de 1.750 quilómetros. Graças ao seu sistema de condução RADAG (Radar Area Guidance), dificilmente a sua margem de erro ultrapassa os 25 metros. Para aumentar o seu efeito explosivo, foi dotado de uma cabeça penetrante. A sua carga explosiva será inferior a 10 KT, o seu tempo máximo de voo 15 minutos e a sua altitude máxima 240 quilómetros.

MARCHAIS: SIM AO NUCLEAR MILITAR FRANCÊS

Numa polémica entrevista ao "Le Monde" que acabaria por ser "corrigida" pelo "Humanité", o secretário-geral do PCF foi interrogado sobre se uma eventual reavaliação das forças por parte dos EUA e da URSS, em Genebra (a entrevista foi concedida antes da suspensão destas negociações) não poderia implicar um condicionamento da expansão da força de dissuasão francesa. Resposta de Marchais:

— De modo nenhum. Os dois grandes dispõem hoje de uma esmagadora superioridade, que lhes proíbe pedirem-nos que reduzamos no que quer que seja a nossa própria força.

O PCF, como se sabe, pediu a todos os governos europeus que participassem nas negociações de Genebra, para, diz Marchais, "não permitir que o destino da Europa seja decidido num face-a-face americano-soviético".

E

sta criança, acabada de nascer, é do sexo masculino. Está incluída no reino dos fortes, dos poderosos, dos comandantes dessa máquina que é o mundo. Por enquanto é carne, indefesa, corpo que pede cuidado, urina e caca nas fraldas. Com o crescimento aprende o comportamento que a masculinidade impõe. Talvez até se venha a tornar naquele homem da classe média que Emma Goldman (sindicalista norte-americana) assim descreve: «... Impante de auto-satisfação, com os seus ares protectores, ridículos, ao olhar o sexo feminino, é um personagem impossível...» Um homem a sério (porque a ambiguidade, por vezes, transparece) deve ser autoritário, seguro de si, competitivo, agressivo. Nada de mais insultuoso que um macho (refiro-me ao homem comum) dizer, para outro, no meio de uma briga: «Você não é um homem». Mas em que consiste a masculinidade? É algo de genético, de atávico, de adquirido? Sobre essa questão detém-se Andrew Tolson, no livro «Os Limites da Masculinidade», um trabalho honesto assente num conjunto de inquéritos dirigidos a homens.

A propósito, tentei ouvir alguns representantes do sexo masculino desta terra, o que não foi nada fácil. Muita batota nas respostas, falta de espontaneidade e de sinceridade. Começo por pedir depoimentos, método de que, depressa, desisti. Optei, então, pela conversa — cheia de rodeios com vista a despistar os entrevistados — pois, de outra maneira, não conseguia apurar rigorosamente nada. Em resumo: dos trinta tipos com quem falei, dez manifestaram-se contra o *pieguismo romântico* das mulheres, cinco contra o facto delas serem difíceis de compreender, oito contra essa *imbecilidade dos feminismos* e sete mostraram-se um pouco culpabilizados por serem homens.

O que mais quero, no entanto, neste texto, será fazer a abordagem de uma evidência que é a ritualização dos comportamentos masculinos, ou seja, o código que a organização social criou. Porque nenhum de nós, afirmam-no os cientistas, é cem por cento homem ou cem por cento mulher. Dentro de cada homem uma mulher esperta — e vice-versa. Tenho o pressentimento que é feminina a próxima encarnação maior que o futuro nos reserva. A hegemonia do macho atinge o fim. Os homens perderam contacto com a terra, penduraram-se nas vigias das suas falsas superestruturas como fazem os morcegos chicoteados pela tempestade marinha. O sem mundo de abstrações não passa de um tagarelar fictício. Quando os

Uma mulher esperta em
é só isso: Alexandria ge
A próxima grande inca

Os homens que a

homens forem finalmente unidos nas trevas, uma vez mais a mulher iluminará o caminho — revelando as belezas e os mistérios que nos cercam. Qui-semos recusar a grande matriz nocturna em que nos encontramos agora submergidos. Duplos que somos, fingimos de únicos e vemo-nos, hoje, frustrados e impotentes. Renascemos unidos, desde a matriz, ou então não chegaremos a renascer... (Diálogos dos Mortos, Henry Miller).

Este texto, poético, conta-nos da nossa duplicidade. Do sexo oposto que existe em todos nós, seja oculto por uma

mem branco é igual a um negro ou a um oriental... mas com a mulher não... Ela tem características diferentes, sendo a superior, ao homem, em certos pontos. Acho imensa graça a mulheres que se pretendem emancipadas e, depois, gostam que o homem lhes dê o lugar no autocarro, lhes ofereça flores, que nunca vão sozinho para casa a altas horas da noite, que quando vão a um restaurante nunca se preocupam com a despesa e exigem protecção física do homem... Ela quer usufruir dos privilégios da chamada desigualdade (Roberto, publicitário, 40

Lourdes Féria

tranquilizadora maioria de hormonas adversárias, seja aflorando à superfície dos comportamentos e dos desejos. E para além disto existe o sexo cultural que remete para a área do sociológico.

Ser humano, no fundo, é um mero acaso na combinação dos cromossomas (mulheres igual a XX e homens a XY, tendo este y uma função negativa), e nada mais do que isto. E depois ensinam-nos a representar um papel desde a infância, no qual a escola e a família são determinantes. A masculinidade é assumir as características sexuais sem as transformar em motivo de prepotência que é normalmente o que acontece. Claro que há características masculinas que podem tornar-se odiosas pela manipulação histórica e social que as transformam em diferença, numa situação de domínio por parte do homem, visto que muscularmente é, sem dúvida, mais forte. E como sabemos tudo se resolve pela força até a luta de classes. Com isto não digo que esteja de acordo... mas reconheço que se trata de uma ideia muito arraigada na sociedade. Ideia que é inculcada pelo sistema desde a infância. Todavia parece-me que o conceito de masculinidade, devido à pressão das mulheres, começa a ser abalado... (Duarte, médico, 30 anos).

Título

Para a maioria dos homens ser homem é auréola, título de glória, qualidade máxima, primeira prioridade: o homem é homem antes de mais nada e acima-de-tudo. Vaidades proclamadas ou subterrâneos temores à parte, a verdade é que as ideias tradicionais sobre os sexos estão, hoje, sendo desafiadas por uma nova compreensão dos complexos mecanismos que regulam as diferenças. Não, não acredito. Há uma diferença abismal entre o homem e a mulher. Um ho-

anos). Nas sociedades capitalistas as definições de masculinidade têm a ver com o trabalho. Um trabalhador-modelo coincide com a imagem de homem-modelo. Valoriza-se o trabalho com um fim em si mesmo. Daí que, desde criança, o indivíduo do sexo masculino oia a lengalenga da eficiência, do «ser alguém na vida», da agressividade: «não deixas ultrapassar». Tens de vencer, tens de subir custe o que custar. Este empenho na «realização», na subida dos degraus da hierarquia atingindo as fronteiras da obsessão. Vem na obsessão do êxito, do prestígio social, coisas que compartilham com a família. Sacrifico-me pela família, costumam dizer. Pela família fazem serões no emprego, fazem desfalques, fazem inimizades, fazem úlceras nervosas e enfartes miocárdicos.

Curiosamente, em termos competitivos, a mulher, a não ser em casos de mimetismo, é um cordeiro. Segundo o biólogo francês Henri Laborit, num estudo efectuado numa sala, com um número variável de indivíduos, chegou-se a esta conclusão: «... Quando o núcleo de pessoas aumenta, os homens entram em competição no decurso dos testes a que são submetidos enquanto as mulheres cooperam. É possível que um carácter sexual inato esteja na origem desta diferença de comportamentos».

Muitos homens acham natural que as mulheres se contentem com a rotina de fritar o bife com batatas,regar botões nas camisas,limpar os pelos da banheira, arrumar a roupa espalhada pelo chão. Que se sintam felizes por casarem com um homem trabalhador, amigo da família e que, por acaso, até ganhou o respeito dos colegas no emprego e a consideração dos chefes. Vícios poucos tem: um maço de cigarros por dia, umas cervejas ao fim-de-semana, as quotas do Benfica... d-

paraísos

n cada homem e vice-versa. Mas não
generalizou-se — ela e os seus cinco sexos.

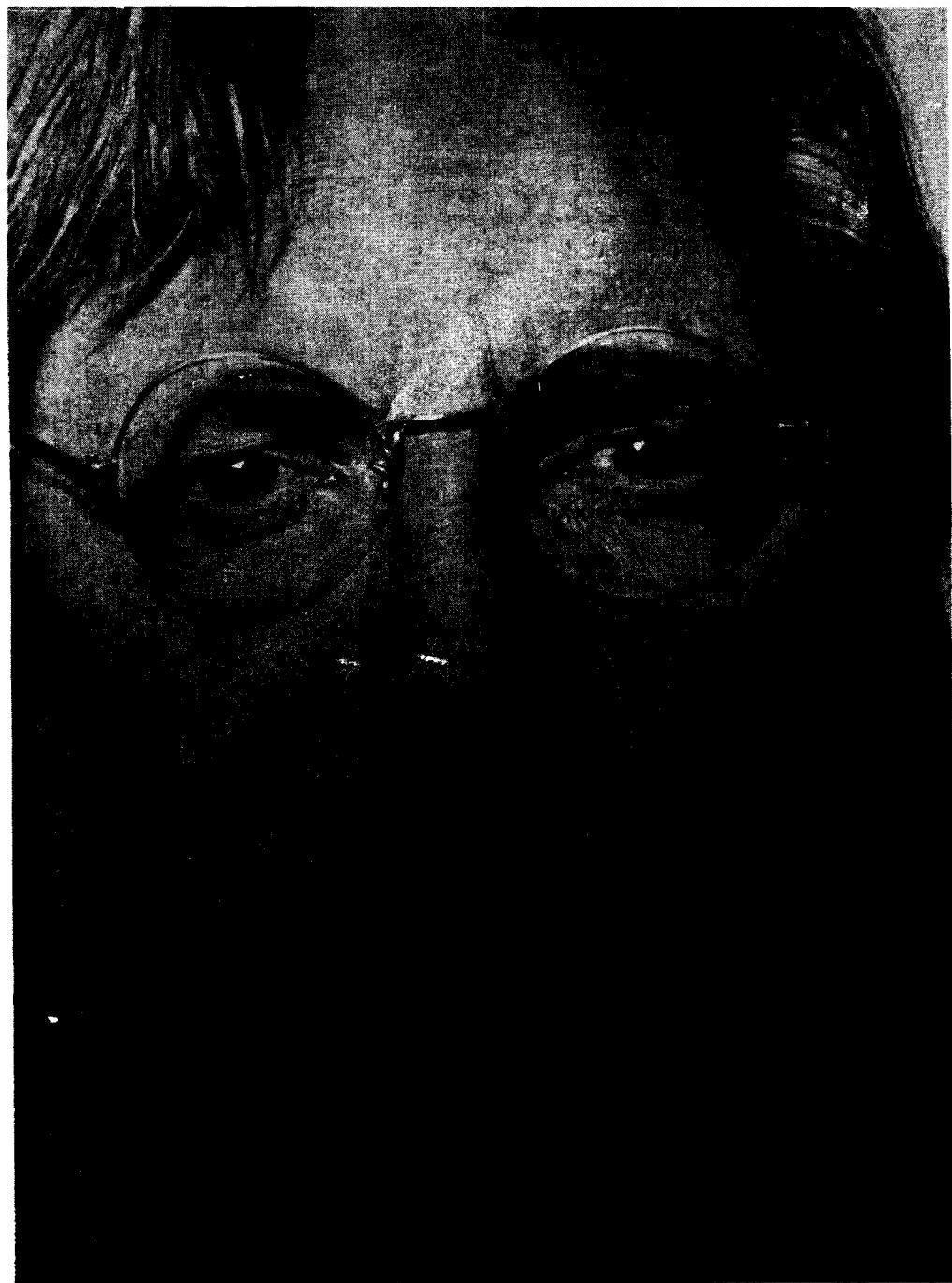
rnção do homem é feminina

ainda são muito homens

gre
n a
cte-
atós
às
lem
am
gar
flo-
has
noi-
am
tec-
Elas
ilé-
ade
42

stas
da-
ho.
pin-
ho-
e o
n si
ian-
scu-
efi-
na
não
s de
e o
o na-
dos
nge
Vi-
do
que
filia.
cos-
a fa-
zem
des,
far-

mos
não
o, é
ogo
es-
com
livi-
clu-
de
en-
urso
los,
ope-
cter
gem
arta-
atu-
ten-
bife
nas
ba-
spa-
tam
um
da
até
gas
ção
em:
dia,
ma-
ma-



resto, vem cedo para casa, não frequenta bares nem cabarets, não joga, não anda metido com o mulhierio, não se embebeda — é um perfeito chefe de família. «Tenho um rapaz com 14 anos, felizmente muito útil. É bom nos estudos, nunca chumbou e evita as más companhias. Uma sorte que eu tive... porque a juventude, hoje em dia, só se mete em buracos. Tenho um medo que me pelo dessa coisa da droga... Mas a minha relação com o meu filho é ótima. Já acamaramos quando calha. Adora ajudar-me a lavar o carro ao domingo. Com a mãe, às vezes, chocam-se porque ela (as mulheres são assim) tanto lhe ralha, aos gritos, como anda à volta dele aos abraços e beijos... e ele é já um homem e não gosta dessas mariquices...» (Carlos, estofador, 38 anos).

O Pai transmite aos filhos, através da convivência, a masculinidade. Lega-lhe o «cofre»

do tesouro intacto. Encoraja-o com conselhos, propõe-lhe que o imite, lança-lhe o desafio do seu exemplo. E a criança assimila a imagem do pai nem que, mais tarde, num acto de rebeldia sinta necessidade de a esfacer. Nem que, por uma atitude intelectual venha a prescindir da «carreira respeitável», da «segurança», da «responsabilidade». Descobriu, por si próprio, que o queriam emparedar e que, se por um lado lhe entregavam o ceptro do poder, por outro ensinavam-no também a servir os que hierarquicamente lhe são superiores. «Eu até sou filho de um pai rico... mas marimbei-me nisso. Quero ser eu. Tenho um emprego em que ganho pessimamente mas não me importo. Podia ser chefe disto ou daquilo... Caguei. Gosto de me deitar tarde, não sou bom chefe de família, (já me casei duas vezes...), adoro ir ao bar conversar com os meus

amigos (um grupo de gente bonita, não no sentido físico) e apaixonar-me. Comodidades? Bem... não me importava de ter um Porche 944, uma banheira redonda e enorme e uma ilha para viver com a minha namorada... Olha, no fundo, não me ralo nadinha com essa merda do dinheiro. Quero é viver, ler os meus livros, gostar dos meus amigos sejam eles mulheres ou homens... O resto é merda.» (Jorge, desenhador, 39 anos).

Hermafrodita

E os hermafroditas? Girísimo mas incómodo. Neles coabita, com igualdade de poderes, os dois sexos. Contudo, nas origens iniciámos a vida equipados com órgãos e canais rudimentares de ambos os sexos. Só no terceiro mês de gestação é

que se inicia o processo de diferenciação. «Masculinidade? São as características que o homem possui e que despertam o desejo da mulher... e a feminilidade é a mesma coisa. Mas também são valores culturais de que a sociedade se utiliza. Veja-se os grandes seios das artistas de cinema americano... O homem é ensinado a reagir a esse estímulo. É evidente que agora há conflitos entre o homem e a mulher. No entanto, quando à masculinidade, parece-me que os homens a assumem mais para agradar às mulheres... (um oficial da Marinha 35 anos).

Mas as coisas não são assim tão simples. A ideologia patriarcal que define a experiência da masculinidade é extremamente diversa e facetada, como afirma Andrew Tolson. O patriarcado como linguagem introduziu-se profundamente nas instituições e confunde-se com a linguagem autoritária (e vazia) da política e do mercado — é uma linguagem de abstracção. «Julgo que o masculino tem dois sentidos: um sentido biológico e o outro que começa a ser depreciativo. Associo este último a um certo complexo de culpa. Lembro-me sempre do feminino reprimido pelo masculino. Por isso tento cultivar, o menos possível, os gestos exteriores que se identificam com o masculino. Para mim o ideal seria o masculino e o feminino serem encurados apenas como substantivos morfológicos...» (Paulo, aluno do Conservatório, 22 anos).

A masculinidade, típica da classe média, é moldada pela escola. Os valores que a escola propaga são geralmente interiorizados pelos alunos. «Ser bom aluno», é um troféu que se exhibe. Alguns há, casos raros, que escapam a isso. O escritor Thomas Mann, por exemplo, conta-nos no «Relato da minha vida» que à escola o aborrecia. «... Pela escola sentia aborrecimento e nunca me submeti às suas exigências. Detestava-a como ambiente, criticava os modelos das suas directivas e depressa me encontrei numa espécie de oposição literária ao seu espírito, aos seus métodos de ensino, à sua disciplina... A minha mãe possuía um tipo nitidamente latino: fora, na sua juventude, uma beleza muito admirada e tinha uma grande sensibilidade para a música. Se me perguntarem de onde procedem, hereditariamente, as minhas aptidões, tenho de recordar o famoso verso de Goethe e dizer que, do meu pai, me veio «a seriedade e a conduta» e da minha mãe, «a natureza jovial», quer dizer a inclinação para a arte e o sensível e o gosto

de «fantasiar», no mais amplo sentido da palavra.»

Os rapazes, na adolescência, desenvolvem, através das atitudes e do discurso, um estereótipo de comportamento sexual, muito vincado pelas graçolas, as anedotas, os subentendidos. São os rituais dos engates reais ou fictícios, as fanfaronices que ajudam a edificar a imagem de marca masculina. Curiosamente, Bertrand Russel na sua «Autobiografia» confessa, com uma sensação de desgosto, ter passado por essa fase. «A minha infância, em geral, foi ditosa e ordenada. Sentia carinho pela maioria das pessoas adultas com quem privava. Recordo-me concretamente que quando cheguei ao chamado «período lúteo» me tornei insuportável. Simulei carecer de sentimentos mostrando-me muito varonil. Comecei a desapreciar a minha família, sobretudo por causa do seu extremado horror à graça vulgar sobre coisas sexuais e à sua absurda ideia de que trepar às árvores era perigoso. Tantas coisas me proibiram que adquiri o hábito da dissimulação, o qual persistiu até à idade de 21 anos. Os anos da adolescência foram para mim, solitários e infelizes.

Tanto na vida das emoções como do intelecto, sentia-me obrigado a guardar, dos outros, o meu segredo impenetrável. O meu interesse dividia-se entre a religião, o sexo e as matemáticas. Encontro desagradáveis recordações da minha preocupação sexual da adolescência...»

Viril

Muitas vezes o rapaz esconde as suas frustrações amorosas ou decepções afectivas atrás da capa de uma masculinidade que ostenta com agressividade. Anda de perna aberta à comando da Amadora, veste calças apertadas, todo ele é fálico. Interpreta o culto do machismo como se fosse um actor. Porém, os psicanalistas afirmam que quase sempre essa violência gratuita tão espectacularmente atirada à cara do mundo que o cerca corresponde a um enorme desespero interior. Muito interessante me parece o que diz Jean-Paul Sartre, que nunca foi propriamente um machão, nas «Palavras». Isto: Não paro de criar-me; sou o dador e a donação. Se o meu pai me visse, indicá-lo-me-ia os meus direitos e deveres. Morreu e ignoro-os. Não tenho direito porque me envolvo de amor; não tenho dever porque me dou por amor. Um só mandato: gostar... A nossa vida não é mais do que cerimónias e consumimos o tempo carregando-nos de homenagens. Eu respeito os adultos com a condição de que me gostem: sou fraco, aberto, doce como uma rapariga...

E para terminar, um depoimento que, como vão perceber, não se cola à pele de quem o faz. Ele traduz, apenas, o que o homem comum entende por masculinidade. Uns confessam-no abertamente, talvez por ingenuidade; outros ocultam o que pensam com teoria. Eis o que Victor Silva Tavares, editor, julga que um homem pensa.

Em te-mos genéricos as minhas noções de masculino e feminino pouco ultrapassam os lugares-comuns dos dicionários. Lá está que masculino é «varonil» ou «viril» ou «enérgico». E lá está, também, que feminino é «gracioso» ou «tenro» ou «doçil».

Já se percebe que sou um homem vulgar de Lineu, macho português com cio permanente, queda para o piropo, misógino quanto baste: onde canta o galo não canta galinha. O que é para mim a masculinidade. Ora essa! É usar deste privilégio natural de ter pila em vez de rucha, logo, submeter, conduzir, dirigir em lugar de deixar ser codilhado pelo sexo oposto — que à mínima oportunidade, pimba, pé no cachaço. Lá nisso sou homem como manda a lei da espécie — e não embarco em liberalismos que podem muito bem vir a dar cabo daquilo que levou alguns milénios a edificar. Admito que lá em casa «mandem» elas — mas só lá em casa, entre o tacho, o biberão e o passajar das peúgas, embora me veja obrigado a aceitar que a mulher trabalhe, em tempos de crise, sempre é uma ajuda para a «economia doméstica».

Não me venham com militantismos — ministros e quejandices, tudo fruto da decadência e frustrações — que alguns homens até fingem aceitar, contribuindo para a bandalheira geral.

O homem é que lança a semente e isso diz tudo. A mulher não passa de receptáculo. Ele é que tem «potência», «virilidade». Ela, no melhor dos casos (porque há por aí muito estafermo à solta), representará a «graciosidade», a «ternura» (que nos verdadeiros homens não passa de mariquice), sempre a «docilidade» — ou vá com os trouxas.

Na vida de trabalho propriamente dita ponham-se os pontos nos is. Para tarefas pesadas, só o músculo masculino. Para trabalhos que exijam bestunço, capacidade de mundo, decisão responsabilizada — então é às mulheres que iremos passar o testemunho, com as consequências que de logo se vislumbra? Seria o fim da mucacada.

Pululam por aí umas tipas, aqui para não autênticos frascos, para ruro lésbicas (fazendo parceria com a paneleiragem que se calhar qualquer dia até exige sindicato), que andam a levantar muita trunfa, está-se mesmo a ver que o que elas querem é ser ministras, como a Thatcher, e pôr os homens a lavar faldas. Não passam de machos sem pila. Ainda para mais uma minoria totalitária, inadmissível numa verdadeira democracia.

Na verdadeira democracia, adulta e civilizada, não há lugar para extremismos. A mulher deve saber que o seu papel é ser companheira do homem. E o homem sabe que deve proteger a mulher. Os dois na tarefa cívica de preparar um futuro promissor para os homens de amanhã.

É assim que eu penso. Se é que é preciso pensar...

Lá no íntimo, muito no íntimo, quantos milhões de homens portugueses não pensam assim. Vá lá, confessem.

Mudanças

Substituição de chefias militares: fala-se da necessidade de bom relacionamento entre as instituições que detêm o poder como se a relação entre elas não fosse "de forças"...

José Manuel Saraiva



O caso Garcia dos Santos



As primeiras horas da manhã do sábado passado os portugueses foram acordados com implacáveis noticiários sobre os temporais que se tinham abatido, durante a noite, sobre a região de Lisboa. As atenções viravam-se sobretudo, para as martirizadas vilas de Cascais e Loures. A RDP, de hora a hora, preenchia os seus espaços noticiosos com reportagens transmitidas a partir dos locais da tragédia.

Ao princípio da tarde, porém, o «Diário de Lisboa» noticiava em primeira mão a exoneração do Chefe de Estado-Maior do Exército, general Garcia dos Santos. Escrevia-se, então que o Presidente da República havia aceitado demitir o CEME na base de um acordo que estabeleceria com o Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares.

Durante a tarde, a noite, todo o dia de domingo, nem uma só vez, em qualquer noticiário que fosse, a RTP e a RDP se referiram à notícia publicada no «DL», na base de informações recolhidas junto de círculos governamentais. Um assunto que durante quatro meses foi objecto de especulações, de ditos e mexericos, passou, de repente, ao esquecimento pela porta da omissão.

Não pensamos que o «caso Garcia dos Santos» fosse matéria para ser supervalorizada nos noticiários televisivos e rediofónicos de sábado e de domingo. Mas julgamos que não deveria ser, como foi, subvalorizada.

Mesmo a imprensa escrita de Lisboa, à excepção de o «Diário de Notícias», se manteve silente e des preocupada.

Este assunto só viria a ser retomado pelos jornais, pela Rádio e Televisão ao princípio da noite de segunda-feira e durante todo o dia de terça. Belém, através do seu porta-voz, havia confirmado, no fim do Telejornal do dia 21, tudo quanto o «Diário de Lisboa» dissera 48 horas antes.

Antecedentes

Há cerca de quatro meses, precisamente no «Dia do Exército», o Governo da República, através do seu ministro da Defesa, apresentou ao Chefe do Estado, general Eanes, o pedido de exoneração para Garcia dos Santos.

A atitude assumida pelo Governo traduziu-se numa afronta às instituições democráticas e representou um gesto de deslealdade criticamente reconhecido por numerosos sectores da opinião pública. No pedido de

exoneração levado a Belém, Governo não fundamentava as razões que determinaram a decisão de S. Bento.

Apenas por mesquinhez e insanidade política de um ministro de Defesa, se decidiu o Governo pela exigência de demissão do único capitão de Abril (e também de Novembro) a ostentar nos ombros as quatro estrelas do generalato.

O Presidente da República, que não enxergou razões para aceitar a demissão do general Garcia dos Santos, procedeu como lhe era lícito proceder: recusou-se a dar cumprimento ao pedido de exoneração do CEME.

De resto, o Chefe do Estado considerava — como ainda hoje considera — o general Garcia dos Santos um «oficial de indiscutível honestidade, de grande

competência, dedicação e eficiência».

Para o Presidente Eanes, o ex-CEME era também — e é — um amigo de longa data e um homem de «confiança». Por isso, talvez não seja difícil perceber-se o estado de espírito do general Ramalho Eanes, quando, agora, se viu na contingência — aceite por si — de demitir o Chefe do Estado-Maior do Exército.

Já se escreveu neste jornal que as Forças Armadas, sobretudo o ramo a que Garcia dos Santos pertence, estiveram solidárias com a atitude do Presidente da República. Talvez seja difícil encontrar-se, nos tempos mais próximos, uma situação idêntica à que se registou nos últimos tempos. Poucos foram os oficiais que não estiveram do lado da trincheira onde se perfi-

lava Garcia dos Santos. Ora, é precisamente por esta razão que, ainda hoje, há militares que não compreendem a atitude assumida pelo Chefe do Estado, independentemente das razões explicitadas por Belém, através do seu porta-voz, Joaquim Leiria.

Exoneração

A decisão de Ramalho Eanes foi tanto mais surpreendente para a opinião pública em geral, e, para os militares, em particular, quanto é certo saber-se que o Presidente havia recusado o pedido de demissão do CEME, dez dias antes de confirmar a exoneração.

Ninguém duvida de que há hoje compreensões e incompreensões em relação à atitude do

Presidente. As opiniões dividem-se e algumas são até coincidentes no continente, diferentes, embora, no conteúdo.

O Presidente da República, fez, pelo menos, o que tinha a fazer: esclarecer as razões pelas quais aceitou firmar um acordo com o Primeiro-Mos CEME's, em relação aos quais o PR perca a confiança ou o Governo proponha a demissão.

Resta agora saber se o acordo compensa a saída antecipada do general Garcia dos Santos do comando do exército, embora se saiba que o mandato do ex-CEME estivesse a chegar ao seu termo.

Importa recordar que o acordo estabelecido entre o PR e o Governo, e baseado na perspectiva da dupla responsabilidade, é apenas para vigorar durante a vigência do actual ex-

ecutivo e o mandato do actual chefe do Estado.

Segundo o documento, um Chefe de Estado-Maior deverá ser exonerado no prazo de 15 dias, quando o Governo propuser ao Presidente da República a sua exoneração. Por sua vez, o PR, se vier um dia a perder a confiança num oficial-general que ocupe o cargo do CEME, deverá o executivo propor a sua exoneração para o Chefe de Estado a concretizar.

Este acordo não abrange os actuais CEME's da Força Aérea e da Armada, que viram agora, simultaneamente com a exoneração de Garcia dos Santos, reconfirmadas as suas presenças no comando de cada um destes ramos das Forças Armadas.

O futuro

Concluído o longo processo desencadeado pelo Governo há vários meses contra o ex-CEME, as atenções voltam-se, agora, para o perfil oficial que ir ocupar o cargo de Chefe do Estado-Maior do Exército.

Apesar da exoneração de Garcia dos Santos ter causado algum mal-estar e alguma incompreensão em vastos sectores das FA's e, principalmente, no exército, a verdade é que a instituição militar se encontra «serenamente firme» — para utilizar a expressão de um oficial superior contactado há vários dias pelo «Diário de Lisboa». Será, pois, nesta situação de seriedade que irá ser nomeado o futuro Chefe do Estado-Maior do Exército.

Há enormes expectativas e grande curiosidade, mais do que, naturalmente, existiriam se o mandato de Garcia dos Santos tivesse chegado ao seu termo sem as vicissitudes pelas quais passou nos últimos quatro meses.

Espera-se que neste novo processo de nomeação de um CEME o Governo não meta foice em seara alheia. Isto é, não desestabilize nem proceda a tráfico de influências junto do Conselho Superior do Exército, em cujo seio serão escolhidos três oficiais-generais para o Governo nomear um entre eles. Há já quem fale em possíveis CEME's. De momento, apenas se poderá dizer que da estrutura do Conselho Superior do Exército deverá sair o Chefe do Estado-Maior. Deste conselho fazem parte mais de dez generais, que ocupam diferentes lugares na hierarquia militar.

Por ordem decrescente, indicam-se o vice-CEME, general Salazar Braga; o inspector-geral das Forças Armadas, general Ramires de Oliveira e o ajudante general do exército, general Firmino Miguel.

Não estranhará a ninguém que o futuro CEME seja, pois, escolhido entre este pequeno grupo de oficiais porventura, os mais antigos generais do Exército.

Caixa do
correioSete
Ponto
Sete

Uma tão grande ausência

A edição de 15 de Novembro do Sete Ponto Sete suscitou reacções diversas por parte dos seus leitores. Aqui deixamos uma breve alusão à correspondência recebida:

Drogas

«É a primeira vez (...) que vejo claramente dito que uma campanha antidroga não deve esquecer, antes deve ser encimada, pela referência ao álcool e ao tabaco. Julgo que haverá sempre quem defenda que as únicas drogas existentes são aquelas que se adquiram ilegalmente, mas seria dar provas da maior cegueira não constatar que o álcool e o tabaco, bem como o consumo de medicamentos desviados da sua função, representam ainda, na sociedade portuguesa, a mais generalizada das dependências.»

L. A. dos Santos
LISBOAA doença
de Andropov

(...) Porque, se é sabido que a Imprensa e a restante Comunicação Social controlada pelo imperialismo não se cansa de inventar que um dirigente soviético está à morte a partir do momento mesmo em que é empossado, também é verdade que há ainda (felizmente) zonas de Informação e profissionais que não se deixam iludir por estas campanhas e continuam a dizer-nos a verdade (...). É uma lástima que o Sete Ponto Sete tenha decidido enveredar por esse caminho (...) e ainda por cima a reportagem era de um francês! Já não haverá jornalistas portugueses competentes para falarem do que se passa na União Soviética?»

M.ª da C. Silva
BAIXA DA BANHEIRABoletins
clínicos

(...) Faz-nos pensar no que sucederia se o Presidente da República adoecesse, lá no seu Palácio de Belém, e o Joaquim Letria passasse meses a dizer-nos que «uma gripe qualquer tem». A este respeito, vale a pena lembrar que, em boa hora, o presidente francês Mitterrand decidiu tornar público periodicamente o seu próprio boletim clínico, para diminuir a importância das especulações jornalísticas sobre o estado em que a sua saúde vai estando (...).

António A. Dias
CACÉM

Limbo

É bom julgar que neva nas aldeias, faz pensar nas leituras da instrução primária... Neste mês costumava-se deitar fora todos os trastes

Luís Andrade de Sá

De
zem
bro

D

ezembro, último mês dos anos, das décadas, dos séculos. A natureza repousa adormecida sob o manto de neve e das bategas de chuva. É um mês de lugares comuns, como a última frase, óptimo para abrir longos romances: Era quase Natal. A terra cobria-se de uma clara noite de Inverno...

Apanha-se o musgo nos recantos sombrios das matas e constroem-se presépios: um espelho a fazer de lago, algo-dão a fingir neve, a Virgem, o marido, Ele, o burro e a vaca. Por cima, o anjo: «Ora o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, Sua Mãe, desposada com José, antes de coabitarem, achou-se que tinha concebido por virtude do Espírito Santo. José, seu marido, que era um homem justo e não queria difamá-la resolveu deixá-la secretamente. Andando ele a pensar nisto, eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos e lhe disse: José, filho de David, não temas receber Maria, tua esposa, pois o que ela concebeu é obra do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e põr-lhe-ás o nome de Jesus, porque ele salvará o povo dos seus pecados.»

Retemperam-se as forças, acabam as migrações, a cobra adormece e o lobo passa fome. É o mês das viagens transatlânticas e quem fica em terra recolhe o feno, esterca, conserta vedações, tapa portas e limpa adegas.

Dezembro recebe e não reparte e, algures, de vez em quando, neva e é bom pensar que neva nas aldeias, faz lembrar as leituras da instrução primária: o Natal na aldeia, o Augusto Gil, o serão à lareira, passes de magia para quem vive na cidade e não tem terra para passar o Natal nem paciência para escutar as visões frígidas e neo-realistas do acontecimento: «Os meninos que vinham das grandes casas novas, que anos atrás seu pai e outros como ele haviam construído, não falavam de mais coisa nenhuma senão dessas histórias do Natal. Contavam uns aos outros as prendas que já tinham espreitado nos armários e, quando algum rapazito dos bairros pobres se aproximava para ouvir a conversa, eles levantavam ainda mais a voz, falando de triciclos e de bicicletas, de comboios eléctricos e de violas verdadeiras» («Os papagaios de Natal e outros contos», Hélia Correia,



ed. Gac.).

Abotoam-se todos os botões e os pesados sobretudos deformam os corpos. Despir um casaco numa sala aquecida afigura-se um ritual erótico pela descoberta de um corpo desconhecido mas adivinhado enquanto nas ruas a profusão de pernas cobertas de seda negra compensa a clandestinidade dos seios.

As mulheres de Dezembro são sensuais e misteriosas, de condição perversa e poderão viver, se tiverem engenho, até aos 69 anos de idade, enquanto os homens são iracundos, vãos, mentirosos, fornicadores, melancólicos e belicosos, atributos que se irão atenuando a partir dos 77 anos, excepto para os que nascem no último dia do ano, que nunca deixarão de o ser.

E o frio de Dezembro? Terrível, que o digam os pescadores de água doce que quase morrem enregelados durante a longa espera nas margens do Lima, do Minho, do Mondego, do Tejo, de cana apontada aos escalos, pimpões, robalos, tainhas, enguias. Não saberão eles que «Em Dezembro descansa, em Janeiro trabalha»?

... Dezembro, dia 1 de 1640: restaura-se a linha legítima de sucessão do trono nacional. Quarenta nobres vão ao Paço, matam o famigerado Conde Andeiro e intimam a Duquesa de Mantua a render-se. Depois, avisam o povo, aclamam

D. João IV e aí está Portugal outra vez.

... Dezembro, dia 3 de 1921, nasce Danilo, também conhecido como «o príncipe» futebolista brasileiro sem pretensões a Rei, que esse teve nome próprio: Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. Danilo Alvim, um centro campista de rara técnica, sóbrio e eficaz na construção de jogadas, elegante e imprevisível no drible, representa o corte com um certo romantismo na actuação do jogador brasileiro, ainda escravo dos aspectos lúdicos da prática do jogo, do ideal de beleza no espectáculo, e uma progressiva consciência que ia ganhando força no futebol. O jogador profissional, vivendo exclusivamente do futebol. Com ele, com o seu talento e profissionalismo, a diagonal, variação do WM, revelou-se um sistema táctico quase perfeito. Contudo, ele que foi considerado como exemplo de médio de uma época, também naufragou no grande trauma nacional, em 1950, quando o Brasil perdeu, no Maracanã, a final da Taça do Mundo contra o Uruguai.

... Dezembro, dia 19 de 1910, signo de Sagitário, dia de Santa Fausta, a uma hora incerta, filho de pai incerto, numa morada incerta, nasce Jean Genet, catalisador assumido de maldições. Que tem isso? «Limitado pelo mundo,

ao qual me oponho, talhado por ele, serei tanto mais belo, brilhante, quanto os ângulos que me ferem e me dão forma são mais aguçados, mais cruéis as minhas arestas. É preciso continuar os actos até à sua realização. Seja qual for o ponto de partida, o fim será belo. É por não estar concluída que uma acção é infame.»

... Dezembro, ano de 1667, dia 23. Em verdade vos digo. Com a sinistra vela amarela na mão, de pé, Padre António Vieira ouve ler a sentença que o condena a 22 meses de cadeia. Acusador, a Inquisição; acusação, ter escrito que as profecias do Bandarra eram de inspiração divina, logo verdadeiras e que ainda iria aparecer um príncipe português que se tornaria imperador do mundo.

Juízes benevolentes, aqueles.

... Dezembro, dia 24, Consoada. Para os mais felizardos, a ceia: bacalhau cozido com couves, vinhos de marca e doces — rabanadas, filhoses de abóbora, pastéis de doce de grão, palitos de amêndoa, frutas secas. E a boa aguardente, claro, que a noite está fria e a Missa do Galo foi chata. A mesa convém estar decorada a preceito: um pequeno tronco forrado de papel prateado, enfeitado com ramos de pinheiro verde e tudo isto encimado por estrelas e neve de faz-de-conta. O conjunto coloca-se

num cesto de verga e põe-se no centro da mesa; «O outro amigo volta — esfalfado, desiludido num desespero ante o espectáculo da minha dor! Anoitece! É véspera de Natal! Dos boulevards vem o eco folião das multidões balbúrdias... A essa hora, nos restaurantes tumultua a alegria, espuma o champanhe, fluxa o amor... e eu, naquele poste de tortura, com mil tenazes à dentada à alma, aos nervos, ao espírito, à carne» (Repórter X, «Um Natal de morfinómano»).

1954, Organizado pela Prestige um quinteto fantástico grava uma obra fundamental no jazz moderno: Miles Davis, Milton Jackson, Percy Heath, Kenny Clark e Thelonious Monk excutam um velho tema de Gershwin, The Man I Love, que ficará célebre na história do jazz. No auge da composição, Thelonious Monk, ao piano, queda mudo por momentos, atribuindo significação ao seu silêncio, enquanto os restantes continuam imperturbáveis, à espera, à espera, até que ele retoma, pondo termo áquilo que viria a ser designado como o minuto místico, um silêncio melodioso.

... Dezembro, dia 25, dia de Natal, as crianças acordam cedo para espreitarem no sapatinho as prendas que o Menino Jesus lá deixou. As que têm prendas e as que têm sapatinhos. À tarde, a televisão vai, com certeza, transmitir o circo de Billy Smart.

1977, Chaplin vai desta para melhor. Seja onde for, há-de ser melhor porque ele lá está. ... Dezembro, dia 26 de 1891, Brooklyn, Nova Iorque, 14.º distrito: «Eu sou um patriota — no décimo quarto distrito, no Brooklyn, onde fui criado. O resto dos Estados Unidos para mim não existe, a não ser como ideia, como história ou como literatura, quem o disse foi Miller, Henry Miller, Val para os amigos que também escreveu isto: «(...) diz que os portugueses são caricaturas dos espanhóis — mas produziram uma bela literatura.»

... Dezembro, dia 31, dia de S. Silvestre. «Na noite de S. Silvestre, servia-se um salmão, como ainda é costume em numerosas famílias. Desde tempos imemoriais, este animal sobe da vaga da vida como oferenda benéfica, por ocasião da mudança de ano», Ernst Junger. Antigamente, mandava-se fora tudo o que fosse triste — cadeiras velhas, sofás urinados, livros do Lobo Antunes, discos do Letria. Agora, rasga-se o calendário e arranja-se outro, daqueles com garotas despidas. À noite o réveillon, e os melhores réveillons continuam a ser os dos bombeiros, com as gentes a comerem passas e a contarem em voz alta as doze badaladas.

Sete
Ponto
Sete

doces crônicas

Clip



Verdes: é difícil ser partido

É duro ser um partido político. Os verdes, que têm disso uma dolorosa experiência desde o mês de Março, também realizaram este fim-de-semana um congresso, em Duisburgo. Chegou, com efeito, o momento de os perturbadores da vida parlamentar oeste-alemã perguntarem a si próprio quem são. Porque no seu interior as coisas não correm bem.

É certo que nem todas as dificuldades são novas. A sua contradição fundamental era inerente à própria criação do «partido verde» que nunca, na verdade, fez uma escolha entre duas aspirações incompatíveis: por um lado representar um movimento bastante variado cujo campo de acção se cifra fora das

instituições, e, por outro, jogar o jogo parlamentar e fazer a prova, como dizem os alemães, de uma certa «aptidão política». Depois de menos de um ano de experiência do real, a jovem formação dá a triste imagem de um partido usado, destruído pelas suas dissensões internas e mesmo, em certas regiões, demissionário.

Mas, sobretudo, o Outono pacifista, embora sem ter sido «quente», isto é, violento, como fôra anunciado, correu mal para os Verdes: não só lhes escapou largamente a organização da campanha contra os mísseis, como perderam, com as últimas tomadas de posição do S.P.D., no monopólio da representação do movimento pela paz no

seio do Bundestag. O erro táctico dos Verdes consistiu, desde o Verão passado, em se mostrarem partidários de uma «radicalização da acção» contra o aumento do número dos euro-mísseis. Eles desejavam principalmente que os bloqueios organizados perto de diversas instalações militares americanas, não fossem meramente simbólicos.

Em suma, os Verdes, queriam espectáculo e a esmagadora maioria do movimento pela paz recusou ajuizadamente segui-los, durante todas as manifestações do Outono. Fizera-se notar aqui e além, durante as suas incursões em Berlim-Leste, ou quando salpicaram de sangue, durante um cocktail, um

general americano. Mas, para além do facto de essas acções serem origem de querelas entre os «fundamentalistas» do partido, que os inspiravam, e os outros, elas só tiveram como consequência isolar os Verdes. Quando o comité de coordenação encarregado de organizar a semana de acção pacifista de fim de Outubro, decidiu convidar Willy Brandt para o meeting final do dia 29 de Outubro, os Verdes decididamente hostis a essa ideia, abstiveram-se. Naturalmente, as outras organizações venceram.

Essa derrota é, na verdade, a da ala dura do partido (os «fundamentalistas») contra a ala reformista.

● Por ter 64 anos e ainda atrair multidões, por ser uma espécie de último moicano da música americana, por ter feito as suas primeiras caminhadas com Woodie Guthrie, por ter conseguido atravessar os anos sessenta sem desaparecer da cena superlotada, porque é uma espécie de papa irreverente que continua a protestar, **Pete Seeger** é um espectáculo maior. Embora ele venha tocar e cantar ao Pavilhão dos Desportos, uma sala incómoda e com más condições acústicas, trata-se de uma ocasião única para o ouvinte, onde decerto irão misturar-se os mais diversos públicos. Lisboa tornou-se, indiscutivelmente, numa interessante «placa giratória» de música ao vivo... Sexta-feira, às 21 e 30.

● Depois de Ernâni Lopes, **Mota Pinto** na Primeira Página, às 22 horas de amanhã. É cedo ainda para que o dirigente social-democrata esboce uma clara demarcação em relação ao PS; tal só deverá acontecer consumado o calendário da austeridade conduzida pelos socialistas: mais próximo, portanto, das presidenciais, e a propósito do relançamento da economia nacional. No entanto, o caso Garcia dos Santos e o «efeito de retardador» do texto entregue à NP, antes da sua viagem a Macau, chamam a atenção para esta presença televisiva.

● Na agenda obrigatória dos cinéfilos, esta semana: esta noite mesmo, no Cineclube/2 da RTP, um dos primeiros Elia Kazan, **Terra de Ambições**, com Katherine Hepburn e Spencer Tracy. Amanhã na Cinemateca, no ciclo John Ford, **Young Mr. Lincoln**, às 18, e, na última sessão do Citycine, **Os Olhos da Testemunha** de Peter Yates. Sexta-feira às 21 e 45, no Ar.co, **Os Melhores Anos da Nossa Vida**, de William Wyler, e, nas últimas sessões do Quarteto, o **Don Giovanni** de Losey. Nas salas comerciais, vá ver o **Flashdance** de Adrian Lyne. O filme é totalmente desinteressante, mas as suas sequências de dança são fenomenais. Está no Alfa/1, no Mundial e no Borna.

● Amanhã ou depois, às 22 horas, veja o **Marlowe** da Casa da Comédia. Numa época em que passou a ser pecado mortal não conhecer de cor passagens de Chandler e não saber preparar aquele «cocktail» de gin com lima doce, você poderá 1) entrar para o clube, ou 2) sossegar porque ainda não lhe tocaram no seu autor preferido, apesar das referências.